UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA REDE DE CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DEVERBAIS X-NTE

ANA MARIA TAVARES DOS SANTOS

JUIZ DE FORA
2005

ANA MARIA TAVARES DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Lingüística.

Orientadora: Profª Drª Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
Dezembro de 2005

ANA MARIA TAVARES DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Lingüística

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profª. Drª. NEUSA SALIM MIRANDA - ORIENTADORA
UFJF

_____

Profª. Drª. MARIA MARGARIDA SALOMÃO
UFJF

_____

Profª. Drª. HELIANA MELLO
UFMG

Juiz de Fora
Dezembro de 2005

Ao meu Deus,
Jeovah Jireh,
E ao Seu Filho Jesus Cristo,
autor e consumador da minha fé,
a quem eu devo não apenas esta conquista,
mas tudo aquilo que tenho, que sou
e que, um dia, vier a ser.
A Ele toda a honra, toda a glória
E todo louvor, hoje e sempre!

AGRADECIMENTOS

A Deus, o amado da minha alma, sem o qual, definitivamente, eu não teria chegado até aqui.

À Neusa Salim Miranda, minha orientadora, por sua infinita paciência, seu carinho e dedicação, que fazem dela a pessoa brilhante que ela é. Sem ela, eu, definitivamente, não teria conseguido.

A toda minha família: à minha querida e amada mãezinha Alda, por todo apoio, compreensão, dedicação e carinho; ao meu marido João Carlos, por agüentar meu estresse e tanta bagunça em casa; ao meu amado filho, por sua compreensão e carinho; à minha sogra e minha sobrinha Carol, tão prestativas na divisão das tarefas.

Aos meus inesquecíveis professores, não apenas do Mestrado, mas também da graduação, pois cada um deles é parte da minha história. Muito obrigada a todos, especialmente ao Mário Roberto ("gente boa!"), à Nilza, à Luciana Teixeira, à querida e doce Cândida, à inesquecível Margarida Salomão, ao Paiva, e à Ana Cláudia, mais que professora, uma grande amiga, alguém que faz com que tenhamos vontade de seguir por esse caminho, ainda que tão árduo e pouco valorizado, que é o caminho da docência, pois seu amor à profissão me fez entender que dar aulas é mais que ensinar verbos ou poesias, mas ajudar ao outro na construção de si mesmo e, em conseqüência, de um mundo melhor.

Aos meus queridos companheiros do mestrado, Angélica, Roberta, Flavinha, Assunção, Dina e Tiago, sem os quais obter alguns "10" com a Profª Margarida teria sido bem mais difícil!! E em especial à Crysna, companheira até o fim, a quem Deus me uniu para poder dividir cada uma das alegrias, inseguranças e dificuldades da, muitas vezes dura, jornada;

Aos bolsistas de Iniciação Científica, Paula, João, Bráulio, Cláudio, Anna Carolina e Eduarda, colaboradores importantíssimos e fundamentais deste trabalho;

Aos meus companheiros de jugo, amigos do grupo base de discipulado: meus amados pastores Osman e Débora, Dinalúcia, Rosilene e Quésia, que se alegraram (e ainda se alegram) com cada uma de minhas vitórias, como se fossem suas próprias conquistas e a todos os amigos que sempre estiveram ao meu lado e acreditaram em mim: à Rosana, mais que minha melhor amiga, a melhor irmã que alguém pode ter; à Cláudia, à Camilinha, aos casais que têm se mostrado grandes amigos, Lúcio e Marciléia, Patrícia e Washington, Mayra e Vinicinho, Cristina e Roberto, e a cada um dos meus amigos e irmãos em Cristo, que compartilham desta vitória comigo, como corpo de Cristo que somos.

No princípio era o Verbo estava com Deus,
e o Verbo era Deus.
Todas as coisas foram feitas por intermédio dele,
e sem Ele nada do que foi feito se fez.

João 1:1-3

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta
Podre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Orientada pela crença na insuficiência do significante lingüístico, a Lingüística Cognitiva vem assumindo como sua agenda de investigação principal, os processos de produção e compreensão dos significados. Postulando ainda a continuidade essencial entre gramática e léxico, este modelo teórico assume, como hipótese específica sobre a teoria da linguagem, a natureza CONSTRUCIONAL de todo conhecimento lingüístico. São esses os pressupostos fundamentais que norteiam o presente estudo, que tem por objeto as construções agentivas deverbais em x-nte, situadas no campo da morfologia semi-produtiva. Dentro desse escopo teórico, as principais construções assumidas por este estudo são a Hipótese Sociocognitivista da Linguagem, nos termos delineados por SALOMÃO (1999; 2003; 2004) e MIRANDA (2000; 2003); a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987;), a Hipótese da Mente Literária (TURNER, 1996), a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), a Gramática das Construções nos termos de GOLDBERG (1995) e MANDELBLIT (1997) e, ainda, da Hipótese da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002). Nosso objetivo é não apenas descrever, mas também explicar a configuração da rede de construções x-nte, investigando suas condições de licenciamento, armazenamento e recorrência. Para tal, buscamos um diálogo com outras dissertações realizadas nesta mesma área (BOTELHO, 2004) e (CARMO, 2005), postulando a existência de construções em diferentes níveis de especificação, quais sejam, o Padrão Abstrato Agentivo Genérico que, armazenado no léxico, recobriria tanto expressões agentivas sintáticas quanto morfológicas; o Padrão de Construções Agentivas Mórficas Genéricas Deverbais, o qual abarcaria a rede de construções x-nte. Nossas análises configuram a rede de construções x-nte como uma rede polissêmica, na qual podemos encontrar, basicamente, formações adjetivas prototípicas, as quais instanciam, por elos metonímicos, construções agentivas substantivas. Por fim, ancorados na análise dos *clusters* sintáticos e semânticos dos agentivos x-nte, estabelecemos a existência de duas construções: a CONSTRUÇÃO DE PROPRIEDADE (*situação humilhante, neurotizante, empolgante*) e a CONSTRUÇÃO DE PERSONIFICAÇÃO (*estudante, persistente, dirigente*). Nesta última, reconhecemos a existência de uma construção de "agentes químicos" (*refrigerante, adoçante, alisante*) herdeira, por elo metafórico, da construção de agentes humanos (*navegante, comerciante, visitante*). Intentamos, com este trabalho, trazer uma nova visagem para o trato de tais construções, uma vez que a grande maioria das pesquisas sobre esse fenômeno tem sido norteada por um trato formalista. Acreditamos que nossas investigações possam contribuir, de algum modo, com algumas questões que têm sido levantadas sobre tais formações, abrindo um olhar sociocognitivo para o trato de fenômenos morfológicos.

ABSTRACT

Leaded by the belief in the scarcity of the linguistic signifier, Cognitive Linguistics has given priority to the processes of meaning production and comprehension on its research agenda. Postulating also the essentiality of the syntax-lexicon continuum, this theoretical model assumes the constructional nature of all linguistic knowledge as a specific hypothesis on the language theory. These are the fundamental premises that underlie the present study, whose object are the verb-derived *x-nte* agentive constructions, situated in the field of semi-productive morphology. Within this theoretical scope, the main constructions assumed by this study are the Sociocognitive Hypothesis of the Language as outlined by SALOMAO (1999; 2003; 2004) and MIRANDA (2000; 2003); the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987), the Literary Mind Hypothesis (TURNER, 1996), the Theory of Mental Spaces (FAUCONNIER, 1994; 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), the Construction Grammar as outlined by GOLDBERG (1995) and MANDELBLIT (1997), as well as the Parallel Architecture Hypothesis (JACKENDOFF, 2002). Our objective is not only to describe but to explain the configuration of the *x-nte* contructional network, investigating its licensing, storing and recurrence conditions. In order to do that, we seek a dialogue with other studies accomplished in this same area (BOTELHO, 2004) and (CARMO, 2005), postulating the existence of constructions in different levels of specification: the Generic Agentive Abstract Pattern, which, stored in the lexicon, would cover both syntactical and morphological agentive constructions; the Pattern for Generic Morphological Agentive Constructions, which would comprise the *x-nte* construcional network. Our analyses indicate the *x-nte* constructional network is configured as a polysemic network, in which there are, basically, prototypical adjective formations that instance noun agentive constructions through metonymical links. Finally, anchored in the analysis of *x-nte* agentives' syntactic and semantic clusters, we establish the existence of two constructions: the PROPERTY CONTRUCTION (*situação humilhante/neurotizante/empolgante*) and the PERSONIFICATION CONSTRUCTION (*estudante, persistente, dirigente*). In the latter, we recognize the existence of a "chemical agent" construction (*refrigerante, adoçante, alisante*), which inherits from the human agent construction (*navegante, comerciante, visitante*) by means of a metaphorical link. With this work, we intend to establish a new point of view to the approach of those constructions, since the vast majority of the research on this phenomenon has been done from a formalist point of view. We believe our investigations may contribute in some way with some questions that have been raised about such formations, instituting a sociocognitivist approach for the explanation of morphological phenomena.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO, p. 12

1.1.O OBJETO DE ESTUDO, P.

1.2 METODOLOGIA DE TRABALHO

2. UM ENQUADRE TEÓRICO SOCIOCOGNITIVISTA PARA O TRATAMENTO DO LÉXICO, p. 17

2.1 A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS, p. 18

2.2 O PROCESSO COGNITIVO DA MESCLAGEM, p. 20

2.2.1 Um novo olhar sobre a metáfora, p. 24

2.3. INTEGRAÇÃO ENTRE FORMA E SENTIDO, p. 27

2.3.1 A Gramática das Construções na concepção de Goldberg, p. 29

2.3.2 A abordagem de Mandelblit: a Gramática das Construções e o Processo Cognitivo de Mesclagem, p. 34

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 37

3 A QUESTÃO DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL NO DOMÍNIO MORFOLÓGICO, P. 38

3.1. BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS, p. 41

3.1.1 Sobre os limites dos modelos formalistas, p. 44

3.1.2. Da relevância do Princípio da Analogia para o trato dos processos de integração conceptual morfológicos, p. 46

3.2. POR UMA ABORDAGEM FLEXIVA DO LÉXICO, p. 48

3.3 ESTUDOS DAS FORMAÇÕES EM X-NTE, p. 53

3.3.1 Os estudos dentro da tradição gramatical, p. 54

3.3.1.1 A contribuição dos dicionários, p.54

3.3.1.2 A tradição gramatical, p. 55

3.3.2 Uma abordagem lexicalista das formações em x-nte, p. 57

3. 3. 3. Pontuando algumas reflexões sobre as formações x-nte, p. 60

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p.62

4 A REDE DE CONSTRUÇÕES DEVERBAIS EM X-NTE, P. 63

4.1 O PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO, p. 62

4.1.1 O Padrão Genérico: repensando as abordagens anteriores, p. 67

4.1.2 A Construção Agentiva de Ação Rotineira, p. 72

4.2 A CONSTRUÇÃO AGENTIVA MÓRFICA GENÉRICA DEVERBAL, p. 25

4.2.1 A solução construcional, p. 77

4.2.2 A construção agentiva mórfica genérica deverbal e o processo cognitivo de mesclagem, p. 80

4.3 A CONFIGURAÇÃO DA CONSTRUÇÃO AGENTIVA DEVERBAL X-NTE, p. 82

4.3.1 Descrição morfossintática de x-nte, p.83

4.3.2 Uma abordagem funcional e cognitiva da flutuação N/adj., p.87

4.3.3 A origem latina, p.90

4.4 CONFIGURANDO A REDE DE CONSTRUÇÕES X-NTE – OS ELOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS, p. 92

4.4.1 A Construção Agentiva de Personificação e seus *clusters* semânticos, p. 95

4.4.2 Configurando a polissemia da rede de construções agentivas em x-nte, p. 96

4.4.3 Sobre o papel da estrutura argumental nas formações x-nte, p. 99

4.4.3.1 As restrições sintático-semânticas da grade argumental, p. 99

4.4.3.2 As construções deverbais e a questão da herança da grade argumental, p. 102

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 106

5. CONCLUSÃO, p. 108

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 111

7. ANEXOS, p. 114

ANEXO 1 - 1º, 2º E 3º GRUPOS DE CONSTRUÇÕES EM X-NTE, P. 115

ANEXO 2 - NEOLOGISMOS, P. 121

ANEXO 3 - FORMAÇÕES ERUDITAS, P. 125

ANEXO 4 - EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS, P. 130

ANEXO 5 - OBJETOS, LOCATIVOS, CONCEITOS, P. 133

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1: formalização de uma rede mínima, p. 22

Diagrama 2: formalização da mescla do título da novela "*Chocolate com Pimenta*", p. 23

Diagrama 3: fusão abstrata do esquema verbo-construção, p. 32

Diagrama 4: Fusão da construção movimento causado *Alex Dias chutou a bola para escanteio*, p.32

Diagrama 5: Construção transitiva básica, p. 36

Diagrama 6: Modelo paralelo tripartite, p. 50

Diagrama 7: formalização do padrão abstrato agentivo genérico, p. 66

Diagrama 8: formalização da *Construção abstrata agentiva genérica* , p. 67

Diagrama 9: Construções Oracionais do PB, p. 73

Diagrama 10: formalização da Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal, p. 78

Diagrama 11: formalização da construção *hidratante*, p. 79

Diagrama 12: formalização do processo de mesclagem gerador de *estudante*, nos termos de Mandelblit (1997), p. 81

Diagrama 13: rede de relações das construções x-nte, p. 93

Diagrama 14: rede de *clusters* semânticos produtivos em x-nte, p. 96

Diagrama 15: formalização do processo de mesclagem gerador de *amaciante*, p. 97

Diagrama 16: rede de construções agentivas x-nte, p. 98

1. INTRODUÇÃO

"Nada mais poderoso do que uma idéia
que chegou no tempo certo."
Victor Hugo

Em todo percurso de sua história, os fascínios da ciência sempre encantaram a humanidade. Desde os mais remotos tempos, os homens têm tentado desvendar os diversos mistérios que se ocultam em nosso universo. Em decorrência disso, grandes descobertas têm se realizado através dos séculos, desde coisas que para nós hoje nos parecem simples, como a redondeza da Terra, ou a vacina contra o sarampo, até os *chips* de alta tecnologia e a clonagem de animais. Muitas respostas já foram encontradas pelo homem, mas ainda há muitos mistérios ocultos a serem revelados. E quando (ou se) tais respostas forem encontradas, provavelmente, surgirão outras perguntas e outros mistérios, que continuarão intrigando e fascinando o homem, que sempre buscará encontrar uma explicação para as incógnitas que permeiam nosso admirável mundo.

Matemática, física, geologia, astrologia, genética, são muitos os campos e caminhos que deslumbram o ser humano e o fazem alçar os vôos da ciência. E dentre tantos caminhos, há uma área, desafiadora e magnífica, que nos encanta de uma forma espetacular, pois faz parte da vida de cada um dos seres humanos, de um modo muito especial: o fenômeno da linguagem. Durante séculos, os homens têm buscado estudá-la, entendê-la, catologá-la, registrá-la e até mesmo inventá-la.

Aos lingüistas cognitivistas, fascinam os mistérios da mente humana em torno da linguagem, por isso buscam entender seus fenômenos, desde as instigantes questões sobre seu surgimento, até a sua forma de expressão em múltiplas línguas contemporâneas. No século XX essa procura significa grandes avanços no desvendamento da FORMA, do SIGNIFICANTE. Operações lógicas, cálculos algorítmicos, com previsibilidade e transparência planejadas, ajudaram à ciência cognitiva a elaborar o caminho da linguagem artificial, a criar modelos sofisticados de análise lingüística. Na virada deste século, no

entanto, a ERA DA FORMA, com suas certezas, cedeu lugar a uma era em que as ciênicas cognitivas passaram a pensar o “rigor científico” em termos diferentes. O rigor não estaria em respostas racionais, fórmulas, cuja aparente clareza derivava do abandono à variedade, à riqueza de fenômenos ditos idiossincráticos. Rompida a certeza de uma regularidade quase normativa, a ERA DA IMAGINAÇÃO trouxe ao debate sobre a cognição e a linguagem a singular capacidade humana em integrar, projetar “coisas parecidas” em redes complexas, de modo a criar, renovar e trazer sempre o inédito, a diferença para o cenário da interação lingüística.

Aberta esta fronteira, as possibilidades de investigação sobre a compreensão da linguagem se alargaram. São tantas as questões, que se torna mesmo difícil escolher, entre elas, qual a mais digna de investigação, a de maior relevância na montagem do grande quebra-cabeças dos estudos da linguagem.

As respostas são muitas e, diante de tantas veredas cativantes, como escolher apenas uma opção para desenvolver uma dissertação de mestrado? Esta é a primeira e a mais difícil escolha. Recortar a matéria e definir o objeto são tarefas difíceis, uma vez que a princípio, todo pesquisador iniciante acredita poder se embrenhar por todos os campos e encontrar respostas grandiosas para grandes problemas. Não foi diferente comigo. Acredito, no entanto, ter feito a escolha certa, ao me enveredar pelo caminho dos estudos morfológicos realizados neste trabalho. Foi uma escolha árdua, admito, por se tratar de um caminho pouco trilhado até então pelos pesquisadores cognitivistas no território da língua portuguesa e acredito ser o mesmo em outros cenários. Seria fácil percorrer um caminho já delineado, mas compensou-nos o prazer de saber-nos em um garimpo ainda novo, cheio de tesouros a serem descobertos. É uma pequena parte dessas descobertas que orienta nosso percurso no presente estudo – AS CONSTUÇÕES AGENTIVAS DEVERBAIS – é o mapa desse garimpo que passamos a apresentar na próxima seção.

1.1 O Objeto de Estudo

No caminho escolhido na presente Dissertação de Mestrado, temos como matéria investigativa o campo da Morfologia semi-produtiva, o como objeto as construções

agentivas deverbais em x-nte no Português do Brasil (PB) *(humilhante, fascinante, viajante, adoçante*). Deste modo, propomo-nos a desvelar as redes de relações que envolvem tais formações, orientados pela premissa de que o significado das construções vai além de sua forma, ou seja, o significante não porta o significado; apenas o guia. Assim sendo, tentaremos, então, explicar quais são as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência dessas construções.

A busca por trabalhos realizados nesta área resultou em um pequeno conjunto de análise de viés formalista ou funcionalista. Por cremos que tais análises não têm dado conta de abranger toda a complexidade do fenômeno lingüístico, dado o caráter estrutural que conferem ao significante lingüístico, tratando-o como desencarnado das cenas comunicativas, nosso propósito, aqui, foi buscar uma nova abordagem para tais construções, adotando a visão da **Hipótese Sociocognitiva** (SALOMÃO, 1997, 1999) como programa teórico condutor, o qual destaca o contexto sociocultural no qual o falante se insere, bem como os processos cognitivos envolvidos na produção da linguagem. Assim, nos guiando por este viés teórico, teremos nossa base nos trabalhos de Gilles Fauconnier (1994; 1997), Fauconnier & Turner (2002), Mark Turner (1996), Adele Goldberg (1995), Nili Mandelblit (1997), George Lakoff (1987), Lakoff & Jonhson (1980) e Ray Jackendoff (2002) e Salomão (2002).

Vale ressaltar que o presente trabalho faz parte de uma série de investigações sobre o léxico, realizadas por um grupo de pesquisa (GP) denominado Gramática e Cognição, o qual é liderado pela professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão. As pesquisas no campo lexical têm sido orientadas pela professora Doutora Neusa Salim Miranda, e esta é a terceira dissertação elaborada nesta área, sendo que foram também pesquisadas as construções denominais em x-eiro (BOTELHO, 2004) e x-ista (Carmo, 2005). O presente trabalho é portanto um desdobramento dos estudos de Botelho (2004) e Carmo (2005).

Pelo caminho eleito, o próximo capítulo apresenta os pressupostos teóricos dos autores supra-citados, traçando os pontos fundamentais definidores desse paradigma sociocognitivista, objetivando enfocar as premissas que embasarão nossas análises.

No capítulo três, traçamos um apanhado dos estudos realizados dentro do campo morfológico. Primeiramente, teremos uma visão teórica geral sobre o assunto, passando, em seguida às formações deverbais em x-nte. Ao final do capítulo, apresentaremos a

importante e recente teoria delineada por Jackendoff (2002): a hipótese construcional da Arquitetura Paralela, a qual contribuirá grandemente para nossas pesquisas.

No quarto capítulo, apresentaremos, enfim, a análise dos deverbais em x-nte, descrevendo o processo de integração conceptual que tece sua construção. Num diálogo com Botelho (2004) e Carmo (2005), buscaremos investigar os fenômenos que subjazem a essas formações, bem como suas condições de licenciamento e produtividade, abrangendo desde suas origens latinas até os mais recentes neologismos. Partindo da postulação de um Padrão Abstrato Agentivo Genérico que, armazenado no léxico, recobriria tanto expressões agentivas sintáticas quanto morfológicas, estaremos investigando a existência de um padrão de Construções Agentivas Mórficas Genéricas Deverbais, que armazenaria a rede de construções x-nte, configurada como uma rede polissêmica. Projeções metonímicas e metafóricas são, em nossas hipóteses explicativas, as grandes protagonistas, ajudando-nos a definir a rede de construções proposta.

1.2. Metodologia de Trabalho

Buscando definir a gama de sentidos das Construções x-nte no PB, nossa coleta de dados partiu das "listas prontas" de palavras com o sufixo –nte encontradas em gramáticas, *sites* e dicionários. A ausência de formações novas nos dicionários pesquisados, levou-nos a ampliar nosso *corpus* a partir de contextos reais de interação verbal ou registros escritos, de modo a captar usos recorrentes e neologismos no Português do Brasil, levando-nos a colher alguns exemplos (Cf. anexo 2) em conversas informais.

Nossa metodologia de pesquisa constituiu-se, basicamente, em coletar dados e procurar classificá-los, estabelecendo uma tipologia de acordo com a natureza morfossintática e sintático-pragmática dessas formações.

É fato que, em uma agenda investigativa voltada para o processamento do significado, qualquer análise não pode prescindir de uma abordagem interpretativa. Vale, contudo, ressaltar que, no seio de nossa tradição lingüística, fica resguardado o espaço para formulações de hipóteses ancoradas em pressupostos teóricos e analíticos sociocognitivistas. Dentro das postulações com este viés, há o lugar da memória, dos

conhecimentos estruturados, das projeções e compressões que, de modo genérico, recobririam os processos de significação de qualquer natureza, inclusive os presentes em integrações conceptuais de natureza morfológica com que trabalhamos. Tais processos consubstanciam nossas hipóteses genéricas.

2. UM ENQUADRE TEÓRICO SOCIOCOGNITIVISTA PARA O TRATAMENTO DO LÉXICO

"Existem mais coisas entre o céu e a terra
do que sonha a nossa vã filosofia".
Shakespeare

"A imaginação é mais importante que o conhecimento."
Albert Einstein

Conforme anunciado (cf. cap.1), as investigações propostas neste trabalho têm como escopo teórico nuclear um feixe de princípios alinhados com a vertente cognitivista dos estudos da linguagem nomeada como Hipótese Sociocognitiva (SALOMÃO, 1999, 2003, 2004; MIRANDA, 1999, 2000). Tal hipótese reúne as pesquisas cognitivistas de lingüistas como Lakoff, Langacker, Fauconnier, Turner, Sweetser, Salomão, entre outros, que entendem a linguagem, não como uma faculdade autônoma, mas como um modo da cognição, intimamente ligado a outros domínios cognitivos. Contrapondo-se à visão mentalista e formalista do cognitivismo chomskiano, que compreende a linguagem como objeto autônomo do cérebro, legando uma postura periférica, ou mesmo nula, à cultura e ao contexto comunicativo, a Hipótese Sociocognitiva recupera a dimensão experiencial do pensamento e da linguagem, entendendo-os como intimamente ligados ao modo de vida e à cultura humana.

Neste capítulo, pretendemos traçar os pontos fundamentais definidores desse paradigma sociocognitivista, com o propósito de enfocar as premissas que embasarão nossas análises. Farão parte de nosso trabalho os seguintes pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva: a Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF & JOHNSON,1980); a Teoria dos Espaços Mentais, com relevo para o conceito de Mesclagem/ *blending* (FAUCONNIER & TURNER, 2002); e a Gramática das Construções nos termos de Goldberg (1995) Mandelblit (1997), Salomão (2002) e a Hipótese da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002)[1] .

[1] A Hipótese da Arquitetura Paralela será apresentada no capítulo 3, voltado para o léxico.

2.1 A Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997), Fauconnier e Turner (2002), dentre outros, representa uma importante contribuição para o paradigma sociocognitivista em questão. Os estudos realizados dentro desse viés teórico começam por afirmar a INSUFICIÊNCIA DO SIGNIFICANTE, o que significa dizer que as formas lingüísticas não são portadoras de significado, mas apenas guias para a construção de significações em domínios mentais. Nesses termos, os significados são compreendidos como construções mentais que se processam por intermédio de pistas lingüísticas e outros canais semiológicos. Deste modo, produzimos enunciados ativando correlações entre as formas lingüísticas e as diferentes estruturas de conhecimento que são arquivadas em nossa mente ao longo de nossa vida.

Vale, a esta altura, um parêntese de modo a ressaltar que a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem vai assumir os pressupostos da Teoria dos Espaços Mentais, emprestando-lhe, no entanto, um viés mais radicalmente sociocultural e interacional. Assim, afirmando a NATUREZA SOCIOCULTURAL DA COGNIÇÃO HUMANA, nos termos de TOMASELLO (1999) e assumindo um conceito de linguagem que a define como uma forma de ação conjunta, os sociocognivistas compreendem o processamento da significação, em termos holísticos ou gestálticos, como uma integração de estruturas formais e significados semântico-pragmáticos, dinamicamente construída em contextos discursivos reais.

Negando o modularismo posto pelo gerativismo, a Teoria dos Espaços Mentais define a linguagem como um dos modos da cognição e compreende os processos cognitivos de significação como operações que implicam a existência de **domínios** e de **projeções entre domínios.**

Os **domínios cognitivos** são definidos como conhecimentos que se organizam esquematicamente, compondo arquivos mentais estáveis, os quais podem ser classificados nos seguintes termos: (1) modelos cognitivos idealizados (MCI), (2) molduras comunicativas (ou *frames*) e (3) esquemas genéricos.

Os **MCIs** são estruturas estáveis, embora não estáticas, e são o modo pelo qual o nosso conhecimento se organiza. Chamamos tais modelos de idealizados por serem estes

modelos culturais que guiam nossas relações sociais enquanto indivíduos. Nos termos de Miranda (1999, p.83), os MCI's são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis, tendo um papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária.

Como exemplo de MCI, Lakoff (1987) utiliza o conceito de mãe, que implica uma série de conceitos, tais como: mãe é aquela que gera, dá a luz, que educa, que cria, etc. Nos termos desse autor, os MCIs podem ser estruturados em quatro princípios básicos: estrutura proposicional (estruturam as relações que os elementos mantêm entre si); estrutura esquemático-imagética (núcleo pré-conceptual mais básico do modelo); mapeamentos metafóricos (projeções entre os MCI's); e os mapeamentos metonímicos ("modelos de um ou mais tipos acima, contendo uma função que associa um dos elementos do modelo a outro elemento desse") (LAKOFF, 1987 apud TORRES 2004, p.17).

As **molduras comunicativas** – ou *frames* de interação – revelam que o reconhecimento dos enunciados pode se manifestar dentro do contexto situacional, no momento da interação verbal, uma vez que são domínios conceptuais que se organizam internamente e se instanciam conforme necessidades peculiares, ou seja, são relações sociais que, embora culturalmente estabelecidas, podem sofrer algum tipo de alteração.

Os **esquemas genéricos** permitem que um vasto número de percepções, imagens, argumentos e conceptualizações se organizem, pois se estruturam de forma mais aberta e abstrata.

Além dessas estruturas estáveis para a construção dos significados, a Teoria dos Espaços Mentais postula também a existência de estruturas provisórias, as quais chamamos de **domínios locais ou espaços mentais**, que operam dinamicamente no fluxo discursivo.

Estes são espaços de **construção de referência.** Não são estruturas previamente prontas, mas emergem *on-line*, ou seja, acontecem na mente à medida que o pensamento e a fala se desenrolam, pois são estruturas mentais transitórias, lacunares, que vão se desfazendo à medida que a seqüência lingüística se desenrola. Na continuidade do discurso, outros espaços interligados vão emergindo, gerando assim a construção dos discursos, em que os sujeitos da interlocução podem adicionar, relacionar, ou mesmo apagar elementos de outros espaços. Tais possibilidades explicam porque os falantes encontram novos significados em uma mesma forma. Pelos espaços mentais podemos representar o

dinamismo dos processos de referenciação, que são processados, estruturados e encadeados uns aos outros, formando uma série de elos pelos quais compreendemos significados. É deste modo, por exemplo, que podemos entender o significado de tantas gírias que surgem a cada dia na fala jovem do PB, como a palavra *filé*, designada pelo dicionário Aurélio (2004) como "designação vulgar dos músculos psoas do boi, da vitela, do porco e de outras reses, b*ife"*, tem sido usada popularmente no PB para designar pessoas muito bonitas (ou, popularmente, "*gostosas*"). Deste modo, o falante mapeia dois espaços mentais: num deles, no domínio fonte, se encontra, a carne *filé*, e no outro, no domínio alvo, uma pessoa bonita. Deste modo ele projeta, metonimicamente, algumas características do *filé* (tida como a parte mais cara e gostosa da carne) para a pessoa, integrando-os em um domínio de homologia, regido pela metáfora "sexo é alimento", em que surge então a nova gíria: "*A Juliana Paes é o maior filé!*"

Fauconnier (2002, p. 6-7), pensando a cognição humana nos termos acima, vai definir os três princípios, ou seja, "os três Is" que a constituem: Identidade, Integração e Imaginação.

Pela Identidade nós somos capazes de reconhecer as coisas que nos cercam (A é igual a B). A Integração é um complexo processo de projeção conceptual, com propriedades dinâmicas e estruturais elaboradas e contrastes operacionais, pelo qual relacionamos as identidades que reconhecemos, juntamos coisas parecidas. Essas duas – Identidade e Integração – se constituem como uma mostra do poder Imaginativo da cognição humana. Assim, nossa mente projeta e integra domínios, gerando identidade entre contrapartes dos mesmos. São essas projeções que vão não apenas formar, mas também integrar os domínios, produzindo o conhecimento.

2.2 O Processo Cognitivo da Mesclagem

Como já dito, os espaços mentais – que são usados para mapear dinamicamente o pensamento e a linguagem – são parciais, ou seja, contêm elementos estruturados por *frames* que se interligam e se modificam à medida que o discurso se desenrola. Essa teoria Fauconniana é complexificada pela postulação do conceito de *blending* ou mesclagem

(FAUCONNIER E TURNER, 1994, 2002). Este seria um processo cognitivo geral, uma vez que não se restringiria à linguagem, mas se estenderia a todo sistema cognitivo. A mesclagem pode operar em diversos níveis e nos mais variados contextos, de forma inconsciente, e seria responsável, em grande parte, por nossos processos de criação, por nossas realizações de pensamento e linguagem, sendo um processo ativo, operando sempre no momento do discurso.

Segundo Fauconnier (1994, p.194), o processo de mesclagem permite explicar uma série de fenômenos lingüísticos e ajuda-nos a conhecer de melhor forma a natureza das relações que existem entre construções lingüísticas e processos cognitivos.

Para a realização de um processo de mesclagem, é necessário que **objetivos** e algumas **condições** sejam satisfeitas:

Fauconnier e Turner (2002) revelam que o processo de mesclagem é, em essência, um mecanismo de **compressão.** Assim, "comprimir para entender" é o objetivo desse processo de integração em rede. As mesclas se realizam integrando significados e formas, de modo a alcançar legibilidade. Reduzindo à escala humana, fazendo emergir protonarrativas, alcançando *insights* globais, podemos compreender palavras e expressões, sejam estas antigas ou novas, realizando assim categorizações, inferências metafóricas, ironias, etc, em um processo realizado quase sempre de forma automática e rotineira.

Quanto às condições necessárias, as mesclas surgem em redes que envolvem, no mínimo, quatro espaços mentais (podendo ser mais do que quatro).

Dois desses espaços seriam os **espaços mentais fonte** (*input* I e II). Entre eles ocorrem correspondências, deslocamentos, projeções, de forma a interrelacionar os elementos que compõem os espaços. As construções compartilhadas são capturadas num terceiro espaço de homologia – **o espaço genérico** – que permite assim o emparelhamento dos dois espaços de partida. O quarto domínio integrante dessa rede é o espaço mescla, no qual as estruturas dos dois *inputs* se projetam. Nem todos os elementos presentes nos demais espaços se projetarão para a mescla, mas apenas os que forem pertinentes à realização e ao processamento da informação, havendo assim, uma projeção seletiva. Teremos, então, uma **estrutura emergente**, que carrega o resultado inédito da mescla e que é gerada de três modos: pela **composição** das projeções dos *inputs*, que podem vir de relações que não se encontravam nos *inputs* separados, pelo **completamento** baseado nos

frames inconscientemente pré-existentes e nas cenas independentemente recrutadas, e **através de elaborações**, muitas das quais trazidas pelo **completamento**.

Fauconnier e Turner (2002. p. 46) nos dão um diagrama básico deste esquema:

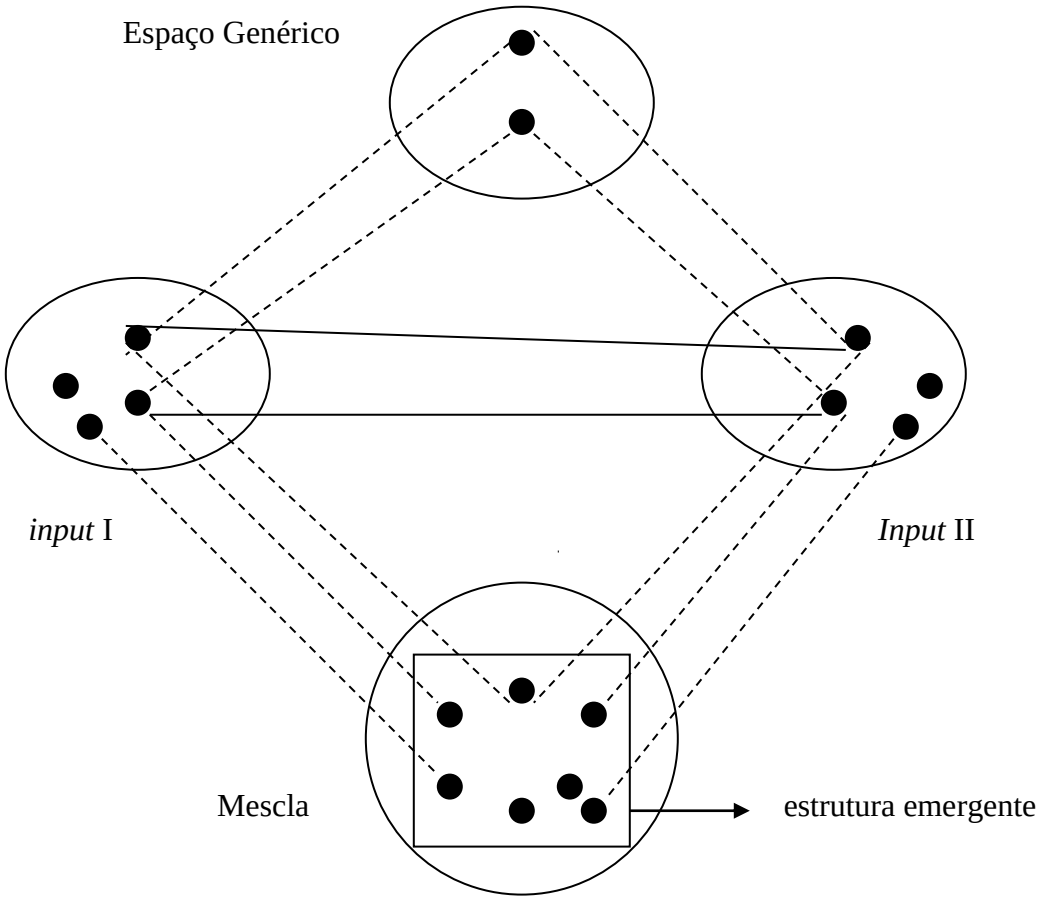

Diagrama 1: formalização de uma rede mínima

Para ilustrar a estrutura da mesclagem, vamos usar o título de uma das novelas da rede Globo de Televisão (exibida de setembro / 2003 a maio / 2004) – *Chocolate com Pimenta*, que tinha em seu enredo uma série de histórias de amor, sempre entrelaçadas e "recheadas" de muitas intrigas e vinganças. Como pano de fundo, uma fábrica de chocolate, a qual era a principal fonte de renda de uma cidadezinha da década de 20. Assim, temos:

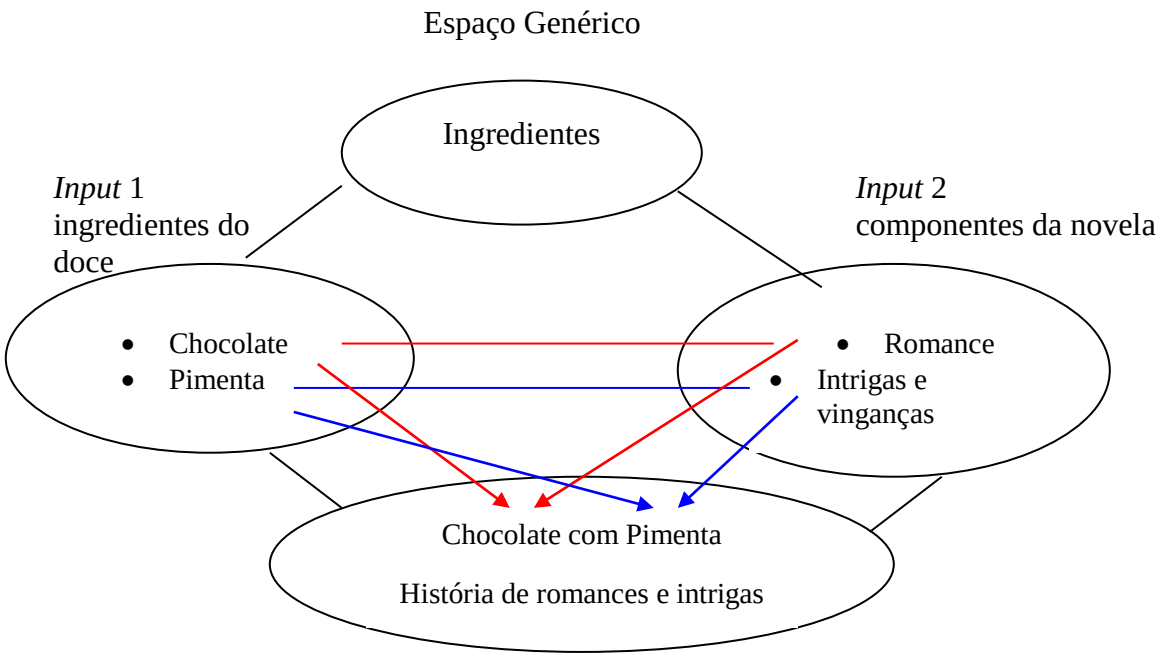

Diagrama 2: formalização da mescla do título da novela "Chocolate com Pimenta"

Nesta mescla, os espaços ou domínios-fonte conflitam entre si, pois têm enquadres organizados diferentes; não há relação direta entre um doce e uma narrativa de novela. Neste caso, o enquadre 1 (doce) será importado para a mescla de modo a reenquadrar o enquadre-alvo (novela). Temos, portanto, um título metafórico, típico de **redes de escopo único**. Os ingredientes do doce são uma metáfora dos "ingredientes" da novela. As intrigas e vinganças que se interpõem às histórias de amor constituem o enredo e geram o título.

No final da novela, o autor parece "desconstruir" a metáfora quando o doce chocolate com pimenta surge "fisicamente" como uma espécie de "tábua de salvação" (a protagonista fica pobre e se reergue quando descobre várias receitas de bombons de chocolate com pimenta).

O exemplo dado ilustra apenas um dos vários tipos de redes postulados por Fouconnier e Turner (2002). Revelando, de modo explícito, uma preocupação em relação à necessidade de se descreverem os tipos de redes, de modo a se chegar a uma compreensão mais precisa de sua natureza, os autores apresentam cinco tipos: redes simples, em espelho, de escopo único, de duplo escopo[2], e de múltiplo escopo[3].

---

[2] Como este tipo de rede será invocado em nossa análise, vale aqui explicar que, em tais redes, os espaços são enquadrados por esquemas organizadores distintos, que podem ou não conflitar entre si, sendo que os *inputs* não podem ser justapostos. A mescla compõe-se dos elementos dos dois domínios, além de sua própria

2.2.1. Um novo olhar sobre a metáfora

Por muitos séculos, o processo metafórico foi visto apenas como um recurso estilístico, uma figura de linguagem. Ainda hoje alguns estudos da linguagem o tratam desse modo, postulando-o como uma instância lingüística de comparação. Como figura de linguagem, ocupa o último capítulo das gramáticas normativas do Português e tem a existência reconhecida apenas no discurso literário. Como todo "discurso não literal", esteve fora do escopo da Lingüística formalista. A metáfora foi mesmo identificada, por pensadores de várias procedências e épocas (Aristóteles, Locke, Hobbes), como uma forma de desvio do pensamento, ou mesmo como uma marca de imperfeição ou abuso de linguagem.

Com o advento da Lingüística Cognitiva, porém, a questão do poder projetivo, figurativo do pensamento e da linguagem passa a ocupar papel crucial em toda a construção teórica do modelo.

Na obra *Methaphors we live by*, Lakoff & Johnson (1980) afirmam o caráter corporificado e imaginativo do pensamento e da linguagem, construindo uma teoria cognitiva da metáfora.

Nesse enquadre, as construções metafóricas deixam de ser simples recursos de linguagem, passando a ocupar o *status* de um processo cognitivo amplo, um modo de pensar peculiar à cognição humana. Desse modo, estão presentes em qualquer discurso (científico, literário, cotidiano), manifestam-se através de qualquer semiose, não só da linguagem verbal, influenciando até mesmo detalhes mais triviais de nossos comportamentos cotidianos.

LAKOFF e JOHNSON (1980) são os principais responsáveis por tal revisão teórica no seio da Lingüística Cognitiva. Postulam a metáfora como um sistema conceptual que faz parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem. Em seus termos, o mundo à nossa volta é compreendido por intermédio de metáforas e muitos dos conceitos básicos

---

estrutura emergente. Na construção da mescla, uma única mudança na estrutura causal é o suficiente para produzir a estrutura emergente específica para a mescla. A estrutura emergente não está nos *inputs*, ela é parte da construção cognitiva da mescla.

[3] Para um estudo detalhado dos tipos de redes, ver FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

que adquirimos como tempo, quantidade, estado, ação, e mesmo conceitos emocionais como amor, raiva, alegria, etc. são compreendidos metaforicamente. Os autores chegam a dizer que as metáforas são tão importantes como nossos cinco sentidos, uma vez que muitas de nossas percepções só se realizam por intermédio delas, que influenciam até mesmo nossas atividades cotidianas, nosso comportamento e nossos relacionamentos.

Os lingüistas propõem um paradigma experiencialista, no qual relacionam pensamento e linguagem. Eles afirmam que o pensamento é encarnado e as categorias cognitivas são dadas a partir do corpo, e são grandemente afetadas por questões sociais, culturais e históricas. Segundo Johnson (1997, xvi), *"*o conceito de experiência integra tanto o indivíduo quanto o coletivo, além de unir dimensões perceptuais e aspectos relativos ao nosso programa motor e dimensões emocionais, históricas, sociais e lingüísticas".

Diante de tais postulações, os autores defendem que experiências físicas (estendendo-se também às nossas percepções emocionais, históricas, socioculturais e lingüísticas), como se deslocar, engolir, expelir, descer, subir, etc., regem os nossos conceitos fundamentais para a compreensão e raciocínio. Sendo assim, os autores postulam um nível de vivências primitivas que se realizam automática e inconscientemente – as *estruturas pré-conceptuais* – que abarcam os esquemas imagéticos e as categorias de nível básico.

Os esquemas imagéticos são "*gestalts* experienciais" estruturadas minimamente, que permitem a organização de um grande número de percepções, imagens e eventos. Esses esquemas podem ser tanto dinâmicos quanto estáticos e podem ser do tipo trajeto, equilíbrio, escala etc.

Os esquemas **imagéticos estáticos** são do tipo *container* (recipiente), centro-periferia, perto-longe, reto-curvo, parte-todo, etc. O esquema de *container* parte da nossa experiência de estar dentro ou fora de um lugar. Através de projeções figurativas, nossos sistemas conceptuais vão se estruturando a partir de níveis mais concretos; daí *estados emocionais* serem *containers* (dentro e fora), como ilustram os exemplos a seguir*: Maria* ***saiu*** *do coma depois de dois anos, Ela* ***entrou*** *em depressão depois da separação.*

Categorias de nível básico são subdivisões do mundo influenciadas por nossa "percepção de formas gerais via *gestalt*, por nossas capacidades de movimento motor na interação com os objetos e nossa habilidade de formar imagens mentais detalhadas dos

objetos" (JOHNSON 1987. p.208). É esse nível de experiência que nos permite distinguir, automaticamente, objetos naturais, artefatos, ações, etc. A super e sub-ordenação destas categorias são responsáveis por uma tarefa conceitual mais complexa.

Lakoff & Johnson ([2002]1980. p.45) explicam que "nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza".

O estudo da metáfora desenvolvido por esses autores chega à proposição de uma tipologia, que considera metáforas de três naturezas**: estrutural, orientacional e ontológica**. A primeira ocorre quando temos um domínio estruturado a partir de outro *(Discussão é guerra.)*, havendo uma sistematicidade na projeção entre tais domínios. A segunda se realiza a partir da experiência corpórea de base físico-espacial *(o que é bom é pra cima, o que é ruim é pra baixo)*. Já na metáfora ontológica concebemos coisas não físicas *(eventos, atividades, emoções, etc.)* como entidades ou substâncias (*inflação é uma entidade, mente é uma máquina ou um objeto quebradiço, etc*). Essas metáforas são necessárias para lidarmos racionalmente com nossas experiências (*Quebrei a cabeça para terminar minha dissertação!*)

O poder figurativo da mente humana também se expressa através das **metonímias** que, assim como as metáforas, também têm um forte papel em nosso sistema conceptual, uma vez que selecionamos uma característica particular de algo para nos relacionarmos com este algo.

Lakoff & Johnson ([2002]1980. p.45) explicam que, embora a metonímia esteja intimamente ligada à metáfora, uma análise mais ampla de ambos os processos nos traz uma distinção entre eles: enquanto a metáfora envolve domínios conceptuais distintos, a metonímia envolve um mesmo domínio conceptual, em que se ressalta um sub-domínio entre outros. Esses domínios podem interagir, resultando em um processo de integração ou sucessão.

O olhar lakoffiano lançado sobre a metáfora que a considera como a projeção de um domínio fonte sobre um domínio alvo (LAKOFF & JOHNSON [2002]1980), ganha nova dimensão dentro da teoria da mesclagem. Pelo processo cognitivo da mesclagem, a metáfora passa a ser percebida não mais como uma relação entre dois domínios, como postula Lakoff, mas entre vários domínios (Cf. exemplo à seção 2.2). Para Fauconnier e

Turner (2002), a metáfora é, prototipicamente, uma mescla de escopo único (Cf. seção 2.2) Nesses termos a unidirecionalidade do processo cede lugar à multidirecional, capaz de explicar a estrutura conceptual inédita que emerge nas projeções figurativas, e de focalizar não apenas a integração de dois domínios estáveis, mas aquilo que emerge *on-line* nos espaços mentais, em conceptualizações que podem se manifestar temporariamente, recobrindo o amplo território de metáforas inéditas.

2.3. Integração entre Forma e Sentido

Apostando na insuficiência do significante, os cognitivistas têm postulado que a forma é **motivada** e emerge de nossas experiências interacionais e conceptuais. Essa visão, conforme já dissemos, implica uma ruptura com os paradigmas formalistas anteriores e traz à tona os fenômenos de significação que até então eram tidos como periféricos. Esta centralização vai trazer novas pautas para os estudos lingüísticos.

Dentre as questões erguidas pela Lingüística Cognitiva, emerge uma tarefa investigativa crucial, qual seja, a de buscar uma forma de colocar para dentro do território da Lingüística o imenso número de fenômenos lingüísticos tidos como irregulares, como exceções e deixados à margem de qualquer trato significativo pelos modelos formalistas. Orientados pela HIPÓTESE FORTE DA COMPOSICIONALIDADE que, nos termos de Frege (1978), defende que o significado de uma expressão lingüística é a soma das partes que a compõem, numa perspectiva que pressupõe a transparência e previsibilidade conceitual dos enunciados, os lingüistas formalistas postulam que o significado das construções lexicais é resultado de meras concatenações morfêmicas.

Uma resposta a tal questão formulada pelos cognitivistas tem sido **um tratamento construcional**, proposto tanto para os fenômenos lingüísticos tidos como regulares quanto para as chamadas exceções. Deste modo, unidades lingüísticas, de qualquer nível ou natureza (lexical, sintática, discursiva), mais ou menos complexas, articulam forma e significado de modo gestáltico, não-atomístico, e são vistas como CONSTRUÇÕES. O tratamento construcional implica uma **hipótese fraca da composicionalidade**, assumindo

uma visão processual, multidirecional e construcional nos estudos da significação da linguagem.

Construções podem ter um menor ou maior grau de generalidade, abstração ou especificação. Salomão (2003, p.3) postula que "a linguagem é concebida como uma grande rede construcional, de tal modo que as unidades construcionais (léxico e sintaxe) divergem apenas no caráter de sua especificação formal interna". Essa postura nos faz ver a língua como uma rede de estruturas simbólicas, e nos leva à TEORIA DA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES. Esta tem seu ponto de partida em Berkley, no final da década de oitenta. Salomão (2004, p.5) nos explica que ela é "tributária de três grandes movimentos analíticos que convergem quanto às premissas, mas que se diferenciam nas ênfases teóricas e na formulação dos modelos".

O primeiro desses movimentos emergiu com George Lakoff (1987). Tendo como exemplo a rede polissêmica da palavra inglesa *there*, ele propõe o reconhecimento de redes construcionais, as quais se motivariam por projeções conceptuais, ressaltando as de natureza figurativa.

Outros colaboradores deste movimento foram Charles Fillmore e Paul Key (1988). Seu objeto de estudo, as expressões idiomáticas, como o marcador discursivo *let alone*[4], vistas por muitas abordagens como periféricas ao sistema, são tratadas como um esquema configuracional semântico-conceptual integrado a um esquema configuracional sintático, e utilizadas como argumentos em favor de uma abordagem construcional do fenômeno da integração conceptual.

Por fim, a terceira colaboradora em questão é a lingüista Adele Goldberg (1995). Sua tese de doutorado, orientada por Lakoff, deu origem ao livro intitulado *Construction: a construction grammar approach to argument structure*, no qual ela "elege como tema o fenômeno da variação de valências, abordado entre os "neo-lexicalistas", através de uma clássica solução lexicalista – a proposição de regras lexicais" (SALOMÃO, 2004, p. 6)

Ao longo da jornada dos estudos lingüístico-cognitivos, outros autores têm fornecido, com propriedade, suas contribuições para a gramática das construções. Nili Mandelblit (1997) faz parte desse grupo. Evocando a mesclagem como um constructo teórico a serviço da compreensão dos mecanismos de integração conceptual e formal das

[4] Este marcador corresponde em português a expressões como "quanto mais x, menos y, ou por mais que".

construções, a autora empresta ao trabalho de Goldberg uma visão processual e nos fornece uma ajuda substancial para elucidar algumas questões em torno das formações X-nte que propomos como objeto deste trabalho.

Nos termos de Ferreira (2005, p.18):

> É à luz deste programa de pesquisa – que postula uma **continuidade entre semioses** mediante projeções entre configurações esquemáticas, que estruturam tanto o significante lingüístico, como as entidades conceptuais e as associações interativas – que situaremos a grande proposição teórica da **gramática das construções**.

2.3.1. A Gramática das Construções na concepção de Goldberg

Goldberg (1995), em sua tese de doutorado intitulada *Construction: a construction grammar approach to argument structure*, estuda as sentenças básicas do inglês como construções, as quais são formadas por um pareamento de forma – sentido. A lingüista postula que sentenças básicas do Inglês são exemplos de correspondências entre forma e significado, que existem independentemente de verbos particulares, ou seja, tais construções carregam significado independentemente das palavras instanciadas na sentença (GOLDBERG. 1995, p.1). A definição de construção, em sua obra, é posta nos seguintes termos:

> *C é uma Construção se e somente se C é um par forma-sentido <F S >, de tal forma que alguns aspectos de F ou de S não sejam estritamente previsíveis a partir dos componentes de C ou de outras Construções que já existam na gramática*[5].(1995, p.4)

Um conjunto de postulações nucleares compõe ainda o escopo da Gramática das Construções, quais sejam:

1. A continuidade essencial entre léxico e sintaxe, uma vez que ambos são vistos como redes de construções. Essa é uma das premissas que fundamentam tal

[55] C is a construction iff$_{def}$ C is a form-meaning pair <F_i, S_i > such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

teoria, sustentando que a diferença entre léxico e sintaxe só ocorreria no nível das especificações internas das unidades de construção.

2. A indissociabilidade entre os campos semânticos e pragmáticos, pois as construções simples se associam a estruturas semânticas de tal forma que estas refletem as cenas básicas da experiência humana.

Em sua obra, Goldberg (1992) teoriza a questão da variação da valência de algumas construções do inglês. Ela contrapõe sua abordagem construcional a uma teoria lexicalista, a qual afirma que um verbo, a cada nova configuração, deve ter valências diferentes.

Goldberg (1992) postula cinco tipos de construções argumentais básicas do inglês, as quais solidificariam a ligação entre a estrutura argumental básica e uma cena dinâmica:

1. Construções ditransitivas: essas teriam um significado básico em < X causar Y receber Z >, com uma configuração sintática representada por < sujeito-verbo-objeto$_1$ –objeto >
2. Construções de movimento-causado: < X causar Y mudar Z >; < sujeito-verbo-objeto –oblíquo >
3. Construções resultativas: < X causar Y tornar-se Z >; < sujeito-verbo-objeto – Xcomp >
4. Construções de movimento intransitivo: < X mover Y >; < sujeito-verbo-oblíquo >
5. Construções conativas: < X dirigir a ação a Y >; < sujeito-verbo-oblíquo a/para>

Ao propor um tratamento construcional dessas sentenças básicas, a autora (1995, p. 43) pontua a diferença entre a semântica do verbo e da construção Nesta há uma identificação de papéis argumentais tidos como mais genéricos, enquanto naqueles temos uma obrigatoriedade de focalização dos papéis participantes. Mostra que a escolha de certos verbos em detrimento de outros que, à primeira vista, podem parecer sinônimos, fazem emergir uma focalização de determinados papéis participantes. A autora toma como exemplo os verbos ingleses *rob* e *steal* que, embora pareçam sinônimos, encerram suas diferenças semânticas, uma vez a escolha de um determinado verbo é a escolha de uma cena segundo seus participantes. Assim, quando o falante escolhe usar o verbo *to rob*, por

exemplo, ele usará uma construção na qual o papel da vítima ou do bem roubado será subfocalizado.

Em outras palavras, segundo a autora, a instanciação do significado verbal se dá pelos papéis participantes do verbo, de natureza específica, que se distinguem dos **papéis argumentais,** ou seja, dos papéis associados com a construção.

Goldberg aprofunda sua análise dos *frames* semânticos dos verbos, mostrando que há uma união dos papéis argumentais e das funções gramaticais. A autora explica que "se um verbo é membro de uma classe convencionalmente associada à construção, então seus papéis participantes podem ser semanticamente fundidos com os papéis argumentais da estrutura argumental da construção" (1995, p.50).

Deste modo, as construções implicam a **fusão** entre papéis argumentais e funções gramaticais. A fusão entre verbo-construção é regida por dois princípios:

I. **Princípio da Coerência Semântica**: apenas papéis semanticamente compatíveis podem se fundir. Dois papéis serão semanticamente compatíveis se um deles puder ser construído como exemplo do outro, como pode ser visto com o verbo *chutar*: a pessoa participante do frame do chute - o chutador – pode ser fundida com o papel de agente da construção ditransitiva, uma vez que o papel do chutador pode ser construído como um exemplo do papel de agente.
II. **Princípio da Correspondência**: cada um dos participantes previsto e expressado lexicalmente deve fundir-se com uma função gramatical. Ainda utilizando o exemplo do verbo chutar, na frase *Alex Dias chutou a bola, Alex Dias* é agente e sujeito, a *bola* é paciente e objeto.

A fim de compreendermos melhor a questão da fusão verbo-construção, veremos como Goldberg (1995) propõe a formalização das construções argumentais em termos semântico/pragmático e sintático/lexical. Tomemos um exemplo de uma construção de movimento causado: *Alex Dias chutou a bola para escanteio.*

MOVIMENTO CAUSADO

Semântica	PREDICAÇÃO	< argumentos da predicação> esquema da construção
Relação	PRED	< quadro de participantes > esquema do verbo
Sintaxe	V	Relações gramaticais

Diagrama 3: fusão abstrata do esquema verbo-construção[6]

MOVIMENTO CAUSADO

SM	CAUSAR MOVER	< CAUSA	ALVO	TEMA>
R	chutar	< chutador	destino	coisa chutada>
SX	V	Suj	Obl	Obj

Diagrama 4: Fusão da construção movimento causado *Alex Dias chutou a bola para escanteio.*

Temos aqui a semântica CAUSAR MOVER <causa alvo tema>. Percebemos que a sintaxe evoca o sujeito (o chutador – Alex Dias), o verbo *chutar*, o oblíquo, que indica o destino, e o objeto, a bola. As linhas contínuas representam os papéis fundidos, enquanto as pontilhadas representam os não-fundidos.

Outro ponto explorado por Goldberg são as relações de herança. A lingüista, ancorada em Lakoff defende que as construções não são um conjunto aleatório, mas sim construções organizadas em *rede* por relações de herança motivadoras de outras construções *(A motiva B que, por sua vez, é herdeira de A*). A relação de herança que há entre as construções nos dá condições de explicarmos com maior clareza não só as construções centrais de uma língua, como também as consideradas periféricas.

A autora postula quatro *princípios* cruciais para a organização da linguagem referentes às relações entre construções (1995, p.67-68):

[6] Diagrama retirado de JESUS, I. T. *As construções condicionais universais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação de mestrado, UFJF, 2003

1. Princípio da Motivação Maximizada: Se uma construção *A* é relacionada sintaticamente a uma construção *B*, então o sistema da construção *A* é, também, semanticamente motivado pelo sistema da construção B. Esta motivação é maximizada;

2. Princípio da Não-sinonímia: Duas construções só serão sintaticamente distintas se elas forem semântica ou pragmaticamente distintas. O aspecto pragmático das construções envolve estruturas particulares de informação incluindo tópico, foco e aspectos estilísticos.

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não serão pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, elas não serão semanticamente sinônimas.

3. Princípio da Expressividade Maximizada: O repertório das construções é maximizado a fim de atender às necessidades comunicativas;

4. Princípio da Economia Maximizada: O número de construções distintas é minimizado, tanto quanto possível, pelo princípio 3.

Destacar a importância de alguns princípios se faz fundamental para esta abordagem. Um deles é o *Princípio da motivação maximizada* na abordagem construcional, uma vez que é possível reafirmar que relações sintático/lexicais e semântico/pragmáticas são motivadas e se relacionam por elos de herança. Os conceitos de motivação e herança nos permitem perceber semelhanças e diferenças existentes entre as construções relacionadas, ou melhor dizendo, como estas construções se organizam em *redes.*

Outro princípio a ser destacado é o da não-sinonímia, o qual aponta para a importância do contexto situacional e das pistas contextuais para as análises. Deste modo, se há diferença na forma deve também haver diferença semântica ou pragmática. E havendo sinonímia semântica, então a diferença de sentido se dará pragmaticamente.

Tomemos como exemplo as construções dadas por Salomão (2002, p.65): (a) *A roupa secou*; (b) *Secou a roupa*; em que temos duas construções distintas em termos sintáticos e sinônimas em termos semânticos: deste modo temos uma diferença de significado que se realiza pragmaticamente. A escolha de uma ou outra construção se dará de acordo com o que o falante queira focalizar: seja a *roupa* ou a *secagem*.

Goldberg também postula quatro tipos de elos de conexão entre construções. (1995, p.75-81):

1. **Elo por Polissemia (Lp):** captura a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão de sentido. As extensões herdam as especificações sintáticas da construção central. O mesmo tipo genérico de elo é posicionado para capturar a polissemia morfológica.
2. **Elo por Subpartes (Ls):** ocorre quando uma construção é a própria subparte de outra construção e existe independentemente. Também se encontra aqui as relações de construções resultativas e intransitivas, desde que as construções transitivas e intransitivas sejam relacionadas exatamente do mesmo modo.
3. **Elo por Instanciação (Li):** ocorrem quando uma construção particular é um caso especial de outra construção, ou seja, se uma construção é a real versão de outra. Estes casos são ainda tratados como exemplos de construções parcialmente preenchidos.
4. **Elo por Extensão Metafórica (Lm):** quando duas construções são relacionadas metaforicamente, um elo de ligação metafórica se posicionará entre elas. Assim, a semântica da construção dominante é mapeada na semântica da construção dominada.

Apesar de Goldberg se referir à possibilidade de haver relações de Herança Múltipla, percebemos que em suas análises não há tal multiplicidade. Como visto na tipologia acima, a autora postula uma separação do Elo por Extensão Metafórica do Elo Polissêmico. Para a professora Neusa Salim Miranda, a condição polissêmica mais qualifica a natureza de uma rede do que explica as conexões nela verificadas. A polissêmia é, de fato, o resultado de outros elos, como o elo metafórico, por exemplo, e não pode ser vista como um tipo de *link*, uma vez que este não é um fenômeno cognitivo, mas de superfície. Na mesma direção, a professora Margarida Salomão, afirma que os Elos por Subparte são projeções metonímicas, ou seja, "processos figurativos complementares às projeções metafóricas". (PULHIESE 2004, p. 40)

2.3.2. A abordagem de Mandelblit: a Gramática das Construções e o Processo Cognitivo de Mesclagem

O trabalho de Mandelblit (1997) se constitui de uma "mescla" das contribuições de Fauconnier (1994) e Goldberg (1995). Ela busca, em sua tese, dar um trato *processual* às construções, desenvolvendo em sua tese "uma análise de sentenças processuais (geração e

interpretação) como um caso de operações de *blendings* conceptuais e lingüísticos, com estruturas gramaticais servindo como marcadores formais para tais operações conceptuais" (MANDELBLIT, 1997. p. 2)

Mandelblit inova ao substituir o conceito de **fusão** desenvolvido por Goldberg, na concepção das construções, pelo conceito de **mesclagem.** Deste modo, ela "subscreve as teses fundamentais da Lingüística Cognitiva acerca do caráter dinâmico, gestáltico, multidirecional e contextual dos processos de integração conceptual" (BOTELHO, 2004, p.53)

A autora manifesta-se com um novo olhar sobre as construções postuladas por Goldberg, destacando a construção de movimento-causado. Ela utiliza algumas construções dadas por Goldberg (1995, p.9), como por exemplo: *Frank espirrou o guardanapo para fora da mesa*[7].

Manbdelblit concorda com Goldberg, quando esta postula que a forma sintática [Suj V Obj Obl] tem um significado independente de seus itens lexicais particulares, os quais instanciam a construção. Assim, esta construção é derivada da estrutura argumental dos verbos do movimento-causado, ou seja, é a construção como um todo que faz com que o enunciado tenha sentido e não itens lexicais isolados.

Entretanto, embora segundo Goldberg, existam verbos que são prototipicamente movimento-causado como "jogar" (*Jack jogou a bola na cesta*[8] [NP V NP PP]), há alguns verbos da língua inglesa que modificaram sua valência, o que faz com que estes possam apresentar-se em construções com a mesma descrição sintática [NP V NP PP] dos prototípicos de movimento-causado, como no exemplo já visto (*Frank espirrou o guardanapo para fora da mesa*).

Neste caso percebemos a ocorrência de uma mudança de valência de *espirrar* (*sneezed*), que embora formalmente seja um verbo intransitivo, aparece nesta construção como transitivo.

Mandelblit busca solucionar tais casos evocando o processo da mesclagem, postulado por Fauconnier e Turner (1994). Assim haveria aqui um *blending* entre *instâncias prototípicas do movimento-causado* e *seqüências de eventos de movimento-*

---

[7] Frank sneezed the napkin off the table
[8] Jack threw the ball into the basket.

causado originais. Teríamos assim o *input 1* contendo a seqüência de eventos "causal" concebida no mundo, e o *input 2* com a representação esquemática do evento do movimento-causado. Na mescla teríamos uma extensão do uso prototípico desta construção.

Entretanto, Mandelblit afirma que a mescla, aqui, não é resultado da ligação entre uma instância prototípica da construção de movimento-causado e a seqüência de evento do movimento-causado. Ela ocorre entre uma representação ***abstrata*** da construção do movimento-causado e o evento concebido de movimento-causado. Em outras palavras, um dos *inputs* na mescla não é uma representação da sentença na linguagem, mas um esquema abstrato de todas as instâncias da construção.

Para ilustrar o processo de *blending* gramatical, a autora utiliza um exemplo de uma construção simples – *Seana beijou Danny*[9] – que representa uma mescla de operação gramatical que subjaz a geração de sentenças transitivas básicas em inglês.

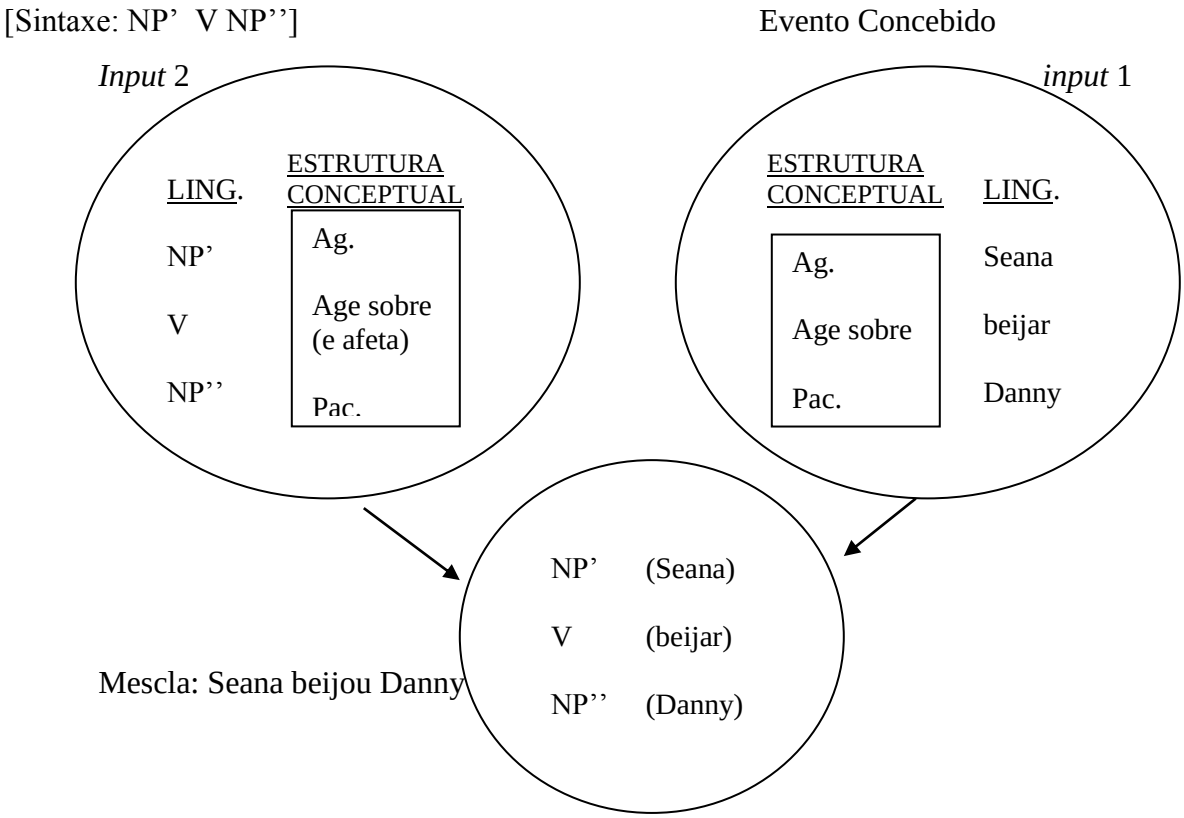

Diagrama 5: Construção transitiva básica

[9] Seana kissed Danny

Temos, no *input* 1, a caracterização esquemática do evento tal como concebido no mundo: há uma pessoa (Seana) que age sobre um paciente (Danny). Esse evento é retratado no diagrama por um frame semântico, no qual cada participante (ou atividade) é ilustrado por um pequeno ícone e identificado como uma instância de um papel semântico genérico (como agente ou paciente). Tais participantes ou atividades concebidas no mundo podem associar-se a itens lexicais que os simbolizam na linguagem.

Independentemente das percepções do falante, entende-se que este tem um conhecimento das construções sintáticas que fazem parte de sua língua. Deste modo, no *input* 2, temos a esquematização de uma Construção Transitiva, na qual a forma sintática é associada à forma semântica correspondente.

Associando os dois domínios temos a mescla, que revela a forma sintática pertinente para expressar semanticamente o evento concebido no mundo. Cada papel semântico é associado à estrutura gramatical no padrão sintático: o *agente* na construção é associado à *Seana* e, sintaticamente, representado por SUJEITO. O mesmo ocorre com os itens lexicais *beijar* e *Danny.* Assim, o falante observa mentalmente as similaridades estruturais entre os dois *inputs* e escolhe a construção transitiva como forma sintática para expressar-se.

Mandelblit (1997, p.26) estende a operação de mesclagem às construções mais criativas feitas na linguagem, não sendo esse fenômeno exclusivo apenas de sentenças simples e prototípicas.

2.4. Considerações Finais

As postulações apresentadas acima apresentam inúmeras vantagens, frente a outros constructos teóricos, uma vez que possibilitam um melhor trato dos processos de integração conceptual na gramática e no léxico. Entendemos que as análises que apresentamos estão centradas em construções sintáticas, mas acreditamos ser possível utilizá-las para embasar nossas pesquisas sobre a descrição das construções lexicais *x-nte.*

3. A QUESTÃO DA INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL NO DOMÍNIO MORFOLÓGICO

"Triste não é mudar de idéia.
Triste é não ter idéia para mudar."
Francis Bacon

"*Construímos muitos muros e poucas pontes".*
Isaac Newton

Colocando em relevo o contexto comunicativo, a agenda investigativa do paradigma sociocognitivo vem privilegiando a abordagem de uma questão a respeito da qual as análises de cunho formalista, presas à secular crença na autonomia do significante, deixaram significativas lacunas. Trata-se da questão da **integração conceptual na sintaxe e no léxico.**

Ancorada em parâmetros de regularidade, linearidade, combinação atomística das partes ou mesmo de manipulação arbitrária de símbolos abstratos com pressupostos de transparência e previsibilidade, a tradição formalista, de viés estruturalista ou gerativista, vem se orientando pela Hipótese Forte da Composicionalidade que, em termos fregeanos, concebe o significado de uma expressão lingüística como o resultado da soma das partes que a integram.

Assumindo uma Hipótese Fraca da Composicionalidade, a investigação de viés sociocognitivista reconhece a composicionalidade como princípio integrante dos processos de significação das unidades lingüísticas. Para Fauconnier e Turner (2002), o princípio da composicionalidade nos termos frageanos é um dos tipos de rede de integração conceptual – a mescla simplíssima, que consiste em uma mera projeção das funções enquadre em seus valores, não havendo choques entre os *inputs*. A parte relevante do *frame* em um *input* é projetada com seus papéis e os elementos são projetados de outro *input* como valores dos papéis dentro da mescla, que integra o *frame* e os valores de um modo muito simples. O que os autores afirmam, no entanto é que, o caráter projetivo, multidirecional e construcional dos processos de integração conceptual e formal na sintaxe e no léxico

ultrapassam em muito tal limite, implicando redes de natureza mais amplas e mais complexas.

É assim que, nesse território, os sentidos que parecem aos olhos formalistas como algo dado, reificado, ressurgem, na perspectiva cognitivista, como o resultado de uma complexa operação de uma mente que, para construir significação, evoca, integra, em múltiplas redes, a biologia da espécie, a sua história, a sua herança acumulada em forma de cultura, e ainda, o momento em que a linguagem, como acontecimento, se instancia em um evento interacional.

É fato que a especulação do significado das ações de linguagem tem precursores. A tentativa de ruptura com a tradição formalista conduzida pela Pragmática, por exemplo, na segunda metade do século XX, trouxe para o cenário da discussão lingüística a questão do USO. Sem conseguir, no entanto, se libertar da crença na forma, as abordagens analíticas que se pautaram por este caminho, acabaram por carrear para os estudos da linguagem uma nova forma de idealização para além da idealização da *langue* (Saussure) ou do falante (Chomsky), qual seja, **a idealização do uso**.

Em um belo artigo de inflexão crítica, intitulado *Innocence: a second idealization for linguistics*, Fillmore (1979) associa essa nova forma de idealização ao que ele rotula como **falante-ouvinte inocente**. Esse falante inocente seria aquele que carrega nas costas um sentido "literal" para cada expressão lingüística e, no bolso, uma lista de seus possíveis usos. Para ele, o significado de um enunciado, em um dado contexto, é uma seleção dentro de uma lista de possíveis significados que esse enunciado possui, como usos ideais, fora do contexto. É assim que lhe acontece o inevitável: ante os múltiplos cenários reais de interação e uma lista de usos ideais, acaba por se tornar vítima de sua própria inocência semântico-pragmática. Assim é que, em nosso anedotário, ele é iconicamente representado como o bobo da corte, o português ou a loura.

A busca de uma perspectiva analítica "não inocente" do significado, ou seja, de uma teoria semântica do **falante-ouvinte real**, tem no próprio trabalho de Fillmore (1976) uma significativa contribuição. Com a chamada Semântica dos Enquadres, o autor apresenta o conceito de enquadre ou *frame* que, de modo sucinto, significa a possibilidade de estabelecimento de múltiplas perspectivas e, conseqüentemente, de emergência de diferentes construções lingüísticas ante uma mesma cena real. O exemplo abaixo ilustra o

relevo do conceito de *frame* para a abordagem dos processos de significação. Consideremos as seguintes construções (exemplo traduzido e adaptado de FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.25-27) como enunciados possíveis a partir de uma cena que envolve uma criança na praia, com seus brinquedos:

1. A praia é segura.
2. A criança está segura.
3. A pá é segura.
4. A pá está segura.

Nesta cena, o conceito de segurança evoca, de modo contrafactual, o *frame* de PERIGO. Ao se afirmar que algo/alguém está/é seguro, pressupõe-se um perigo potencial, mas fora do plano da factualidade. O *frame* em questão se estruturaria a partir dos seguintes papéis: o elemento *agressor, vítima, instrumento, local.* Assim, em 1, a praia é o *local* de potencial ameaça; em 2, a criança seria a *vítima* em potencial; em 3, a pá, estaria como *instrumento* potencial de ameaça, mas sem propriedades cortantes, deixa de sê-lo; em 4, a pá (de plástico, por exemplo) passa a *vítima* potencial se a ameaça vem, de um usuário agressor; a criança, por exemplo.

Se tomarmos um novo exemplo, em uma cena distinta, como a de ROUBO, o *frame* de perigo deverá ser expandido, para conter um novo elemento, o de *propriedade* ameaçada – *A jóia está segura* – e assim por diante. Numa perspectiva "inocente" do uso teríamos que propor uma lista de sentidos/usos para a palavra "seguro" e estaríamos, assim, diante de uma armadilha para o falante.

No domínio da sintaxe ou do léxico, são inúmeras as evidências que falam em favor de uma revisão teórico-analítica da questão da integração conceptual. É nesse sentido que apontam as construções teóricas sobre a dimensão projetiva, imaginativa e integradora da cognição humana e, portanto, da linguagem. Consubstanciados através de modelos como a Teoria dos Espaços Mentais, a Teoria da Metáfora, a Teoria da Gramática das Construções, apresentados no capítulo anterior, tais constructos trazem a possibilidade de um trato processual, multidirecional e construcional para o fenômeno da significação nos diferentes domínios da linguagem. É com esse aparato que a Lingüística Cognitiva vem enfrentando

todo um conjunto de fenômenos de significação postos à periferia das agendas formalistas, como, por exemplo, as projeções metafóricas e metonímicas e seus efeitos polissêmicos, e ainda o impacto de tais fenômenos na constituição das redes de construções no léxico e na gramática. No domínio do léxico, trabalhos emblemáticos, como os estudos clássicos da polissemia de *over, there e anger,* promovidos por Lakoff (1987) ou os estudos tipológicos da metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 1980) vêm revelando as formas de conhecimento que instituem as redes de significação nesse território e fortalecendo o caminho, já anunciado pela Hipótese Lexicalista, para um repensar do conceito de Léxico não mais como uma lista de idiossincrasias, mas como um conjunto de conhecimentos.

Uma lacuna, no entanto, permanece dentro dos estudos de viés cognitivista. Trata-se de uma necessária revisão dos **processos morfológicos de constituição do léxico**. Conforme já anunciado, é exatamente este o campo de investigação onde se insere nosso objeto investigativo, as formações agentivas em x-nte.

Desse modo, no presente capítulo, partindo de um ligeira revisão do trato da Morfologia nos paradigmas formalistas (seção 3.1.1), buscamos situar a contribuição contemporânea que, a nosso ver, tem mais relevância para uma abordagem morfológica do léxico, qual seja, a Hipótese da Arquitetura Paralela de Jackendoff (2002) e o conceito de léxico forjado nessa hipótese. (seção 3.2). Na segunda parte desse capítulo, passamos a situar os estudos específicos, dentro da produção científica brasileira, sobre formações lexicais e, em especial, sobre as construções x-nte.

3.1. Breve Panorama dos Estudos Morfológicos

Entendida como o domínio da palavra e das partes que a compõem, a Morfologia foi e continua sendo um território fértil para o exercício da crença absoluta na autonomia do significante e no princípio da composicionalidade em sua forma mais radical.

Como uma verdadeira invenção estruturalista (ainda que seu nascimento já tivesse sido anunciado pela tradição gramatical através do modelo de análise “Palavra e Paradigma”), a Morfologia ganhou espaço dentro desse modelo graças à ambição descritivista exaustivamente perseguida em suas análises. Na execução de sua agenda

analítica, os lingüistas, em primeiro lugar, delimitaram um átomo de som e significado: o **morfema.** Bloomfield (1933, p.162 apud ROSA, 2002, p.50) chegou a definir *o léxico como o estoque total de morfemas de uma língua*. De posse dessa unidade atomística, o morfema, os estudiosos passaram a operar com a sua identificação, utilizando análises comparativas entre numerosas línguas, buscando estabelecer unidades irredutíveis, sua ordenação linear, bem como os padrões que regem sua combinação. Para identificar o morfema no enunciado, o estruturalismo usou o método de substituição, ou teste da comutação, fundamentado no princípio da oposição lingüística. Assim, no verbo *andar*, por exemplo, se substituirmos *and-* por *cant-* ou *rod-*, percebemos formas com diferentes significados lexicais, concluindo-se então que *and-* é uma unidade de som e significado, ou seja, um morfema lexical. "Item e Arranjo" é o rótulo que abarca tal metodologia de análise.

A Gramática Gerativa, sabidamente sintatocêntrica, em seus modelos iniciais[10], vai colocar a Morfologia no limbo, negando-lhe, a princípio, o *status* de módulo autônomo. Trazendo de volta a palavra, o gerativismo a coloca não mais como uma soma de morfemas, mas como uma categoria fundamental dentro da hierarquia de relações estruturais e gramaticais institutivas das estruturas sintáticas. Outro modelo de análise, denominado *Item e Processo*, entra em uso. Assim como o modelo Item e Arranjo, este também é um modelo aglutinativo. Entretanto, se difere dele por aplicar, às formas sintáticas, processos, ou regras, ou seja, por conceber a concatenação de elementos em termos derivacionais, uma vez que postula hierarquias ou formas subjacentes às quais essas regras se aplicarão, transformando-as em estruturas superficiais. É este mesmo tratamento derivacional que fenômenos de natureza morfológica, como os processos de nominalização, receberão na Gramática Gerativa.

Em *Remarks on Nominalization*, Chomsky (1970, apud MIRANDA, 1979, p.11) dá o passo inicial para o reconhecimento da existência de um nível morfológico na gramática, capaz de lidar com questões para as quais as regras fonológicas e sintáticas não ofereciam respostas. A diferença entre o domínio da sintaxe e da morfologia define-se, nesse olhar, pelo caráter gerativo de cada componente. Enquanto a sintaxe é território de produção regular e sistemática, a produtividade no campo morfológico tem caráter restritivo, parcial.

[10] Estamos falando dos modelos gerativistas até a década de 70.

O reconhecimento de tal diferença faz emergir a dificuldade de se imprimir aos fenômenos morfológicos o mesmo trato transformacional dado à sintaxe.

É, pois, nesse cenário teórico, que surge a Hipótese Lexicalista, iniciada por Chomsky (1970), e refinadas, dentre outros, por Halle (1973), Jackendoff (1972), Aronoff (1976) e Basílio (1977), a qual vem reivindicar e construir um espaço autônomo para a Morfologia no modelo de gramática gerativista. A Hipótese Lexicalista, coerente com as teses gerativistas, vai manter a morfologia no eixo do estudo da competência do falante-ouvinte ideal, postulando uma competência lexical que possibilita ao falante nativo reconhecer as palavras de sua língua, rejeitar outras e saber relacionar itens lexicais ou perceber a estrutura de um vocábulo (ROCHA, 2003, p.30).

Buscando inspiração no tratamento implícito que a tradição gramatical dava aos processos de formação lexical, a Hipótese Lexicalista, fundamentalmente voltada para a Morfologia Derivacional, vai recorrer às REGRAS como o principal constructo teórico para explicar a estrutura de palavras existentes e a estrutura potencial de formação de palavras novas em uma língua.

Para entendermos as proposições dessa hipótese que será retomada no presente estudo quando da apresentação do trabalho de Miranda sobre as formações x-nte (1979), cabe um breve parêntese para explicitar o conceito de Regras de Análise Estrutural (RAEs) e Regras de Formação de Palavras (RFPs) utilizado neste modelo.

As RAEs implicam a capacidade do falante de analisar a estrutura de uma palavra já existente como, por exemplo, a palavra *pianista*, em que o falante pode perceber que as constituição dessa forma resulta de um processo de associação entre o substantivo piano e o sufixo –ista. Formalizando a descrição acima, temos a seguinte regra:

RAE: $[\,[\,X\,]_a\ Y_b]$

RAE de *pianista*: $[\,[\,\text{piano}]_N\ \text{–ista}\,]_{N\ Ag}$

Nesses termos, a descrição da RAE pode ser assim parafraseada: a operação de uma RAE significa que uma entrada lexical da categoria b pode ser **descrita** como sendo formada pelo acréscimo do Y a uma base X.

Já as RFPs são usadas na produção de novos itens lexicais como *frizeiro* (profissional que produz alimentos congelados), ou seja, "uma entrada lexical da categoria b pode ser **formada** pela adição de Y a uma base X" (MIRANDA, 1979, p.24), como na formalização abaixo:

RFP : [X] (a) $\longrightarrow$ [[X] $_{(a)}$ Y $_{(b)}$]

RFP de *frizeiro* : [[*frízer*] $_{N}$ –eiro] $_{N\ Ag}$

Nos termos da Hipótese Lexicalista, para toda RFP existe uma RAE correspondente, pois, ao produzir ou ao analisar um novo item do léxico, o falante demonstra conhecer a estrutura do item recém criado. Contudo, nem toda RAE apresenta, necessariamente, uma RFP correspondente, uma vez que existem formações da língua que já estão cristalizadas e não são produtivas (É o caso das formações em x-idão, em Português).

A consideração do potencial criativo do léxico, vai levar os lexicalistas ao estudo da produtividade lexical, considerada como a competência do falante para criar palavras novas. Distinta da criatividade sintática, a produtividade lexical, de caráter parcial, passa a ser definida como o resultado de uma complexa interação de fatores (relação entre transparência e previsibilidade morfológica, sintática, semântica e produtividade, por exemplo) e propriedades (noção de Bloqueio Sintagmático (ARONOFF, 1976); noção de Bloqueio Paradigmático (BASÍLIO, 1977)), em vez uma simples combinação do acaso.

3.1.1 Sobre os limites dos modelos formalistas

Não são poucos os problemas com que se confrontam essas tradições analíticas no trato dos fenômenos morfológicos.

Começando pelo estruturalismo, as dificuldades de conceituação e delimitação do morfema não são poucas. Nida (1949. p.162, apud ROSA, 2000. p.67) afirma que "os significados das formas presas são particularmente difíceis de descrever". Além disso, algumas questões são de difícil resolução, como, por exemplo, se todo morfema é unidade

de significado, o que dizer dos chamados *morfes supérfluos*, como o *–a* presente em palavras como lindamente, em que temos: *lind – a – mente*. Poderíamos classificá-lo como feminino, entretanto, este é um vocábulo invariável. Se visto como expressão de gênero, esbarraremos com o problema da marca de flexão antes da derivação. E se o considerarmos como morfema zero, agravaremos o problema, pois um morfe zero é aquele que não tem significado, o que se constitui numa contradição da postulação de que o morfema é uma unidade mínima de significado.

O problema da relação um-para-um, noção que subjaz ao conceito clássico de morfema, é outra questão nebulosa no campo da morfologia flexional. Em *AM-O*, por exemplo, temos a marca de número, pessoa, tempo e modo, que sobrepõe significados em um único segmento. Os resultados imprevisíveis dos processos de integração conceptual (*lixeira- objeto, cozinheira- humano, laranjeira.- vegetal, nevoeiro – fenômeno, bobeira – estado*), postos ante a hipótese forte de composicionalidade que prevê os sentidos como resultantes de uma mera concatenação linear de morfemas que integram a forma, são uma pequena mostra do território de dificuldades no campo da morfologia derivacional.

No que tange à Hipótese Lexicalista, a definição de produtividade a partir de parâmetros de transparência e previsibilidade vai ter sérias implicações para as análises, levando os analistas a camuflar as ditas "irregularidades" do léxico, de modo a garantir a validade de seus procedimentos algorítmicos. Assim é que, ante as inúmeras ocorrências de opacidade (ou seja, de regras de formação de palavras produtivas, apesar de não apresentarem a transparência morfológica ou semântica idealizada), a solução mais conveniente é a postulação de homonímia. É o caso das formações agentivas em x-ista (*pianista, petista, tratorista*) e em x-eiro (*lixeiro, cinzeiro, laranjeira, nevoeiro, bobeira*) em que o significado global da palavra não pode ser aferido através de um cálculo algorítmico de suas partes.

O reconhecimento e a análise dessas dificuldades compõem um instigante artigo de Basílio (1997) que, ao questionar o tratamento estruturalista e gerativista dado ao léxico, sugere a retomada do Princípio da Analogia, nos termos saussurianos, e nessa proposta, acaba por ir ao encontro de pressupostos apontados pelo sociocognitivismo (sem, no entanto, assumi-los de modo explícito), como o antimodularismo e a natureza integradora do conhecimento na cognição humana e, portanto, na linguagem.

3.1.2. Da relevância do Princípio da Analogia para o trato dos processos de integração conceptual morfológicos

Uma proposta inovadora é apresentada por Margarida Basílio (1997) para a análise de formação de palavras. A autora se propõe a comparar o Princípio da Analogia (PA), proposto por Saussure, às Regras de Formação de Palavras. Explica que, embora os dois constructos possam parecer equivalentes, não o são, uma vez que sua diferença depende dos critérios adotados para a postulação das RFPs. Assim, uma palavra como *micreiro* poderia ser analisada como acréscimo do sufixo *–eiro* a um substantivo: *micro* + *-eiro*, ou como uma formação por analogia com pares como *pão/padeiro, viola/violeiro*. Entretanto, nem sempre o contrário é verdadeiro, pois as RFPs não dão conta de todas as palavras analisadas pelo Princípio da Analogia. A autora levanta o exemplo do par *acrescer/acréscimo*, questionando se, a partir de palavras assim, devemos estabelecer uma regra de adição de *–imo* a verbos. Basílio também questiona a necessidade da existência de mais de uma ocorrência para se estabelecer tal regra e mesmo se tal postulação seria empiricamente prudente.

Assim sendo, a autora mostra que, para postularmos o PA, não são necessários elementos delimitados e categorizados nos moldes estabelecidos pelas RFPs, pois esse princípio dá conta não apenas da produtividade lexical, mas também da criatividade no processo de formação de palavras. Basílio ilustra sua proposta com o exemplo de Guimarães Rosa, *enxadachim*, que tem uma clara origem analógica: espada: *espadachim* : : enxada : x. Todavia, o exemplo de Guimarães Rosa não torna regular uma regra para a adição de *–chim* a um instrumento e, mesmo se tal regra existisse, ela não teria o mesmo valor de evocação que tem a analogia.

Uma formação por PA requer ao menos um conhecimento pré-estabelecido de duas palavras que tenham uma parte em comum, ou mesmo de uma que tenha seu significado comum a muitas outras, de tal modo que seja clara a dedução de seus significados. Um exemplo dado é o reconhecimento da base presa *carpint-*, em *carpinteiro*, a qual não se dá em *mosteiro* e *bueiro*. Esse exemplo mostra a impossibilidade de isolamento de uma parte da palavra como base, pois embora essas palavras terminem em *–eiro*, estas não são analisadas como formas morfologicamente complexas. O principal nessa diferença é poder

reconhecer o significado tanto de *carpinteiro* quanto de *carpintaria*, levando à distinção da relação de agente em *–eiro*, de locativo em *–aria*, e do significado de *trabalho em madeira* para *carpint-*.

Embora possamos encontrar a mesma base tanto para o mecanismo da analogia quanto para a regra de redundância, o que vemos é que o PA recobre um maior número de possibilidades de formações lexicais do que as RFPs, o qual abre um leque de possibilidades para criações literárias, desvios lingüísticos com o objetivo de estranhamento, recursos retóricos, mecanismos utilizados na construção de piadas, etc.

A autora segue analisando uma série de exemplos, como as palavras presentes no vocabulário carioca: *sambódromo, camelódromo, namoródromo*[11], etc, que surgiram em analogia com *hipódromo*. Outro exemplo bem conhecido de formação por PA é a reestruturação da palavra inglesa *hamburger*, a qual gerou outros nomes de sanduíches, como *cheeseburger, fishburger*, etc. Embora uma análise morfológica nos leve à segmentação de tal forma que encontramos *hambug-er*, vê-se que houve um reconhecimento de *ham*, em face à possibilidade de ser *burger* considerado uma parte, assim como outros modelos da língua inglesa como *milke-shake* (*shake*) ou *earth-quake* (*quake*). Assim, seguindo uma estrutura do tipo especificador / especificado, o falante atribui a função de especificador para a primeira parte (no caso o elemento do sanduíche) e de especificado (o próprio sanduíche) à segunda. O fato de *ham* não significar carne moída, mas presunto, não tem relevância aqui, pois o que está em jogo é o reconhecimento da estrutura e não do sanduíche em si, o que possibilita sua substituição para *cheese, fish*, etc. Deste modo o PA faz-se importante à medida que as formações se fazem por construções esporádicas, mas que possibilitam perfeito entendimento, aceitabilidade e permanência[12].

Basílio analisa também casos de derivação, utilizando o exemplo das derivações regressivas, como *sarampão* → *sarampo*. Basílio revela que, em tais exemplos, o que ocorre é uma reestruturação, ou seja, uma reinterpretação morfológica, havendo a invenção

---

[11] estas palavras foram, inclusive, utilizadas por Drummond em sua crônica – *Do Camelódromo ao Amoródromo*, publicada no Jornal do Brasil, caderno B (1984).

[12] Cabe aqui uma curiosa observação sobre o processo ocorrido com essas palavras no português do Brasil, em que o seguimento *–burguer* é que têm sofrido alterações. O que parece é que houve primeiro uma associação da semelhança de *cheese* com a letra X – da qual surgiu *X-burguer*. Daí veio então *X-tudo, X-egg, X-bacon, X-frango, X-salada*, etc, havendo uma inversão da estrutura inglesa, uma vez que temos aqui especificado / especificador, onde o X corresponde ao primeiro, ou seja, X é o sanduíche, e o segundo é o especificador.

de um radical derivante. Uma leitura inócua dessa palavra, sem seu contextualizador etimológico, poderia levar ao entendimento de que ela foi gerada pelo acréscimo do sufixo *–ão* à base sarampo, havendo assim a atuação de uma RFP. Porém, uma vez que a palavra inicial era *sarampão*, não havendo a base sarampo, entendemos a atuação da analogia num processo que abarca a reanálise do termo inicial, atribuindo-lhe uma estrutura não pré-existente.

O artigo é encerrado revelando uma defesa da autora em favor das vantagens teóricas do PA, pois este processo "seria considerado como um universal lexical, considerando a utilização de relações lexicais para a aquisição do léxico em qualquer língua" (BASÍLIO, 1997, p.19). Uma vez que encontramos uma gama de convergências e divergências nos léxicos de todo o mundo, o deslocamento do PA para a estrutura fundamental do léxico eliminaria o problema de processos que se assemelham nas línguas, mas não são iguais. Como diferenças não poderiam ser unificadas por regras particulares, a postulação de um princípio geral nos parece ser mais conveniente teoricamente.

Na perspectiva sociocognitivista assumida no presente trabalho, o princípio da analogia é parte de um conjunto de relações vitais que se comprimem nas redes de integração conceptual (Cf seção 2.4). Para Salomão (1997,1999), Miranda (1999), Botelho (2004) e Carmo (2005) e também nas proposições analíticas deste trabalho (Cf cap. 4) muitos dos exemplos postos por Basílio como casos de PA terão um trato analítico mais consistente através das redes de integração conceptual ou MESCLAS (Cf. cap 2). De qualquer modo, a relevância dessa proposta de Basílio está em apontar um caminho para a morfologia que ultrapasse o mero desvendamento das formas "regulares", e em buscar um princípio capaz de recobrir as ditas "irregularidades" do léxico que, em nome do "rigor científico", se mantiveram longe da agenda de trabalhos dos estudos lingüísticos.

3.2. Por uma abordagem flexiva do léxico

Dentro do percurso formalista, o Léxico foi concebido de diferentes modos. Desde a visão bloomfieldiana que o coloca como *o estoque total de morfemas de uma língua*, à visão chomskiana que o define como o lugar das idiossincrasias, até a postulação da

Hipótese Lexicalista que o concebe, finalmente, como domínio de conhecimento. Ainda que o conhecimento nessa perspectiva seja aprisionado em fórmulas matemáticas que implicam previsibilidade e transparência, aprisionando os sentidos, a afirmação de um espaço de conhecimento, governado por princípios e regras, já se constitui como um significativo avanço teórico.

Não é a toa que, a nosso ver, a grande contribuição contemporânea sobre a definição do léxico vem de um dos grandes mentores da Hipótese Lexicalista, Ray Jackendoff. Contranpondo-se à visão sintatocêntrica da Gramática Gerativa que dá à sintaxe o *status* de única fonte geradora da gramática, a Hipótese da Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002) postula a existência de múltiplas fontes geradoras da gramática, as quais se configurariam por um conjunto de subcomponentes lingüísticos (fonológico, sintático e semântico-conceptual) e funcionariam de modo paralelo, combinando-se de tal modo a forjar um dado item lexical.

Jackendoff (2002, p. 125) propõe uma estrutura tripartite, denominada por ele de *A Gramática*, a qual prevê uma interação entre seus subcomponentes e a postulação de componentes de interface. Deste modo, enquanto o léxico se encontraria na interface do específico lingüístico, os componentes semânticos e fonológicos teriam interface com o sintático.

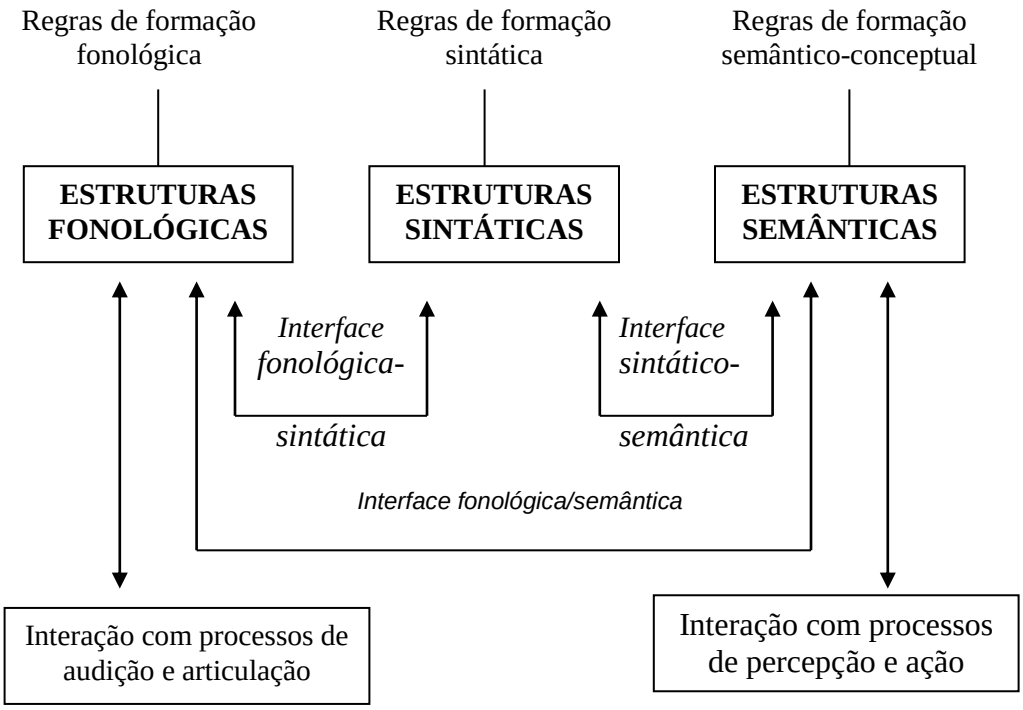

Diagrama 6[13]: Modelo paralelo tripartite (JACKENDOFF, 2002, p. 125)

O autor explica que, por este diagrama, podemos observar uma bela escala de organização da interação entre a fonologia, a sintaxe e a semântica, bem como o claro papel da sintaxe na arquitetura paralela que, embora esteja no centro da figura, é apenas um dos três componentes gerativos da gramática e não a mais importante, sendo que a estrutura fonológica é a codificação de sons especificamente lingüísticos e a estrutura sintática serve como uma *way-station* entre estas duas estruturas, realizando um mapeamento mais articulado e preciso. Esta estrutura corrobora a idéia de que a linguagem pode ser pensada como um mapeamento entre sons e significados. (JACKENDOFF, 2002, p. 126)

Dentro deste modelo, o léxico é, portanto, **o componente de interface do específico lingüístico e o espaço de armazenamento, na Memória de Longo Termo (MLT), de todo conhecimento lingüístico.**

Um parêntese, a essa altura, para apresentar os aspectos mais relevantes da argumentação de Jackendoff, parece importante, dado o pouco conhecimento de sua

[13] Tradução retirada de Carmo (2005, p.56)

proposta no cenário lingüístico brasileiro e dada, acima de tudo, a natureza radicalmente flexível de sua definição do léxico

O lingüista começa por discutir quais os aspectos de uma expressão devem ser estocadas na memória e quais podem ser construídos *on-line*. A palavra *dog (cão)*, em seus termos, é um exemplo do que deve ser guardado na memória, já que não há como construí-la *on-line* pela junção de suas unidades mínimas. Já a frase *My dog just vomited on your carpet* (*Meu cão vomitou no seu carpete)*, pode ser construída *on-line* pela junção de suas palavras constituintes através da invocação das regras gramaticais do Inglês (ou Português). Entretanto, o uso reiterado dessa frase pode levar a seu armazenamento na memória, de modo a que seu significado deixe de ser uma construção *on-line*. Esse exemplo pode ser o caso de muitas expressões em uma língua (ou, pelo menos, de uma parte constitutiva de certas expressões) que podem ser arquivadas na memória. Nesses termos, também os pequenos clichês, os idiomas de uma língua ou mesmos os textos, grandes ou pequenos, desde que memorizados pelo falante, podem também ser arquivos da MLT. Para Jackendoff, portanto, todas essas formas estariam armazenadas no que ele conceitua com Léxico.

Para iluminar esse caminho teórico, o lingüista propõe, em primeiro lugar, uma distinção entre os conceitos de *palavra* (padrão fônico e gramatical (N,V,P, etc) dicionarizável) e de *item lexical* (unidade menor ou maior que a palavra, armazenada na MLT). Esta diferença pode ser sumarizada nos seguintes termos (JACKENDOFF, 2002, p. 154; SALOMÃO 2005, p. 13; CARMO, p. 57):

(a) Os itens lexicais podem ser maiores ou menores que as palavras gramaticais: podem ser afixos, expressões idiomáticas, fórmulas interacionais ou marcadores discursivos;
(b) Nem todas as palavras gramaticais são itens lexicais: palavras gramaticais que fazem parte de expressões, poderão ou não ser consideradas como itens lexicais (*chutar o pau da barraca, dependurar as chuteiras, rodar a baiana*);
(c) Existem itens lexicais complexos e “defectivos” que não contêm substância fonológica (casos de sujeito nulo, anáforas zero, padrões sintáticos, etc) e/ou semântica (expressões idiomáticas), em que a análise composicional das partes

não traduz o sentido, padrões sintáticos (SN AUX SV) ou morfossintáticos (como o padrão Abstrato Agentivo Genérico proposto por Carmo e subscrito no presente estudo (Cf. cap 4));

(d) Muito do que é denominado como "regras de gramática" é, de fato, um item lexical, como os padrões sintáticos (SN V SV) ou mesmo as construções morfológicas (V + nte);

(e) Quando o item lexical aparecer em mais de um padrão sintático, a entrada lexical poderá mencionar uma hierarquia de heranças, como, por exemplo, o licenciamento da ocorrência do item em um dos vários padrões previstos em sua entrada lexical.

Partindo dessa redefinição de item lexical, Jackendoff vai propor um repensar da produtividade do léxico, o que o leva a reconfigurar os chamados domínios da Morfologia Flexional e Derivacional a partir dos conceitos de Morfologia Produtiva e Semiprodutiva, que são assim delineados:

a) **Morfologia Produtiva**: abarca um conjunto fechado de informações gramaticalizadas e com produtividade regular, exceto quando formas irregulares bloqueiam ou suplantam formas regulares. As generalizações produtivas resultam de livres combinações de morfemas individuais que são armazenados como itens lexicais individuais. Envolve não só o campo da chamada morfologia flexional, como também a derivacional. Como exemplo de flexão, temos o afixo *–ed* da língua inglesa. Ele é sempre usado na formação de verbos no passado, a não ser nos casos restritos de verbos irregulares. Em Português, se formamos o plural dos nomes pelo acréscimo de *–s*, o falante, com base em um padrão já presente na MLT, tende a usar a mesma forma para pluralizar palavras novas. Já como exemplo de derivação, temos em nossa língua as formações adverbiais em –mente, que se aplicam aos adjetivos em geral (*felizmente, docemente, claramente*).

b) **Morfologia Semiprodutiva**: em se tratando de semiprodutividade morfológica, teremos uma situação diferente, uma vez que as regularidades serão parciais, pois a regra

não se aplicará a todas as formas. Um exemplo dessa semiprodutividade em Português são alguns pares de substantivos/ verbos, como *água – aguar; telha – telhar; tecla – teclar*,etc. Tal regra não vale para todos os pares desse tipo. Assim, podemos *aguar uma planta, telhar uma casa, teclar com um amigo,* mas não podemos **acetonar as unhas, por exemplo.* Embora não existam regras gramaticais que definam esse limite de produtividade, o falante de português sabe perfeitamente reconhecer os limites dos padrões semiprodutivos. È possível, então, que as regras de semiprodutividade fiquem armazenadas na memória, não sendo um produto de combinações livres. Assim, para Jackendoff, os princípios que expressam semiprodutividade são, de fato, regras lexicais, ou seja, padrões combinatórios possíveis do léxico. Como essas regras informam padrões combinatórios, mas não todos os detalhes de cada *output,* esses devem se listados, pelo menos em parte, na MLT.

A exposição desta teoria se faz de suma importância aqui, uma vez que não apenas incorpora, mas também amplia o conceito de construção, defendido neste trabalho como pareamento de forma e sentido, armazenado no léxico. Para Jackendoff, a construção é um padrão altamente flexível e recorrente. Esta abordagem construcional e flexiva do léxico, revelando a existência de padrões construcionais dinâmicos, abertos e previsíveis, trará uma relevante contribuição para nossa agenda investigativa.

3.3 Estudos das Formações em x-nte

Na presente seção, passamos, conforme já anunciado, a apresentar alguns estudos sobre as formações em X-nte desenvolvidos no Brasil, com os quais pretendemos dialogar em nossas análises. De fato, os poucos estudos encontrados têm âncora na tradição gramatical (gramáticas do Português), formalista (MIRANDA, 1979) e funcionalista (GAMARSKI, 1996). O único estudo encontrado com uma abordagem cognitivista de certo modo convergente com nossos pressupostos foi um artigo de Basílio (2004) sobre a motivação metonímica do processo de flutuação N/Adj em Português, o qual não tem as formações x-nte como foco, mas as utiliza como um tipo de evidência. Estudos de caráter

etimológicos foram encontrados, como os de Gonçalves (2004), e algumas observações encontradas na Internet, os quais serão expostos no próximo capítulo (4.3.3),

3.3.1 Os estudos dentro da tradição gramatical

Nas subseções seguintes estaremos apresentando a abordagem que os dicionários de língua portuguesa fazem do sufixo *nte*, bem como o tratamento conferido a este pela tradição gramatical.

3.3.1.1 A contribuição dos dicionários

Em nossos estudos, foram pesquisados os dicionários Houaiss (2001), Aurélio (1986), Melhoramentos (1977) e Caudas Aulete (1978), e a versão do Novo Dicionário Eletrônico Aurélio[14] (2004) em CD-ROM. Caudas Aulete e Aurélio (1986) não apresentam o verbete na forma –*nte*, mas –*ante*. Caudas Aulete o especifica da seguinte forma:

> ...**ante**. *suf. Adj*. Que se junta ao termo de verbos em ar, e exprime o sujeito da ação ou do estado indicados na significação do verbo: *brilhante, semelhante, fulgurante, calmante.* Corresponde ao part. pres. dos verbos latinos.|| - *suf. S.* (analog.) indica a profissão, a seita, *fabricante, comediante, protestante*. Ou o cargo, o emprego: *comandante, almirante, ajudante*. [*nota*: propriamente o sufixo é *nte* (lat. *ns, ntis* [-*nt*-] e o *a* pertence ao tema]

A descrição encontrada no dicionário Aurélio (1986), se encontra bem mais sumarizada: -**ante**. [do lat. –ante-] Suf. Nom. – ‘agente’, ‘ação’, ‘qualidade’, ‘estado’: *amante* (< lat. *Amante*), *despachante, estudante, semelhante, radiante, tolerante* (< lat. *tolerante*).

Na versão eletrônica do Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (2004), já podemos encontrar a forma –nte:

---

[14] Corresponde à 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI.

> -nte. [Do lat. *-ns, -ntis,* do part. pres. latino.] Sufixo nominal. 1.formador de adjetivos e substantivos com idéia de: ‘agente’; ‘ação’; ‘estado’: *combatente*, *ouvinte*, *pagante*; *abrangente*, *constituinte*, *seguinte*. [Equiv.: *-ente*: *diluente*.]

Já a descrição do dicionário Houaiss (2001) se apresenta com um pouco mais de detalhes. Ele mostra que as palavras com terminação em –nte têm sua origem no particípio presente do latim – tempo não encontrado no PB – o qual tinha sua terminação em –ens (*patiens, innocens eloquens, consciens, elegans*). Explica que, segundo a gramática tradicional, as formas do chamado particípio pertencem às qualificadas de nominais ou infinitas do verbo. Entre estas formas, encontram-se formas verbais a que faltam certas características essenciais ao verbo. Entre essas formas, encontram-se as categorias de tempo, modo e pessoa, apresentando as terminações *–ante, -nte, -inte*. No português Contemporâneo, podemos encontrar formas como *minguante, agonizante, corrente, contribuinte*, etc, cujas bases verbais fazem parte do uso do Português e palavras como *cadente*, *docente*, *inteligente*, as quais a base verbal caiu em desuso no eixo do tempo.

O dicionário Melhoramentos não faz menção a este sufixo.

3.3.1.2 A tradição gramatical

Dentre a grande variedade de gramáticas normativas da língua portuguesa, selecionamos apenas Celso Cunha (1970) e Bechara (1999). Consultamos ainda alguns “manuais” de gramática como “Faraco & Moura (1987), Savioli (1986) e Sacconi (1989). Tanto nos manuais quanto nas gramáticas, nos deparamos com imensuráveis listas de afixos formadores de palavras, procedimento este bem característico das gramáticas normativas, sem que haja preocupação com construções, contextos semânticos, ou coisas afins. A visão do léxico como uma lista aleatória de palavras raízes a afixos subjaz a tais descrições. Os exemplos são sempre dicionarizados e não há qualquer menção a possíveis neologismos.

Savioli (1986) se limita a colocar –nte numa lista de sufixos formadores de adjetivos a partir de verbos; Sacconi (1989) o coloca como sufixo latino agente da ação (-ante) e

ainda diz que, por analogia, indica profissão, bem como Faraco e Moura (1989), que o lista dentre os sufixos indicadores de profissão e agente. Para Celso Cunha (1985, p.99), este é um sufixo que pode exprimir ação, qualidade, ou estado e serve para formar substantivos, adjetivos ou deverbais. Ele também o descreve como um sufixo que pode exprimir ação, qualidade ou estado e que serve para formar substantivos adjetivos ou deverbais.

Bechara (1999, p.358) também não se atém à descrição específica de –nte, limitando-se a listá-lo entre os principais sufixos formadores de substantivos, especificamente na lista para a formação de nomes de agente, instrumento e lugar, sendo estes *-tor, -dor, -sor, -or; -nte; -ista; -eira, -eiro; -ária, -ário.* Além disso, o gramático lista uma série de sufixos isolados, sem separar os deverbais dos denominais, o que pode acarretar profundas diferenças analíticas.

Quase todas as gramáticas dedicam um capítulo à formação de palavras por derivação e composição. Uma idéia implícita de regras aparece aí, na soma de radical e afixos, que vai ser tomada, de modo explícito, conforme já apresentado (Cf. seção 3.1) pela hipótese lexicalista.

3.3.2 Uma abordagem lexicalista das formações em x-nte

Com base nos pressupostos da Hipótese Lexicalista (HALLE[15],1973; JACKENDOFF[16], 1975; e, principalmente, ARONOFF[17],1976 e BASILIO[18],1977), Miranda (1979) investiga a produtividade lexical de agentivos deverbais e denominais da língua portuguesa falada no Brasil, procurando aplicar princípios, restrições e regras impostas à sua produtividade lexical, e buscando estabelecer um padrão derivacional subjacente que inclua as regras formadoras desses agentivos. Aliás, um dos pontos mais relevantes dessa proposta analítica consiste exatamente na postulação desse padrão derivacional subjacente. Ancorada em Basílio, postula ainda a importância da noção de

---

[15] HALLE, M. *Prolegomena to a theory of word formation*. In Linguistic Inquiry, vol. IV Winter, 1973.
[16] JACKENDOFF, R. *Morphological and semantic irregularities in the lexicon*. Language, vol. 51, 1975.
[17] ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Mass, MIT Press, 1976.
[18] BASILIO, M. *Aspects of the structure of lexicon: evidence from Portuguese*. Ph. D. dissertation, The University of Texas at Austin, 1977.

Bloqueio Paradigmático, que possibilita a previsão de improdutividade, produtividade restrita ou marginal das RFPs.

Deste modo, o padrão geral subjacente ao pareamento verbo/agentivo pode ser formalizado nos termos seguintes (MIRANDA, 1979, p.37):

$$\underset{V}{[\,X\,]} \longrightarrow \underset{V}{[\,X\,]} \longleftrightarrow \underset{\substack{NvAdj \\ Ag.}}{[\,X'\,]}$$

A formalização acima indica que *o sentido de agentivos ligados a verbos independe de um sufixo específico ou mesmo da direção do processo morfológico.* O estabelecimento de tal padrão permitirá não só que se postulem regras de formação específicas (x-dor, x-nte e x-ivo), como também poderá explicar suas restrições de produtividade e sua distribuição complementar: x-dor (formador de N), x-nte (formador de Adj) e x-ivo (este apresentando produtividade quase nula, uma vez que foge ao padrão geral subjacente). Ratifica-se, desse modo, a hipótese do Bloqueio Paradigmático.

Ancorada em Basílio (1977), Miranda (1979, p.60) adota a relação entre transparência e produtividade: "uma regra é transparente quando qualquer de suas formas tem a composição fonética, a função e/ou o significado de seu sufixo definidos sem qualquer ambigüidade, assim como as classes de base com as quais este sufixo se combina".

Uma regra morfológica é opaca quando há ausência dessas condições. Teremos uma RFP transparente quando for possível a previsão do sentido de qualquer forma que resulte dela. Entretanto, não se deve limitar a idéia de transparência ao campo da semântica, como postula Aronoff. É importante que se considere também informações fonéticas e sintáticas relacionadas tanto ao sufixo quanto à base. Deste modo, transparência – produtividade e opacidade – improdutividade estão intimamente relacionadas.

Através de exemplos, a autora nos mostra que a formação dos agentivos em –nte (assim como a dos agentivos em –dor), tem o verbo como única categoria sintática de *input* e seu *output* semântico é "que x", em que "x" equivale ao sentido da base verbal. Em termos de *output* sintático, a autora postula três grupos de agentivos em x-nte: (1) os que funcionam como substantivo ou adjetivo; (2) os que funcionam apenas como substantivo e (3) os que funcionam apenas como adjetivo. Aos que funcionam como substantivo pode ser

atribuída uma leitura nominal que equivale ao traço semântico de profissão. Assim, não basta *atender, escrever ou estudar* para ser *atendente, escrevente ou estudante*. Por outro lado, aos agentivos que funcionam apenas como adjetivo, atribui uma leitura apenas adjetiva. Desse modo, uma *obra fascinante* é uma obra *que fascina*.

A autora reconhece a problemática da não transparência morfológica (Cf. subseção 3.1.1) do *output* que pode ser adjetivo e substantivo, mas considera as vantagens de um tratamento em termos de padrões de extensão de significado e propriedades gramaticais. Assim, prefere o caminho da proposição de uma única regra de redundância e de formação de palavras para as formações em x-nte, em vez de levar a diferença morfossintática com motivadora de duas regras distintas.

Ao definir a produtividade dessas formações, Miranda começa por postular a existência de uma RAE e de uma RFP (uma vez que estamos lidando com formas produtivas) e por estabelecer os pontos de distanciamento entre tais regras definidos por restrições sintáticas e semânticas que vigoram no processo produtivo.

Em termos da **restrição sintática**, a autora afirma que x-*nte* tem sua produtividade restrita à categoria dos adjetivos (o que vamos questionar em nossas análises), o que faz dele um sufixo formador de adjetivos, em distribuição complementar com x-dor, que forma, basicamente, substantivos. A **restrição semântica** implica que a grande maioria dos verbos que funcionam como base de tais agentivos traduz o traço semântico de "processo", definido como "mudança de estado ou condição". Exemplos disso são os verbos de terminação em –*izar* (*socializar / socializante; nasalizar / nasalizante*) e outros verbos que apresentam um traço semântico de processo, como *encorajar* (*encorajante*), *alisar* (*alisante*), *intensificar* (*intensificante*), entre outros e ainda os verbos freqüentativos (*fervilhar / fervilhante; chuviscar / chuviscante; dedilhar / dedilhante*).

Assim, Miranda, com base em princípios de restrição de produtividade que prevêem não só uma relação entre a transparência morfológica, sintática, como também **semântica** e a produtividade de uma regra, conclui que "a produtividade da regra de adição do sufixo –nte estará definida por graus diferentes, de acordo com a composição semântica que a forma verbal de base apresentar, ou seja, o sufixo x-*nte* se combina mais produtivamente com verbos de processo" (MIRANDA, 1979, p. 49)

Com base nas restrições postuladas, as regras lexicais para x-nte são assim formuladas (MIRANDA, 1979, p. 46):

(RFP) $[X]_V \rightarrow [\,[X]_v\text{–nte}]_{Adj.Ag.}$

(RAE) $[\,[\,X]_V\text{–nte}]_{Ag.}$

Temos então uma RFP, em que os agentivos em –nte são formados pelo acréscimo do sufixo a uma base verbal, pertencendo, assim, à classe dos adjetivos. Temos também uma RAE, que mostra que os agentivos em –nte podem ser apreendidos como formas compostas de uma raiz verbal mais sufixo, podendo pertencer às categorias de Adjetivo ou Substantivo.

O que Miranda persegue em seu estudo é, acima de tudo, conforme já dissemos, a confirmação da existência de um **padrão geral subjacente de relação lexical para as regras formadoras de agentivos**. Nesse aspecto, vale ressaltar, nossa busca se iguala, quando procuramos, através da apropriação dos conceitos mais flexíveis de léxico e de construção postos por Jackendoff (Cf. seção 3.2), postular um padrão genérico para as formações agentivas. É o que buscaremos demonstrar em nossas análises, no capítulo 4.

3.3.3 Pontuando algumas reflexões sobre as formações x-nte

Uma das questões discutidas em torno das construções x-nte é a que vem sendo nomeada como "flutuação" substantivo/adjetivo (BASÍLIO, 1995). Trata-se do caso de parte dessas formações, que, segundo a tradição analítica, pode ser usada tanto como adjetivo, quanto como substantivo.

Um dos autores que tratam amplamente dessa questão é Basílio (1995, 2004). Em um artigo intitulado *O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português* (1995), a autora explica que o problema da flutuação vem, muitas vezes da dificuldade de se fazer a distinção entre substantivo e adjetivo, que não se mostra apenas por sua estrutura, mas também pelos diferentes critérios que as gramáticas normativas utilizam para defini-los. Porém, ela diz que, apesar das dificuldades que se apresentam, é possível, pelo menos

de um modo geral, determinar propriedades de adjetivos ou de substantivos, como por exemplo, concordância e função sintática, partindo de características que são consideradas próprias dessas classes. Deste modo, Basílio se utiliza dessa estratégia para estabelecer alguns parâmetros pelos quais poderíamos distinguir essas classes gramaticais.

A partir daí, a autora se propõe a analisar as formações em *–ista*, *-dor* e *–nte*. Como nosso objetivo no presente trabalho é focalizar as construções formadas em *–nte*, nos deteremos, de modo breve, em sua análise apenas destas formações.

A autora considera que as construções x-nte são basicamente adjetivas e aponta duas funções para o sufixo -nte: a formação de adjetivos não agentivos e de agentivos com aspecto durativo, os quais podem ser usados como substantivos. Para a autora, um bom caminho seria o estabelecimento de regras separadas para adjetivo e substantivo, mas isso poderia incorrer em problemas, uma vez que seria difícil encontrar uma regra que desse conta das restrições apresentadas, bem como da relação entre o nome de agente e sua versão adjetiva. Assim Basílio busca a solução para tal impasse nas funções semânticas de cada classe: a função semântica primária do substantivo é a de designar e a do adjetivo, caracterizar. Deste modo, "designadores poderiam eventualmente funcionar como caracterizadores e vice-versa, caso em que as propriedades semânticas gerais apresentariam alterações em contextos restritos". (Basílio, 1995).

Num artigo posterior (2004) a autora levanta a hipótese de que o processo de flutuação N/adj teria um caráter metonímico, tanto na passagem do substantivo para o adjetivo, quanto em processos inversos. Para a autora, haveria uma relação direta entre a denotação, como função semântica, dos substantivos e a qualificação de caracterização, função dos adjetivos. Teríamos então a designação de um ser a partir da função adjetiva de caracterização, configurando-se a denotação por caracterização. A hipótese é ilustrada com exemplos como *organizador*, que denota um ser caracterizado por organizar alguma coisa. O conceito de "substantivo como denotação do ser (caracterizado por x)" se associa ao conceito de "adjetivo como caracterizador de X". Deste modo, em *comissão organizadora*, temos um processo metonímico que provê a interpretação "caracterização da comissão por organizar", dada a explicitação do ser e conseqüente posição de adjetivo. Tais propostas analíticas serão retomadas e questionadas no capítulo de análise (capítulo 4) do presente estudo.

Outra autora que também trata desta questão é Léa Gamarski (1996). Entretanto, o foco de seu artigo, intitulado *Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental – adjetivos devebais em –nte* não se limita a esse ponto, considerando também a grade argumental das formações em x-nte. A autora tenta descrever, numa perspectiva gerativista, os grupos de formações em x-nte pela base semântica do verbo, tentando mostrar quais seriam bases que mantêm a herança argumental e quais não o fariam. Deste modo, ela se propõe a investigar como a estrutura dos verbos de base se projeta nos deverbais em x–nte, acreditando que muitas dessas estruturas vêm de uma interação entre especificações lexicais e princípios gerais da gramática.

A autora também questiona quais condições levariam o falante a produzir formas adjetivas ou substantivas, em que medida seus aspectos se refletiriam em sua estrutura e categorização, bem como na organização sintática de seus enunciados. Ela especula em uma direção que, até certo ponto, poderá convergir com nossas análises,

> a existência de uma regra específica de derivação de adjetivos e/ou substantivos em –nte, ou de um possível **fenômeno de expansão lexical de adjetivo para substantivo,** de modo a se evidenciarem as condições que determinam a produtividade dessas formações. (GAMARSKI, 1996, P. 396) [grifos nossos].

A partir daí, a lingüista vai elencar diferentes tipos de base verbal que, de acordo com sua estrutura semântica, levariam ou não à absorção de seus argumentos internos ou externos. Tais descrições acabam por gerar um conjunto de descrições de uso, que não oferecem qualquer conclusão definitiva ou hipótese explicativa, terminando por apontar apenas a existência de um processo morfológico do qual derivariam adjetivos e substantivos com propriedades sintático-semânticas particulares e condições de produtividade distintas.

As questões pontuadas nesta subseção serão retomadas no próximo capítulo, sob um olhar sociocognitivista, o qual, acreditamos, encerra subsídios necessários para esclarecer tais questões.

3.4 Considerações Finais

Observando a maioria dos estudos morfológicos apresentados neste capítulo, vemos que refletem fortemente a crença formalista na autonomia do significante e a fragilidade de tal visão, frente a complexidade dos fenômenos de integração conceptual e formal da linguagem. Exceção neste cenário é a proposta teórica de Jackendoff (2002), principalmente no que respeita à vigorosa redefinição do léxico.

Em relação às propostas analíticas apresentadas sobre as formações em x-nte, encontramos listas aleatórias, apresentadas pelas gramáticas, regras algorítmicas, de natureza derivacional, assim como quadros tipológicos de traços argumentais e de usos. Embora lacunares, tais abordagens representam, no entanto, um ponto de partida significativo para nossas análises. Assim é que, no próximo capítulo, buscaremos dialogar com todas elas, construindo algumas convergências e, mais acentuadamente, divergências. Trabalhos como o de Miranda (1979) e Basílio (1995, 2004) serão retomados, de modo particular, de forma a confrontá-los com as teses sociocognitivistas que orientam nosso estudo.

4. A REDE DE CONSTRUÇÕES DEVERBAIS EM X-NTE

"O que sabemos é uma gota,
o que ignoramos é um oceano."
Isaac Newton

O presente capítulo tem por objetivo passar à análise das construções deverbais em x-nte, tomando como eixo teórico nuclear o paradigma sociocognitivo da linguagem, cujos fundamentos principais arrolamos nos capítulos anteriores. Dentro dessa perspectiva, nos propomos a explicar como se dão tais formações, levando em conta ainda as análises já realizadas neste campo, pelas diferentes tradições. Além de dialogar com tradições analíticas distintas, o presente trabalho também dá prosseguimento às pesquisas desenvolvidas pelo projeto "A Gramática das Construções na Constituição do léxico (Cf.. cap. 1) e, mais especificamente, significa um desdobramento dos estudos de Botelho (2004) e Carmo (2005) sobre construções agentivas morfológicas do Português do Brasil (PB).

Dentre os pressupostos gerais que orientam nossa investigação está a tese posta pela Gramática das Construções de que o conhecimento lingüístico, em qualquer língua, pode ser descrito e explicado em termos de Construções, tidas como expressões lingüísticas que articulam um significante e condições de significação (Cf. seção 2.3.1). Assim, nos termos desse modelo teórico, pressupõe-se ainda uma continuidade essencial entre os domínios de sintaxe e morfologia, pensados como uma rede de construções com diferentes níveis de especificação.

É, pois, dentro do enquadre teórico anunciado, e retomando Carmo (2005, p. 72-73), que nossas hipóteses gerais acerca das construções agentivas se anunciam:

1. "Existe um PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO, armazenado como item lexical na memória de longo-termo (MLT), que inseminaria as construções agentivas perifrásticas e as mórficas".

2. As construções agentivas sintéticas (mórficas) e as construções perifrásticas (sintáticas) são projeções metafóricas de protonarrativas (Agente, Ação, Objeto) configuradas na mente, que se realizam como esquemas básicos, a partir da experiência humana física e social;

3. As construções agentivas mórficas implicam em um processo cognitivo de compressão desta protonarrativa em seu participante principal – o ATOR/AGENTE – o que estamos nomeando como **compressão de personificação.**

Dentro deste viés teórico, Botelho (2004) postula uma ampla rede polissêmica de construções denominais em x-eiro (*faxineiro, motoqueiro, sanfoneiro, pessegueiro, nevoeiro, soneira, lixeira, bobeira*), enquanto Carmo (2005) recobre a rede de construções denominais em x-ista (*diarista, pianista, tratorista, marxista, petista*). Coube a nós, então, neste macroprojeto, o estudo de construções de origem verbal, mais especificamente, como já anunciado, das construções em x-nte (estudante, governante, hidratante, absorvente).

Em nosso trato analítico, nos guiaremos pelas seguintes hipóteses específicas:

.

- As construções deverbais em x-nte são, originariamente, adjetivas;
- As construções substantivas são projeções metonímicas (*links* metonímicos) da construção adjetiva central e se configuram como uma rede polissêmica por elos metafóricos.

Nos termos anunciados pelo nosso conjunto de hipóteses, buscaremos desvendar as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência destas construções no Português do Brasil (PB). Assim, nas seções seguintes, traçaremos a investigação de nosso objeto – x-nte – a partir da postulação de três níveis de padrão lexical, quais sejam: um nível de padrão mais abstrato (Padrão Abstrato Agentivo Genérico) que recobre construções agentivas sintáticas ou mórficas; um nível semi-especificado (Construção Agentiva Mórfica Deverbal), que abarca as construções agentivas morfológicas de origem verbal, e por fim, um nível de maior especificação, a Construção Agentiva Deverbal x-nte. O percurso

argumentativo deste capítulo se orienta exatamente pela apresentação sucessiva de tais padrões construcionais.

4.1 O Padrão Abstrato Agentivo Genérico

Ao investigar a rede dos agentivos denominais em x-eiro, Botelho (2004, p. 82) se guia pela seguinte hipótese analítica: "tal rede seria deflagrada a partir de uma **Construção Agentiva Genérica** parcialmente especificada: [x fazer / afetar y]". Deste modo, tal construção teria um evento causativo prototípico como esquema conceptual básico. Em termos semânticos, haveria uma relação argumental de transitividade agentiva e experiencial do tipo [AFETAR b, a]. A autora ainda explica que a expressão lingüística deste esquema conceptual-semântico encontra um repertório de construções tanto analíticas como sintéticas (*João faz o jardim/jardineiro*), que integrariam o esquema das formações sintáticas e lexicais agentivas.

Carmo (2005), num diálogo com Botelho (2004), e assumindo o conceito de léxico proposto pela teoria da Arquitetura Paralela de Jackendoff (Cf. seção 3.2), postula o **Padrão Abstrato Agentivo Genérico**. Dentro da definição de itens lexicais plenos ou "defectivos" proposta por Jackendoff (2002), Carmo (2005) busca, nos signos **sem realização fonológica e semântica**, as ferramentas teóricas descritivas para fundamentar seu padrão genérico. A autora (2005, p. 61) explica que tais signos "são entendidos como padrões sintáticos genéricos, que, idiomatizados, estão armazenados numa memória mais profunda, enquanto conhecimento lingüístico", servindo tanto para recobrir manifestações sintáticas quanto morfológicas. Para Jackendoff (2002. p.154), esses são **padrões genéricos, regras-l** ou mesmo **arquétipos gramaticais** que inseminariam o processo de aquisição da linguagem.

Nestes termos, investiga "as condições de licenciamento, armazenamento e recorrência dos formativos em x-ista", buscando o padrão presente nas construções transitivas analíticas/sintáticas (*Carlos toca piano*) ou sintéticas/mórficas (*pianista*). A partir de exemplos, a autora procura "extrair o padrão genérico defectivo que subjaz a essas seqüências, marcado pela presença de uma estrutura sintática/mórfica e pela ausência de expressão fonológica". (CARMO, 2005, p. 76)

Carmo explica ainda que não se trata de um padrão desprovido de semântica, mas apresenta uma semântica vaga, dada a sua estrutura e conceptualização genérica, que se encontra na interface com uma cena transitiva prototípica concebida no mundo (um ATO volicional, uma AÇÃO e um PACIENTE) (CARMO, 2005, p.76). Nestes termos, a autora propõe a seguinte formalização:

Morfossintaxe:	
Classe: **PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO**	
Estrutura Sintática	**[SUJ V OBJ.]**
ou	
Estrutura Mórfica	**([X]** $_{N/V}$ **sufixo agentivo)**
Semântica: **AGIR X Ag Y Pac**	

Diagrama 7: formalização do padrão abstrato agentivo genérico

A partir deste diagrama, Carmo propõe, portanto, a existência de um item lexical complexo, o qual se apresenta cristalizado sob a forma de construção lingüística, e se constitui de um padrão morfossintático formado por relações gramaticais emparelhadas com relações argumentais semânticas em um predicado de dois lugares. Em lugar de um esquema de CAUSA proposto por Botelho (2004), a autora sugere um esquema de AÇÃO. A autora evoca a Gênese desse padrão (AGIR, AGENTE, PACIENTE) nos seguintes termos:

> A gênese experiencial e conceptual desta construção estaria no esquema imagético básico de deslocamento e manipulação, as protonarrativas espaciais básicas, projetadas em metáforas primárias do tipo EVENTOS SÃO AÇÕES, ATORES SÃO MANIPULADORES E MOVEDORES (TURNER, 1996). (Carmo, 2005, p. 76)

Nestes termos, esse padrão abstrato geraria construções sintáticas e mórficas, dentro das quais podemos encontrar um vasto repertório de construções na língua portuguesa. A autora se propõe, então, a estudar as agentivas mórficas denominais, mais precisamente as

construções x-ista. Nossa intenção, no presente trabalho, como já dissemos, é investigar as construções deverbais x-nte.

4.1.1 O Padrão Genérico: repensando as abordagens anteriores

Conforme explicitado, buscando descrever as condições de licenciamento para inserção de itens lexicais agentivos, as autoras supracitadas propõem uma Construção Agentiva Genérica (BOTELHO, 2004) e um Padrão Agentivo Genérico Abstrato (CARMO, 2005) a partir da mesma cena agentiva prototípica do tipo X agir sobre Y, que recobriria as construções agentivas sintáticas ou mórficas.

Assumindo o mesmo caminho teórico que prevê a existência no léxico de itens lexicais "defectivos" (JACKENDOFF, 2002), o Padrão Abstrato Agentivo Genérico que passamos a propor se diferencia das propostas anteriores, acima descritas, por um traço fundamental. De fato, em nossa argumentação analítica, estamos propondo um padrão a partir de uma cena scriptizada de AÇÃO – um AGENTE QUE AGE – na qual o foco está no AGENTE e o OBJETO, subfocalizado, sofre um processo de absorção.

Posto nos termos acima, o diagrama 7 poderia ser reestruturado da seguinte forma:

Construção abstrata agentiva genérica (Regra L – padrão defectivo)

Morfossintaxe:

Classe: PADRÃO ABSTRATO AGENTIVO GENÉRICO

Estrutura sintática [SUJ V OBJ]

ou

Estrutura mórfica [$[X]_{N/V}$ sufixo agentivo] $_{N/Adj}$

Semântica:

AGIR $_{Ag.\ (Obj.)}$

Diagrama 8: formalização da *Construção abstrata agentiva genérica*

Temos aqui uma regra-l, que prevê informações sobre a grade argumental (classe sintática e papel temático) da construção lingüística, constituindo um Padrão Abstrato Agentivo Genérico. Este padrão insemina tanto construções sintáticas [Suj. V. Obj], quanto mórficas ($[X]_{N/V}$ sufixo agentivo) $_{N/Adj.,}$ e apresenta uma semântica que se revela na estrutura AGIR $_{Ag.}$ $_{(Obj.)}$. Quanto à informação sintática da estrutura mórfica, o padrão provê mais de uma classe tanto no *input* (V/N) quanto no *output* (Adj/N)

Podemos encontrar na língua portuguesa um grande número de construções recobertas por esse padrão. Tomando como exemplo as construções agentivas denominais reportadas (x-ista e x-eiro) e as deverbais em x-nte, objeto do presente estudo, observemos a forma como as construções mórficas e suas paráfrases sintáticas, nos seguintes conjuntos de exemplos, ilustram o padrão abstrato acima descrito, no que concerne à especificação da grade argumental e, mais especificamente, ao papel subfocalizado do Objeto nas cenas enquadradas:

1. **Construções em x-ista**[20]:

Quem toca piano: pianista

Quem escreve novela: novelista

Quem pratica surf: surfista

Quem constrói maquete: maquetista

Quem faz figurino: figurinista

Quem dança samba: sambista

2. **Construções em x-eiro**[21]**:**

Quem vende jornal: jornaleiro

Quem vende/compra dólares: doleiro

Quem faz faxina: faxineiro

Quem faz sapato: sapateiro

Quem faz sanduíche: sanduicheiro

Quem faz chave: chaveiro

---

[20] Para estudo detalhado da rede em x-ista, ver CARMO (2005)

[21] Para estudo detalhado da rede em x-ista, ver BOTELHO (2004)

O que guarda cinza: cinzeiro

O que guarda lixo: lixeira

O que guarda sapatos: sapateira

O que dá rosa: roseira

O que dá goiaba: goiabeira

O que dá maçã: macieira

O que salta, de modo regular e revelador nas paráfrases sintáticas das formações agentivas denominais, em relação à estrutura argumental e, em especial, ao **Objeto** é a presença de um fenômeno já conhecido no campo da investigação sintática como **incorporação nominal**.

Este fenômeno é definido por Baker (1988, p. 1, apud FERREIRA, 2005, p.29), como aquele em que "uma palavra semanticamente independente vem para dentro de outra". Algumas línguas indígenas, como Mohawk, Nahuatl e Onodanga, entre outras, marcam este fenômeno de forma fonológica e sua incorporação se realiza de modo semântico e morfológico, resultando em um verbo morfologicamente complexo constituído de afixos flexionais verbais que se somam à raiz nominal e verbal.

Para Saraiva (1997, apud FERREIRA, 2005, p.29), ocorre no PB a Incorporação Nominal de um certo tipo de complemento verbal, o qual ela denomina SN Nu Objeto Incorporado. Este SN se constitui de "Nome comum em sua forma básica, sem marcas de plural, em condições distintas de complementos verbais constituídos por SNs plenos". Alguns exemplos que demonstram tal fenômeno seriam:

Vou cortar cabelo.

Vou fazer unha.

Vou passar roupa.

Vou tomar banho.

Vou fazer compras.

Vou lavar cabeça.

Saraiva (1997, apud FERREIRA, 2005, p.50) explica que tal fenômeno apresenta algumas características: temos um N que não pode ser usado nem referencialmente nem quantificacionalmente e nem anaforicamente e não pode ser movido para posições tópicas, ou mesmo ser separado do verbo.

Ferreira (2005) vai mais além em sua análise e nos mostra que tais ocorrências evocam uma motivação sociocultural, que implica uma **cena conceptual de ação rotineira**, uma vez que descrevem ações scriptizadas, ou seja, situações convencionalizadas na comunidade de fala (*trocar roupa, cortar cabelo, comprar remédio, buscar menino no colégio).*

Embora Ferreira discuta tal fenômeno em nível de construções sintáticas do PB, nossa proposta no presente estudo é remeter tal análise também às construções mórficas, reportando às construções mórficas acima ilustradas, a mesma **cena *scripti*zada de ação**, em que o **objeto** é incorporado. É assim que *pianista* é alguém que "*toca piano*" e não quem toca o/*este/aquele piano*. Do mesmo modo, podemos afirmar que *carteiro* é quem *entrega carta*, não a/esta/aquela carta. A não especificação do objeto, seguida das restrições acima apontadas, sinaliza, conceptualmente, o *script* de uma cena rotineira, habitual, socialmente convencionalizada (ofício, profissão[22]), em que a ação do agente é o foco. Uma paráfrase melhor de uma cena seria dizer que *ser pianista* é "*pianar*", *ser sanfoneiro* é "*sanfonar*", sinalizando de modo morfológico a incorporação nominal

No caso das formações agentivas em x-nte, o *script* do AGENTE QUE AGE revelará um processo mais forte de subfocalização do Objeto, incorporando-o, de modo a deixá-lo, na maioria dos casos, opcionalmente presente em termos sintáticos.

Consideremos exemplos dessas construções:

1. Grupo 1

Aquilo que cintila: cintilante

Aquilo que abunda: abundante

Aquele que delira: delirante

---

[22] A respeito da rede polissêmica das construções em x-eiro que envolve projeções metafóricas de agentividade para objetos (*cinzeiro, lixeira, sapateira*, etc), elementos da natureza (*roseira, mangueira, bananeira*, etc), dentre outras, ver BOTELHO, Laura. *Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004

Aquele que agoniza: agonizante
Aquilo que borbulha: borbulhante
Aquele que vive: vivente
Aquilo que brilha: brilhante

No grupo 1, temos predicadores monoargumentais, herança que se repete na formação deverbal.

2. Grupo 2:

Aquele que estuda (matemática): estudante (de matemática)
Aquele que gerencia (firma): gerente (da firma)
Aquele que fuma (charuto): fumante (de charuto)
Aquele que preside (país): presidente (do país)
Aquele que remete (carta): remetente (de carta)
Aquele que trafica (drogas): traficante (de drogas)
Aquilo que hidrata (pele): hidratante (de pele)
Aquilo adoça (alimentos): adoçante (de alimentos)
Aquilo descongestiona (nariz): descongestionante (de nariz)

Em 2, na forma sintética ou analítica, o Objeto expresso ou não, é um caso de incorporação nominal.

Na próxima subseção, um parênteses se faz necessário de modo a pontuar, de forma mais clara, a relação estreita entre as construções agentivas morfológicas e as Construções Agentivas Sintáticas de Ação Rotineira. Para isto, partimos, conforme já explicitado, do trabalho de Ferreira (2005).

4.1.2 A Construção Agentiva de Ação Rotineira

O Padrão Abstrato Agentivo Genérico presentemente proposto resguarda, como Carmo (2005) já pontua, um fundamento caro ao paradigma cognitivista aqui assumido: o princípio da continuidade essencial, da interface entre os diferentes estratos da Gramática e aqui, em especial, entre morfologia e sintaxe.

No território da sintaxe, tal Padrão apresenta uma forte relação com o fenômeno da Incorporação Nominal (de fato, nossa hipótese é que ele pode recobrir qualquer construção agentiva – sintática ou mórfica), uma espécie de destransitivização que se revela em diferentes construções sintáticas do PB. Exemplo disso são as Construções de Ação Rotineira propostas por Ferreira (2005, p. 53). Essas construções podem se apresentar em em versões transitivas simples (*cortar cabelo, assistir TV, comprar pão*) ou versões preposicionadas (*buscar menino no colégio, marcar hora no dentista, buscar boi no pasto*). São as transitivas simples o ponto de comparação com as Construções Agentivas Mórficas.

Para compreendermos melhor a rede de heranças em que tais construções se inserem, tomemos um diagrama da rede de construções oracionais do PB, posto por Ferreira (2005, p. 57) nos seguintes termos:

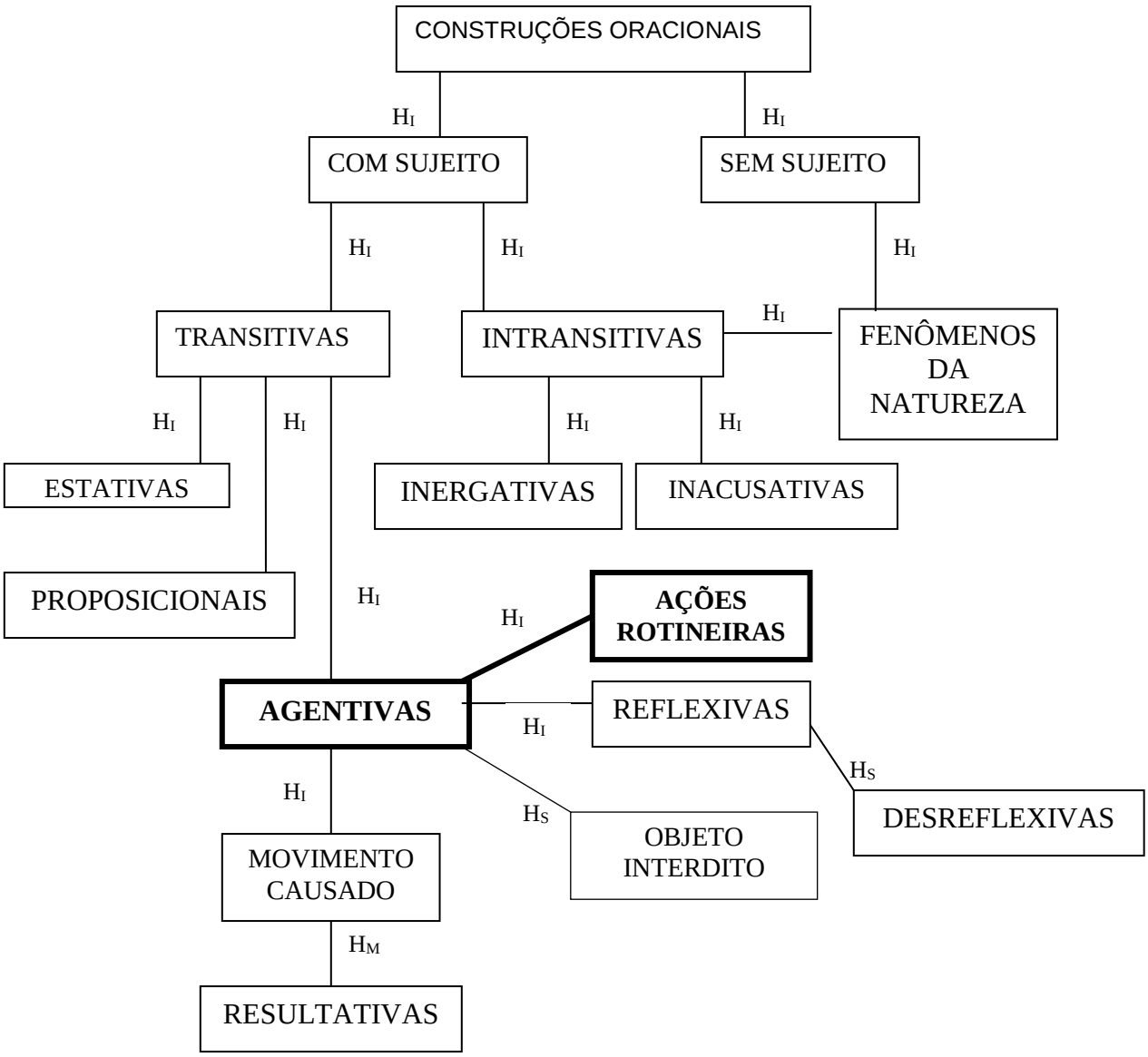

Diagrama 9: Construções Oracionais do PB

Esta rede se fundamenta no princípio da motivação e herança geradoras de redes de construção, nos termos concebidos pela teoria da Gramática das Construções e apresenta

> as mais abstratas generalizações sintáticas relativas à ordem linear, marcação de caso e regularidades relativas às correspondências entre funções temáticas e funções gramaticais, enunciando-as nos nódulos mais altos da rede hierárquica das heranças construcionais.(FERREIRA, 2005, p. 56)

Deste modo, temos na rede marcas de herança que podem se dar por instanciação (H_I), por subparte (H_S), ou por elos metafóricos (H_M). As Construções Rotineiras, por exemplo, constituem-se como herança por instanciação das Construções Agentivas. Tais construções apresentam dois princípios de instanciação sintática. Por um lado, temos uma co-intanciação de um argumento locativo, o qual não se apresenta obrigatório no esquema sintático-conceptual. Por outro lado, temos uma obrigatoriedade desta co-intanciação. Podemos compreender melhor estes princípios observando os exemplos:

(a) *Pagar conta.(no caixa/ no banco)*
Cortar cabelo (no salão/ no barbeiro).
Comprar remédio (na farmácia/ por telefone).
Tirar leite (no curral/ no pasto)

(b) *Buscar menino no colégio.*
Jogar papel fora/ no lixo/ no cesto.
Pegar livro na biblioteca.
Pegar fita/filme na locadora.

Ferreira (2005, p. 61) explica que em construções do tipo (a), a presença ou ausência do objeto vai implicar numa diferenciação dos *scripts*, uma vez que se estabelece uma oposição paradigmática no plano conceptual, como em *comprar roupa/ comprar roupa em butique/ comprar roupa na liquidação* ou mesmo, ***comprar roupa em butique na liquidação.***

Deste modo, a Construção Agentiva de Ação Rotineira se mostra como uma especialização da Construção Transitiva Agentiva, em que devemos ter:

(i) como Nominal Objeto, um Nome, despojado de Especificador e de Complemento;
(ii) no evento agentivo uma marca de habitualidade ou convencionalidade;
(iii) uma Construção que não pode participar, via Herança Múltipla, da motivação de Construções que possuem deslocamento do Objeto para posições mais tópicas.

Entendemos portanto, como já dissemos, que tais fenômenos identificados por Ferreira (2005) nas construções sintáticas têm paralelo nas construções agentivas mórficas, uma vez que tais construções parecem evocar a mesma ***Ação Escriptizada do Agente***. Para a autora, "de fato, o que nos parece caracterizar a Construção é que ela evoca uma ***Ação Escriptizada do Agente***, não uma Ação do Agente afetando um Paciente tipicamente pré-existente". (FERREIRA, 2005, p. 64)

Em termos do processo morfológico em estudo, temos, nas construções agentivas, cenas rotineiras que, reiteradas, **cristalizam-se como práticas sociais[23], passando a nomear (substantivos) ou caracterizar (adjetivos) o seu agente,** através de um *script* de AÇÃO.

Tendo em vista a existência de um Padrão Abstrato Agentivo Genérico nos termos descritos, passamos a seguir a uma abordagem da Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal recoberta por tal padrão.

4.2 A Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal

Como vimos (Cf. seção 4.1), as postulações de Carmo (2005) são encaminhadas para o estudo de agentivos denominais. O presente trabalho busca investigar o padrão deverbal, posto, neste estudo, como um nível de semi-especificação do Padrão Abstrato Agentivo Genérico, apresentado às seções anteriores.

Na busca pelo trato analítico de tais deverbais, temos como foco o padrão presente nas construções agentivas analíticas/sintéticas, como se apresentam, respectivamente, nos exemplos a seguir:

(a) *alguém que estuda: estudante*
alguém que viaja: viajante
alguém que fuma: fumante

[23] Por elos metafóricos, como veremos à seção 4.4, estas construções se projetam em Agentes não humanos, como objetos (*absorvente*), substâncias químicas (*fortificante*).

(b) *algo que desinfeta: desinfetante*
algo que alisa: alisante
algo que amacia: amaciante

Assim, nos mesmos termos que Carmo propõe uma Construção Agentiva Mórfica Genérica **Denominal**, estamos propondo que a Construção Agentiva Mórfica Genérica **Deverbal** (CAMGDv) é uma instância do Padrão Abstrato Agentivo Genérico (Cf seção 4.1). Porém, importa aqui, antes de apresentarmos tal construção, levantar alguns pontos pertinentes sobre sua constituição no léxico.

Assim sendo, vale uma breve recordação das postulações Jackendoffianas pontuadas no capítulo anterior (Cf. seção 3.2). Contrapondo-se ao sintatocentrismo da tradição gerativista, o autor afirma existirem múltiplas fontes geradoras da gramática, que podem se configurar em nível morfológico, sintático e semântico-conceptual, funcionando de modo paralelo para forjar um item lexical, que não se restringe ao que conhecemos "tradicionalmente" como palavra, mas que se refere a todo conhecimento lingüístico armazenado na memória de longo-termo (MLT). Assim dentro da Hipótese da Arquitetura Paralela, o léxico não é o lugar das idiossincrasias, pois esse é regulado por princípios. Nessa perspectiva, Jackendoff propõe ainda uma nova abordagem para os campos tradicionalmente nomeados como Morfologia Derivacional e Flexional, reagrupando os fenômenos e tratando-os como Morfologia Produtiva e Morfologia Semiprodutiva.

O padrão de construções que nos propomos a tratar aqui se insere no campo da Morfologia Semiprodutiva, o qual é marcado por regularidades parciais ou padrões combinatórios possíveis, que seriam configurados por regras de redundância lexical (Cf seção 3.2). Tais regras permitem que haja em uma língua duas formas que, embora sejam diferentes, se relacionem no léxico, como *hidratar* e *hidratante*, *viajar* e *viajante*. Essas regras também permitem que o falante preveja formações novas, sem que, contudo, possa prever completamente seu sentido. Nestes termos, vale evocar Salomão (2004, p. 34), quando afirma "a diversidade de significações produzida é produto imaginativo das mesclagens e impreditível a partir da forma que as deflagra (...). Preditível neste processo é o esquema projetivo desencadeado pelas formas lingüísticas que o evocam". A autora, citando Fauconnier e Turner (2002: 149), lembra que

> (...) a forma lingüística "x é y de z" nos dirige para o esquema projetivo, mas não nos diz o que fazer com ele. Construir sentido envolve muito mais que isso: modelos cognitivos, topológicos, conhecimento geral, contexto, conecções de identidade e função, relações vitais, e, acima de tudo, mesclagem (...)

Deste modo, há que se prever que cada um dos *outputs* de um item lexical deverá ter armazenado, pelo menos parcialmente, na memória de longo termo, parte de significação não previsível nos padrões abstratos. No caso das formações agentivas em foco, uma rede polissêmica proposta ajudará a compor um padrão projetivo mais específico, sem encerrar, contudo, a questão da significação que, em última instância, só se revela em uma cena real.

Tais postulações sobre o léxico são de extremo valor para nossos estudos, uma vez que buscamos uma nova visada para as construções deverbais, dentro dos padrões sociocognitivos de herança e motivação das redes de construções, de modo a reafirmar o contínuo entre morfologia e sintaxe.

4.2.1 A solução construcional

Se estamos postulando a existência de uma Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal, o traçado argumentativo desta dissertação nos conduz a propor um equacionamento de tal Construção com o modelo de construção formalizado pela gramática das construções, nos termos de Goldberg. A essa altura vale lembrar que para Goldberg (1995) as **construções** formadas como um pareamento de *forma* e *sentido*, são consideradas como unidades básicas da linguagem. Embora os objetos das postulações de Goldberg sejam as construções sintáticas, a própria autora sustenta o princípio da continuidade essencial entre léxico e gramática, o que nos autoriza a estender o conceito de construção goldberguiano às formações morfológicas.

No entanto, em diversos trabalhos desenvolvidos dentro do grupo de Pesquisa Gramática e Cognição (Cf. cap. 1), quer no campo sintático, como Ferreira (2005), Pulhiesi (2004), entre outros; quer no campo morfológico, como Botelho (2004) e Carmo (2005),

tentando adaptar o diagrama de Goldberg às construções agentivas mórficas; ou mesmo do discurso, como Jesus (2003), o desenho das construções, nos termos de Goldberg, tem se revelado insuficiente, dada a natureza e origem múltiplas das construções estudadas, frente ao caráter linear e estrutural das postulações da Teoria da Gramática das Construções**.**

No caso das Construções Agentivas Denominais, Botelho (2004) e Carmo (2005) postulam uma formalização que, transportada para a construção deverbal x-nte, ou mesmo para x-dor, com os acréscimos analíticos presentemente propostos, poderia ser assim diagramada:.

Construção agentiva mórfica genérica deverbal

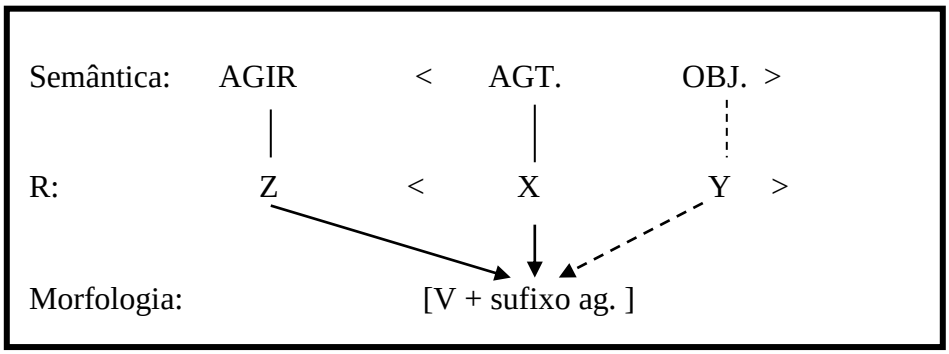

Diagrama 10: formalização da Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal

No diagrama 10, a primeira linha traz a estrutura semântica da construção: AGIR <agente, objeto>. Porém, como previsto e já evidenciado em trabalhos anteriores, encontramos uma dificuldade nas postulações de Goldberg. Analisando a construção (descomprimindo-a, portanto), percebemos que há uma **compressão** de uma cena nas construções x-nte: se o falante entra numa loja para comprar um *hidratante*, não há necessidade de que ele explique ao vendedor que *hidratante* é *um creme que possui a propriedade de hidratar algo*, visto que toda a historinha está comprimida na construção. Para melhor compreensão, tomemos a formalização de um exemplo –hidratante:

Construção agentiva mórfica genérica deverbal

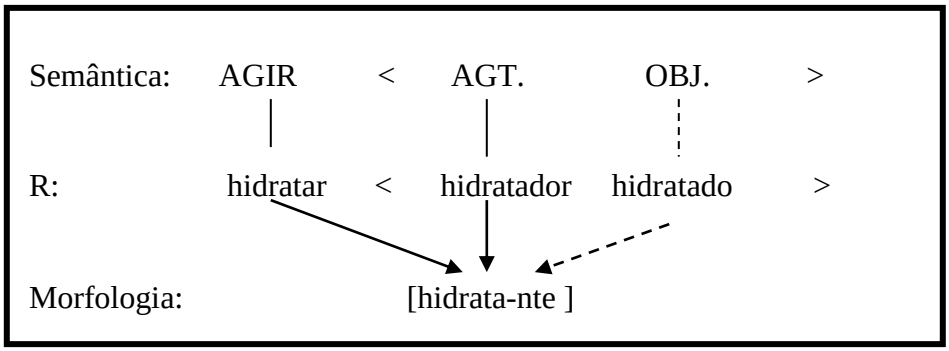

Diagrama 11: formalização da construção *hidratante*

Vale ressaltar, a essa altura, que a proposição de uma construção agentiva mórfica genérica deverbal implica que outras formações deverbais agentivas, como x-dor (*refrigerador, liquidificador, varredor, legislador*), possam ser licenciadas por este mesmo padrão geral dentro do léxico.

Frente a esse amplo processo de compressão presente na construção, as dificuldades começam a aparecer, pois a fusão linear proposta por Goldberg não dá conta de demonstrar tais processos que se revelam aqui, como a Compressão de Personificação (Cf. seção 4.2.2), um fenômeno originariamente proposto por Botelho (2004, p. 88), no qual há, na expressão morfológica, um processo de compressão em mescla, em que se comprime um evento, uma cena, uma micronarrativa, em seu protagonista – o AGENTE.

Na perspectiva analítica depreendida pelo presente estudo, tal processo de compressão de personificação inclui também uma **Compressão de categoria – objeto** (Cf seção 4.1.1). Tal fenômeno, nomeado pela literatura em sintaxe como Incorporação nominal, completa o processo de compressão presente na construção morfológica, como visto no diagrama 11, levando à absorção do argumento interno.

Concluindo, o que temos, enfim, é uma construção que alude METONIMICAMENTE à cena evocada. Assim, em *estudante, falante, ouvinte*, ou em *refrigerante, adoçante, hidratante*, temos comprimido o agente e um argumento interno absorvido, esteja ele sintaticamente presente ou não.

Por certo, a riqueza de tal processamento não encontra vida no diagrama de Goldberg. A solução de tal impasse está no trato processual e multi-direcionado dado à teoria da Gramática das Construções pela teoria da mesclagem, nos termos propostos por

Mandelblit (1997). Como vimos (Cf. seção 2.3.2), Mandelblit traz uma importante contribuição para os estudos da gramática das construções ao substituir o processo de **fusão** pelo de **mesclagem**, nos termos de Fauconnier & Turner (1994; 1997; 2002), como veremos à seção seguinte. Entendemos que tal contribuição também é bastante relevante para a proposta jackendoffiana da Hipótese da Arquitetura Paralela.

4.2.2 A Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal e o processo cognitivo de mesclagem.

Como dissemos (Cf. seção 4.2.1), as postulações de Goldberg não dão conta de explicar o fenômeno de compressão que ocorre nas construções agentivas mórficas. Deste modo, evocamos nos termos de Mandelblit (1997), o processo cognitivo da mesclagem de modo a alcançar uma explicação mais satisfatória da construção x-nte.

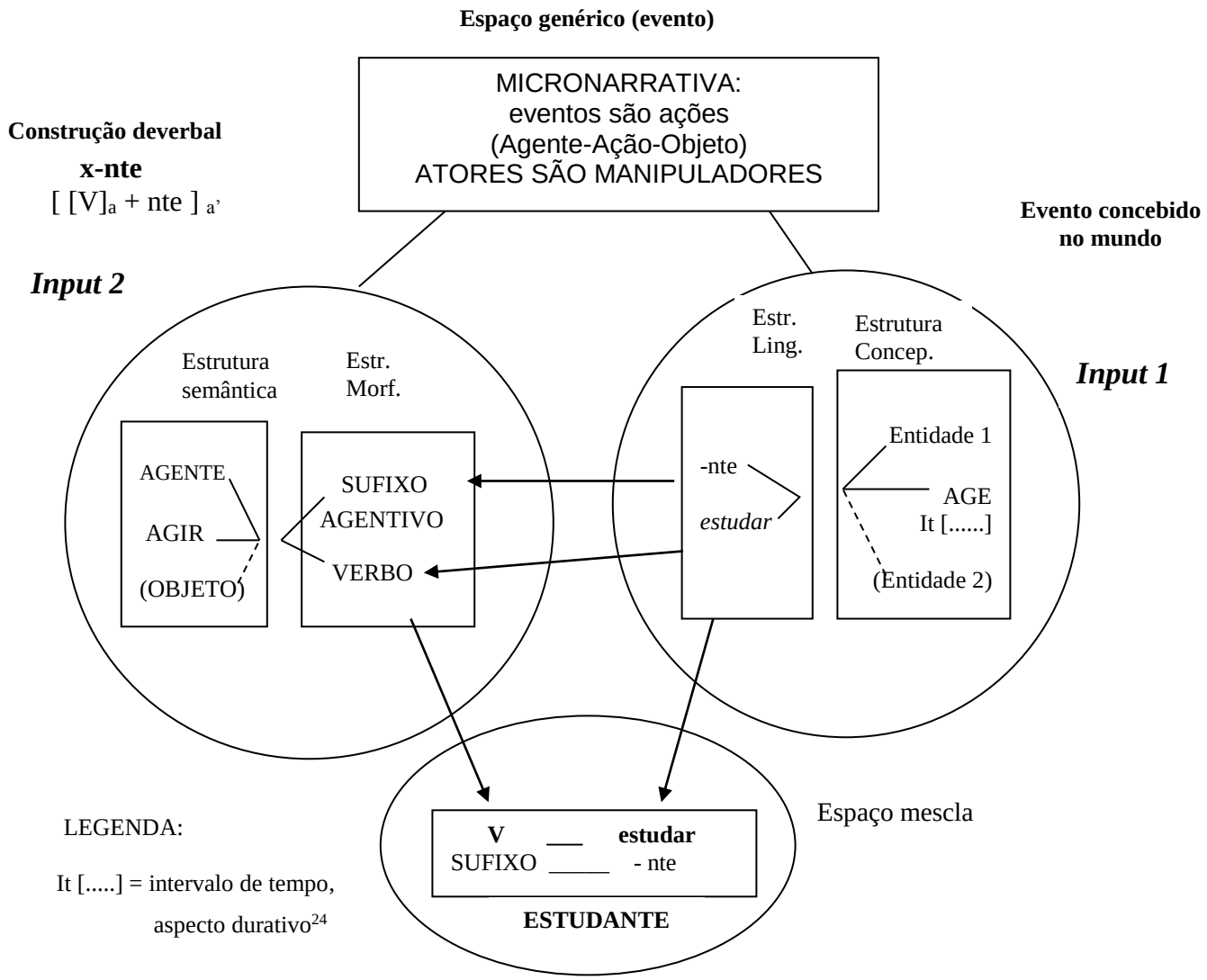

Diagrama 12[25]: formalização do processo de mesclagem gerador de *estudante*, nos termos de Mandelblit (1997)

Assim, vemos no diagrama acima a formalização do processo de mesclagem gerador de *hidratante*, em que temos dois domínios conceptuais (*input* 1 e 2), os quais se organizam por dois esquemas distintos: começando pelo domínio genérico, temos uma micronarrativa básica (Agente-Ação-Objeto). Aqui encontramos um *frame* que é ativado por construções que possuem a seguinte base metafórica: EVENTOS SÃO AÇÕES, ATORES SÃO MANIPULADORES.

No *input* 1, temos a representação do esquema de um evento concebido no mundo com a sua informação fonológica concreta (*estudar* + *nte*). Na estrutura conceptual estão os

[24] Este é um traço específico de x-nte, não ocorrendo nas construções x-dor
[25] Baseado nos diagramas de Botelho (2004, p.97) e Carmo (2005, p. 83).

elementos genéricos e os papéis dos participantes desta cena: uma entidade 1 que AGE num intervalo de tempo (It). Nesse enquadre, a Entidade 2, ainda que presente, é FUNDO, frente à Entidade 1, que é FIGURA, protagonista mesmo da cena. Os elementos dessa cena conceptual se comprimem e se projetam em uma estrutura lingüística sintética – a construção morfológica.

No domínio 2, temos um Agente que Age. Semelhantemente ao que ocorre no input 1, estes elementos sofrem uma compressão, se relacionando com a estrutura morfológica de sufixo agentivo e verbo. Enfim, no espaço mescla, encontramos as informações resultantes de todos os domínios envolvidos, ou seja, o resultado do processo de compressão dos dois *inputs*: a construção *estudante.*

De acordo com Botelho (2004, p.98) essas construções são o resultado de uma "historinha" que se comprime em seu Agente. É o que a autora chama, como vimos acima, de COMPRESSÃO DE PERSONIFICAÇÃO. Esta é, pois, a compressão de uma relação vital (Cf. seção 2.2), que condensa todo o evento em seu protagonista – o agente. E é a mescla que revela este poder de compressão da construção estudada: *alguém que estuda* é um *estudante*. Assim, as construções deverbais seriam apenas mais um nó dessa rede de formações lexicais que resultam dessas compressões. Botelho (2004, p. 98) sugere que "os processos de formação lexical são, de fato, compressões de diferentes **historinhas**".

4.3 A Configuração da construção agentiva deverbal x-nte

De acordo com os padrões arrolados até aqui, nos propomos a investigar o padrão dos agentivos deverbais em x-nte, de modo a evidenciar a configuração dessas construções como uma rede polissêmica.

Assim sendo, buscaremos na próxima subseção uma descrição mais detalhada das construções em x-nte em geral, apresentando sua descrição morfossintática, assim como as questões-problema situadas neste nível descritivo. As questões semântico-pragmáticas terão espaço paralelo, dada a impossibilidade de separar o significante, em sua insuficiência, dos significados que suscitam em cada padrão construcional e em cada construção concreta instanciada.

4.3.1 Descrição morfossintática de x-nte

Nos termos de Basílio (2005), a descrição morfossintática dos deverbais x-nte conduz, de imediato, a uma velha (e não resolvida) questão que é por ela nomeada como "flutuação" substantivo/adjetivo. Antes, no entanto de abordarmos e problematizarmos tal questão, cabe considerar a descrição morfossintática dessas formações.

Em termos sintáticos, Miranda (1979, p. 40-41) classifica as formações x-nte em três grupos:

1. aquelas que ocorrem como adjetivos (*alienante, tolerante, fascinante, apaixonante*)
2. aquelas que podem ocorrer tanto como adjetivo quanto como substantivo (*concorrente, crente, ocupante, repetente*)
3. aquelas que ocorrem apenas como substantivo (*estudante, atendente, ouvinte, presidente*)

Para a lingüista, embora x-nte seja considerado formador de adjetivos e substantivos, as formações em x-nte são, por excelência, adjetivas.

Nossas análises convergem para a mesma direção: analisando o conjunto das formações em x-nte, observamos que a maioria destas construções, tanto as já dicionarizadas quanto formações mais recentes, como, por exemplo, *bombante, bodante, pasmante, gozante,* (Cf. anexo 2) são adjetivos prototípicos. Há aquelas que, pela direção do processo de gramaticalização, assumem, de modo canônico, a forma substantiva, como nos exemplos: *Refrigerantes engordam, Viajantes são livres, Fumantes morrem cedo.* Quanto ao grupo 2, ao qual se atribui uma leitura substantiva e adjetiva, como *concorrente, repetente, excedente* e *alisante,* nossas análises nos conduzirão aqui a uma postulação mais específica.

Antes de prosseguirmos com a análise morfossintática dessas formações, cabe considerar uma questão. Conforme já assinalado, de modo reiterado, o foco de nosso trabalho são as Construções Agentivas. Acontece, que, enquanto Miranda

(1979) considera os três grupos acima listados como formas AGENTIVAS, para Basílio (1995), apenas as formações em 2 e 3 desempenham tal função. Ainda que reconhecendo a produtividade do grupo 1 (formações adjetivas), para a autora, tais formas não "atribuem" agentividade ao elemento ao qual se referem.

Apesar da diferença na consideração da função agentiva, ambas as autoras postulam apenas uma regra no léxico para as formações em x-nte (Cf. seção 3.3.2).

No momento, para uma consideração mais criteriosa desses grupos, tomemos um quadro de características definidoras de adjetivos prototípicos, isto é, aquelas que nos ajudarão a encontrar os "melhores exemplos" dessa categoria.

1. Características semânticas: a caracterização de seres. Segundo Bechara (2004, p. 142), o "adjetivo se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado".

2. Características sintáticas: ocorre em estruturas nominais (SNs) e predicativas, com verbos estativos, de opinião ou julgamento ou de mudança de estado.

3. Características morfológicas: concordam em gênero e número com o substantivo ao qual se referem, seja de forma direta (*meninos travessos*) ou com a intermediação de um verbo (*os meninos são travessos*), havendo também a possibilidade de formas derivantes para substantivos abstratos.

Além disso, os adjetivos apresentam também gradação e podem ser intensificados (*inteligente: muito inteligente, pouco inteligente, mais inteligente que, inteligentíssimo*).

Alguns adjetivos também podem sofrer nominalização, como *inteligente/inteligência*; *competente/competência*, etc.

Partindo dessas características, passemos à consideração dos grupos x-nte de modo a observar, em primeira mão, o comportamento formal dessas construções:

Grupo 1:

Formações em x-nte que se encaixam nesta caracterização prototípica de adjetivo:

a. Cumprem função semântica de caracterizar seres: *história horripilante, garoto inteligente, trabalhador competente.*

b. Não são, em cenas canônicas, usadas como substantivos: **A horripilante matou minha tia de susto*; **O inteligente passou no vestibular*; **O competente teve aumento de salário*.

c. Concordam com o adjetivo em número: *histórias horripilantes, garotos inteligentes, trabalhadores competentes*.

d. Podem ser intensificadas: *histórias horripilantíssimas, garotos inteligentíssimos, trabalhadores muito competentes*.

e. Apresentam formas nominalizadas: *inteligente/ inteligência*; *competente/competência.*

f. Podem ocorrer com verbos estativos (*quando era criança, ela era meio burrinha, mas agora* ***está*** *muito inteligente*), de opinião (*eu* ***achei*** *aquela história horripilante*) e verbos de mudança de estado (*depois de concluir o curso, Pedro* ***ficou*** *muito competente*).

Grupo 2:

Formações em x-nte que se afastam, em parte, desta caracterização prototípica:

a. Cumprem sua função semântica de caracterizar seres: *empresa concorrente, jovem crente, loção hidratante, aluno repetente.*

b. Podem ser usadas como substantivos: *O concorrente fechou o negócio; Aquele crente está sempre com uma bíblia na mão; Comprei um hidratante com perfume de rosas; Os repetentes fizeram protesto na porta da escola.*

c. Concordam com o substantivo em número: e*mpresas concorrentes, jovens crentes, loções hidratantes, alunos repetentes..*

d. Resistem ao processo de intensificação: **empresa muito concorrente; *Jovem muito crente.*

e. Nem todos apresentam formas nominalizadas: *concorrente/ concorrência, crente/crença, hidratante/*hidratância.*

f. Embora possam ser usados com o verbo estativo *ser* (*aquela empresa é nossa concorrente*), nem todos podem ser usados com estar (**aquela empresa está nossa concorrente*), de julgamento (**eu achei o aluno repentente*), de mudança de estado (**A loção se tornou hidratante*)

Dadas as condições funcionais acima apresentadas, o que nos parece é que, de fato, os exemplos do grupo 2 são construções em processo de gramaticalização como substantivos. Neste estágio, configuram-se mais claramente como um segundo elemento de **formações compostas**. Nesse ponto, concordamos com Botelho (2004, p.91) que apresenta a hipótese de que a agentividade em construções adjetivas ou substantivas se estabelece através da relação semântico-pragmática de **figura e fundo**, que se daria de acordo com o objetivo comunicativo da enunciação. Deste modo, a agentividade é **figura** quando a construção é um substantivo; já quando, a agentividade é **fundo,** a construção é um adjetivo. Assim é que temos *firma concorrente*, como um composto. Na medida em que se consolidam, tais formas podem dispensar o primeiro elemento da composição. Exemplos de formações novas, dentro do jargão universitário, como *professor visitante, universidade cooperante*, podem também ser facilmente referenciados (e o são, e fato), como *cooperante, visitante, assistente, ingressante*.

Grupo 3:

Neste grupo, com características que se confundem com as do grupo 2, o que temos, de fato, é uma diferença quanto ao estágio do processo de gramaticalização. Trata-se de formações fortemente gramaticalizadas como

substantivo[26]. É o caso de *viajante, traficante, governante, estudante, atendente, negociante, fabricante, escrevente*. Construções como *alvejante, alisante, adoçante*, surgem como substantivos, respondendo à necessidade pragmática de NOMEAÇÃO de produtos químicos que surgem a cada dia no na indústria (Cf. seção 4.4.2). Em todos os casos desse grupo, a construção, já cristalizada, se institui, metonimicamente, como designadora do agente. (Cf. seção 4.4).

Na seção a seguir, abrimos um parêntese para considerar a análise proposta por Basílio para tal questão.

4.3.2 Uma abordagem funcional e cognitiva da flutuação N/adj.

Conforme vimos à seção 4.3.1, x-nte é basicamente formador de adjetivos. Entretanto, vimos também que muitas dessas formações são também usadas como substantivos, como é o caso de *concorrente, crente, fumante, hidratante*, dentre outros.

É fato que a questão dos limites categoriais entre substantivo e adjetivo vem merecendo ampla discussão dentro da tradição lingüística. Tal descrição vem recebendo, contudo, um trato meramente descritivo e formal, ou até mesmo normativo. Na descrição dessas formações é comum encontrarmos, por exemplo, meras prescrições do tipo: "não podem ser usadas como substantivos" (grupo 1), ou "podem ser usadas como substantivo" (grupo 3). O fato é, no entanto, que a cada vez que somos tentados a normatizar tais limites nos termos acima, encontramos, de imediato, um modo de tornar X em Y. Se não por um processo mórfico, mas por um processo semântico-pragmático de expansão categorial. Até mesmo para as formações prototípicas adjetivas (grupo 1), somos facilmente compelidos a encontrar um contexto em que "*O inteligente passou no vestibular*" seja tomado como um bom exemplo de projeção metonímica e legitimizado em seu uso. A tradição gerativista, como os estudos de Perini (1997), avança em busca de hipóteses explicativas sobre tal

[26] O Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (2004) registra algumas dessas formações marcadas tanto como substantivo, quanto como adjetivo.

questão, deixando subfocalizado, contudo, as naturezas cognitiva e semântico-pragmática desse fenômeno que, a nosso ver, estão no cerne de sua explicação.

Dentro das abordagens desse fenômeno, é em Basílio (1995), que encontramos uma hipótese explicativa, de natureza funcional e cognitiva, de maior relevância para nossos estudos. Para a autora, o fenômeno reportado no grupo 3 da seção anterior é apenas um caso de **flutuação** substantivo/adjetivo, que se constitui como um amplo fenômeno nas Construções do Português.

Neste trabalho, a autora levanta a hipótese de que o processo de flutuação N/adj tem **caráter metonímico**, tanto na passagem do substantivo para o adjetivo, quanto em processos inversos.

Segundo Basílio, "a metonímia é um processo cognitivo que provê o acesso mental a uma entidade conceptual (alvo) através de outra entidade conceptual (o veículo)" (BASÍLIO, 2004, p. 180). Para a autora, haveria na questão da flutuação dos substantivos/adjetivos, uma relação direta entre a denotação, como função semântica, dos substantivos e a qualificação de caracterização, função dos adjetivos. Deste modo, a qualificação pode ser um modo de denotação, já que "a denotação por caracterização é um processo comum, eficiente e econômico de denotação". (BASÍLIO, 2004, p. 181). Nestes termos, a autora dá exemplos como organizador, que denota um ser caracterizado por organizar alguma coisa. Assim, o conceito de "substantivo como denotação do ser (caracterizado por x)" é naturalmente associado ao conceito de "adjetivo como caracterizador de X". Então, em *comissão organizadora*, o processo metonímico provê, de forma automática, a interpretação "caracterização da comissão por organizar", dada a explicitação do ser e conseqüente posição de adjetivo.

Na hipótese apresentada, a metonímia recobriria a flutuação na direção inversa, ou seja, de substantivo para adjetivo. Tomando como exemplos formas substantivas agentivas, como *organizador* e *visitante*, a autora considera que por serem exemplos de substantivos que "denotam via especificação ou caracterização", estes seriam candidatos óbvios para uso de adjetivo. Assim, na palavra *organizador*, o conceito "substantivo" (caracterizado por X) é associado ao conceito "adjetivo" (caracterizador de X). Deste modo, em *comissão organizadora*, o processo metonímico prevê automaticamente a interpretação: "caracterização da comissão por organizar", dada a explicitação do ser e sua conseqüente

posição de adjetivo. Outro exemplo dado por Basílio é a palavra *visitar*, em que temos a designação de uma pessoa pelo evento *visitar*. Sua caracterização ficaria disponível e acessível em *professor visitante*, como especificação da relação agentiva. Para a lingüista, há uma função prototípica de denotação por caracterização em tais palavras, provendo, assim, acesso para a função de caracterização adjetiva, a qual será sempre acessada quando a palavra ocorrer em posição adjetiva.

Em suma, para Basílio (2004), os pares adjetivo/substantivo seriam estruturalmente diferentes, mas funcionalmente idênticos. Assim, a autora coloca que, a partir da função adjetiva de caracterização, teríamos a designação de um ser, configurando-se a denotação por caracterização. Ou seja, a mesma relação que operaria para nomes de agente, se daria também inversamente, havendo um fácil acesso à função designadora do substantivo, que se torna adjetivo. Deste modo,

> a metonímia se revela, portanto, como um instrumento fundamental para a eficiência do léxico como um sistema de armazenamento de símbolos: como podemos acessar mentalmente uma entidade conceptual por meio de outra, é possível armazenar apenas uma entidade conceptual em vez de duas ou mais entidades parcialmente relacionadas. Assim, a flutuação substantivo/adjetivo nos permite estocar apenas um item lexical para ambas as funções de denotação e categorização: o armazenamento é feito pala função prototípica, mas outras funções associadas são imediatamente acessíveis por meio de um processo metonímico, incluído num modelo cognitivo de caráter lingüístico. (BASÍLIO, 2004, p. 183)

O que a autora assegura, dessa forma, é a centralidade de um processo cognitivo metonímico na explicação de formação de palavras. Ressalta, assim, que a metonímia permeia a maioria dos macroprocessos dessa natureza.

Tal abordagem do fenômeno, ainda que, parcialmente respaldada pelos parâmetros da lingüística cognitiva aqui adotados, encontra na Gramática das Construções um forte questionamento no modo de pensar a natureza da motivação e da herança entre construções. Antes de prosseguirmos, portanto, gostaríamos de levantar alguns desses questionamentos às posições firmadas por Basílio.

O primeiro deles diz respeito ao enquadramento das formações agentivas x-nte (e x-dor) nesse fenômeno que a lingüista nomeia como “flutuação”. Sem considerar a amplidão dessa questão, que ultrapassa as formações que temos como objeto de estudo, em nossa

perspectiva analítica, tal rótulo não pode se aplicar aos agentivos x-nte. A metáfora da flutuação implica ir de um lado a outro, de modo aleatório, sem qualquer precisão no rumo do movimento de mudança categorial. Não é o que, ancorados nos pressupostos da Gramática das Construções e na Teoria Cognitiva da Metáfora, julgamos poder afirmar sobre as formações x-nte. De fato, temos uma direção já presente nas construções no Latim (Cf. seção 4.3.3), a qual implica uma projeção metafórica básica – AÇÕES SÃO PROPRIEDADES. Tal projeção confere à forma nominal do verbo uma leitura adjetiva que, na passagem para a língua portuguesa se gramaticaliza, prototipicamente, como categoria de ADJETIVO. Esse é um dos nós da rede que, por outra projeção figurativa (metonímica) ganha uma construção SUBSTANTIVA. É o que voltaremos a defender na seção 4.4, quando apresentaremos a rede de construções em x-nte.

Antes, no entanto, de passarmos à proposição dos elos de natureza sociocognitivista que constituem a rede de construções em x-nte, dedicaremos uma seção às raízes etimológicas dessas construções. Nas seções seguintes, passaremos ao trato da rede de construções x-nte a partir de sua herança cognitiva, seus *clusters* semânticos, suas propriedades categoriais e funcionais.

4.3.3 A origem latina

Antes de darmos continuidade à questão da distribuição categorial das formações x-nte como nomes ou adjetivos, cabe-nos abrir um espaço para voltar ao passado, de modo a buscar nele possíveis motivações e elos capazes de favorecer a compreensão dos aspectos descritivos, funcionais e cognitivos desta rede de construção deverbal em estudo.

As formações em x-nte são oriundas do tempo verbal latino *particípio presente*. Segundo Gonçalves (2004), além do infinitivo, do gerúndio e do particípio passado, o particípio presente fazia parte das formas nominais do verbo latino, apresentando-se, morfologicamente, como nome[27] e flexionando-se em

[27] Segundo Bechara (2004, p. 144) os antigos gramáticos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos nomes, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras. Apenas na idade Média surgiu a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos.

gênero, número e caso. Em sua forma verbal, expressava-se como tempo presente, na voz ativa, tendo também um aspecto cursivo. Além de admitir complementação, funcionava como uma das flexões do tempo do *infectum* (não realizado).

Embora algumas formações do particípio presente fossem usadas como substantivo, como no exemplo: *Malus (Pygmalion) lusit amantem*, (*O malvado (Pigmalião) enganou a amante*)[28], a maioria de suas formações eram adjetivas. Gonçalves (2004) nos mostra que, em termos de categorização lexical, o particípio presente se apresentava como adjetivo, estabelecendo, indiretamente, uma relação temporal com o verbo da oração principal. Deste modo, tais formações tinham a principal função de qualificar o substantivo, atribuindo também a idéia de modo. Assim, na oração *Ad nos veniunt flentes* (a nós chegam **chorantes**), encontramos não apenas uma atribuição de estado ao sujeito, mas também o estabelecimento do modo como este sujeito realiza a ação, revelando em tal uso de predicativo do sujeito, um comportamento de adjetivo na fronteira de advérbio. Em nosso Português contemporâneo, é difícil encontrarmos uma tradução que demonstre o verdadeiro valor de *flentes*. Se dissermos: a nós chegam chorosos, perdemos a noção do aspecto durativo e se dissermos a nós chegam chorando, perdemos, por sua vez, o sentido adjetival da forma.

Segundo Brandão (1933, p. 16, *apud* GONÇALVES, 2004) era obrigatória a presença do sufixo –nt para predicar um estado do sujeito, quando houvesse sentenças com verbo principal de ação. Freire (1992, p. 35, *apud* GONÇALVES, 2004) nos mostra que havia uma alta regularidade na produção das chamadas formas nominais. Afirma que poucos eram os verbos que não tinham um particípio presente correspondente (como *ir, vir, acabar* e *continuar*), sendo assim, pequeno o número de exceções.

De volta ao presente século, podemos observar que muitas características de tais construções conservaram-se no eixo do tempo. Vemos que sua produtividade era mais abundante no campo dos adjetivos, apesar de já existirem algumas formas substantivas em x-nt. De modo semelhante, as formações atuais em x–nte se mostram mais abundantes na forma adjetiva, embora hoje nos pareça haver mais substantivos em x-nte do que havia em latim, visto a dificuldade com que nos

[28] Exemplo retirado do site http://web.ltt.it/www-latino/morfosintassi/iter10_primo.htm

deparamos, em nossas pesquisas, de encontrar exemplos de tais substantivos latinos. Também observamos que se preservou o aspecto cursivo de tais formações, embora o aspecto de modo tenha se perdido no tempo.

Uma mudança relevante a apontar é no aspecto da produtividade. Vimos que tal construção se situava no campo flexional da morfologia, sendo poucos os verbos que não tinham seus correspondentes no particípio presente. Hoje, as condições das construções são outras, a começar pelas restrições das bases verbais. Assim, podemos então afirmar que tais formações que, historicamente pertenciam ao campo da **Morfologia Produtiva,** com uso regular e sistemático, passaram a pertencer ao campo da **Morfologia Semiprodutiva** (JACKENDOFF, 2002), dadas as suas restrições de aplicabilidade (GONÇALVES, 2004). É neste campo que tais construções vêm sendo abordadas no presente estudo.

Apesar de não intentarmos aqui fazer um estudo diacrônico de tais construções, cabe-nos considerar a relevante contribuição de tais reminiscências em nossas análises, dado a força com que algumas características subsistiram ao tempo, em todo processo de transformação da língua portuguesa.

4.4 Configurando a Rede de Construções x-nte – os Elos Metafóricos e Metonímicos

Partindo da afirmação da Gramática das Construções de que construções se conectam através de uma rede que implica herança e motivação (Cf. seção 2.3.1), passamos a apresentar nossa proposta analítica, desenhando as relações que instituem a rede de construções x-nte.

Partimos das relações de herança entre os diferentes *clusters*[29] sintáticos (adjetivo e substantivo) que integram a rede de construções x-nte em geral.

Conforme já explicitado em seções anteriores (Cf. seções 4.3.1 e 4.3.2), tais *clusters* são os seguintes:

---

[29] Lakoff (1987, p.74) define *Cluster models* como um conjunto de modelos que se combinam para formar um conglomerado complexo que é psicologicamente mais básico do que os modelos tomados individualmente.

1º) *Cluster* de construções adjetivas (*situação humilhante; texto abrangente; mulher interessante*)

2º) *Cluster* de construções substantivas (*estudante, viajante, hidratante*)

Comecemos pelo desenho de um diagrama de rede:

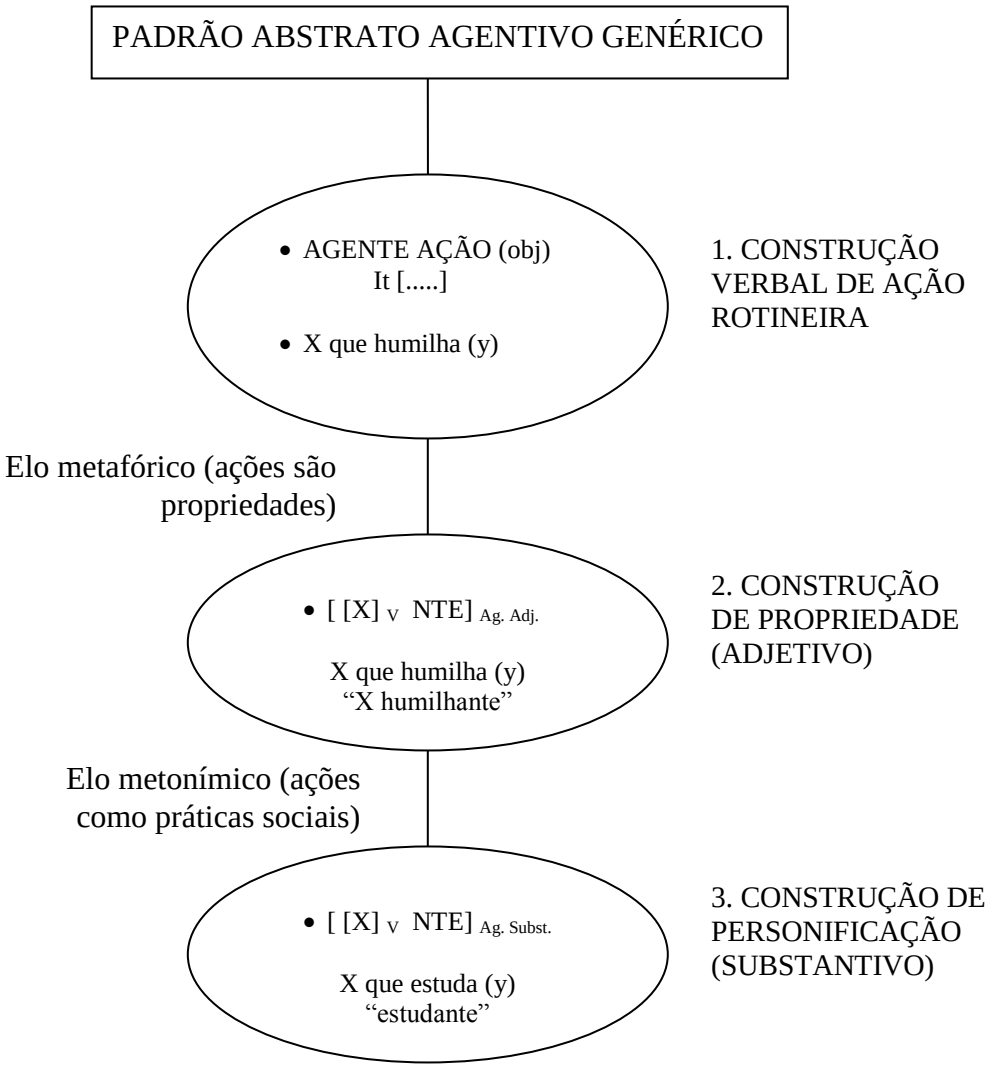

Diagrama 13: rede de relações das construções x-nte.

Nos termos postos no diagrama acima, os elos de herança e motivação entre tais *clusters* têm, pois, natureza metafórica e metonímica. Assim, a CONSTRUÇÃO DE

PROPRIEDADE, como instância do Padrão Genérico, e como construção morfológica, se institui a partir de uma metáfora básica – AÇÕES SÃO PROPRIEDADES. Esse **elo metafórico**, conceitualmente, projeta uma ação (CONSTRUÇÃO VERBAL DE AÇÃO ROTINEIRA), como propriedade, como qualidade de quem a pratica, isto é, como forma ADJETIVA (CONSTRUÇÃO DE PROPRIEDADE).

Dentro da rede x-nte, estamos postulando uma relação de herança desta construção (A) para a CONSTRUÇÃO DE PERSONIFICAÇÃO (B). Definida esta direção (A motiva B; portanto, B é herdeira de A), identificamos o elo entre tais construções como um Elo Metonímico.

Assim, na Construção de Personificação, temos uma **Compressão de Personificação** que, metonimicamente, traduz ações rotineiras como modelos de práticas sociais. Nesses termos é que *alguém que estuda* é *estudante*, *alguém que governa* é *governante*, *alguém que trafica* é *traficante.* Tais práticas sociais, conforme já explicitado, são histórica e culturalmente construídas, definindo profissões, atividades.

Deste modo, projetando-se a **parte pelo todo**, ações rotineiras, cristalizadas como práticas sociais (e como produtos químicos) nomeiam, designam agentes pelas ações que os caracterizam. São, pois, construções substantivas.

A postulação de construção adjetiva como a construção central dessa rede, motivadora da construção substantiva, se justifica de várias formas. Primeiro, pelas raízes etimológicas desse *cluster*, já que, em latim, tais construções eram, via de regra, adjetivas; segundo, por sua amplidão de uso e sua produtividade em nosso vernáculo (Cf seção 4.5 e anexo 1). A motivação mais forte está na direção possível para tal rede. Conforme discutido, há uma direção para tal herança cognitiva que é de A para B e não o contrário. É o que nos ditam os pressupostos cognitivistas da Gramática das Construções e da teoria da Metáfora aqui assumidas. Assim, como já explicitado à seção 4.3.2, estamos negando a possibilidade de explicar tal relação entre as formações adjetivas e substantivas em termos de flutuação, já que tal termo implica um movimento aleatório da mudança categorial. Para as construções a que se pode atribuir leitura adjetiva e substantiva, estamos postulando, conforme já explicitado (Cf. seção 4.3.1), um estágio intermediário em termos de um processo de gramaticalização como substantivo.

Embora Basílio considere como agentivos apenas as construções substantivas e aquelas com leitura substantiva/adjetiva, estamos atribuindo o conceito de agentividade, em escalas diferentes, a toda a rede acima descrita.

Nas próximas seções, damos continuidade à apresentação da Construção de Personificação que, em termos sincrônicos, se irradia em uma rede polissêmica, a partir de dois *clusters* semânticos – agentes humanos (*viajante, fumante, governante, comerciante*) e agentes químicos (*alisante, detergente, amaciante, adoçante*).

4.4.1 A Construção Agentiva de Personificação e seus *clusters* semânticos

Segundo Basílio (2004, p. 176), agentivos são palavras que denotam os indivíduos por seus atos ou atividades específicos, permanentes, eventuais ou habituais, sendo representados pelo verbo de base da construção. Assim, *organizador* é *aquele que organizou* e *visitante* é *aquele que está visitando*.

Quanto à função semântica dessas construções, Miranda (1979, p. 42) lhes atribui apenas o traço semântico de "profissão". Nossas investigações, no entanto, nos conduzem a uma gama de sentidos um pouco maior. No caso das construções produtivas são dois os *clusters* ou submodelos existentes: agentes humanos (*práticas sociais, profissão*) e agentes químicos[30]. A rede de sentidos das formações não produtivas, que inclui construções originárias do latim e do grego e construções importadas de línguas neolatinas, é um pouco mais ampla, Nesse grupo também encontramos nomes de objeto (*estante, volante, corrente, trinchante*), conceitos matemáticos (coeficiente, cosecante, tangente) e locativos (*poente, nascente*)[31].

O quadro abaixo ilustra os *clusters* semânticos produtivos dessa rede:

---

[30] Acreditamos que Miranda não trabalha tal grupo, devido á sua baixa produtividade ao tempo de sua dissertação.

[31] Nos anexos 3, 4 e 5 deste trabalho, apresentamos uma lista de exemplos de tais formações, assim como a origem das mesmas.

CLUSTERS	**EXEMPLOS**
1. AGENTES HUMANOS Papéis sociais profissões	Viajante Fumante Imigrante Estudante Traficante Desafiante Ocupante Representante Comerciante Governante Presidente Fabricante Gerente Escrevente
2. AGENTES QUÍMICOS	Refrigerante Adoçante Amaciante Hidratante Corante Conservante Alisante Alvejante

Diagrama 14: rede de *clusters* semânticos produtivos em x-nte

Frente à existência de tais *clusters*, passamos a afirmar que os agentivos deverbais x-nte da Construção de Personificação se constituem como uma rede polissêmica de base figurativa. É o que passamos a discutir nas seções que se seguem, buscando evidenciar os elos de motivação e herança entre os submodelos de agente humano e de agente químico.

4.4.2 Configurando a polissemia da rede de construções agentivas em x-nte

Considerando os *clusters* semânticos definidos à seção anterior, passamos a apresentar a rede polissêmica das construções de personificação. Entre o *cluster* 1, de Agente humano (*estudante, comerciante, viajante*) e o *cluster* 2, de agentes químicos (*fortificante, adoçante*), podemos postular a existência de uma herança,

de um **elo metafórico**, nos termos definidos pela Gramática das Construções (Cf. seção 2.3.1). Assim, temos uma CONSTRUÇÃO DE AGENTE HUMANO e uma CONSTRUÇÃO DE AGENTE QUÍMICO.

Para Turner (1996), tal elo se explica pela natureza imaginativa da mente humana que, segundo o autor, tem a capacidade cognitiva singular de realizar projeções parabólicas, através de um processo metafórico. Essas projeções de elementos cognitivos básicos de nosso conhecimento revelam nossa capacidade de expandir micronarrativas em processos múltiplos de construção linguística. Deste modo, podemos projetar animacidade e agentividade, própria dos atores humanos, em objetos, fenômenos, animais, substâncias, personificando-os (Cf. seção 4.2.2). Em Botelho (2004), as construções x-eiro são um belo exemplo desses elos metafóricos[32].

Uma mescla de duplo escopo (Cf. seção 2.2) é a origem dessa construção metafórica de AGENTE QUÍMICO, como demonstramos através do diagrama 15:

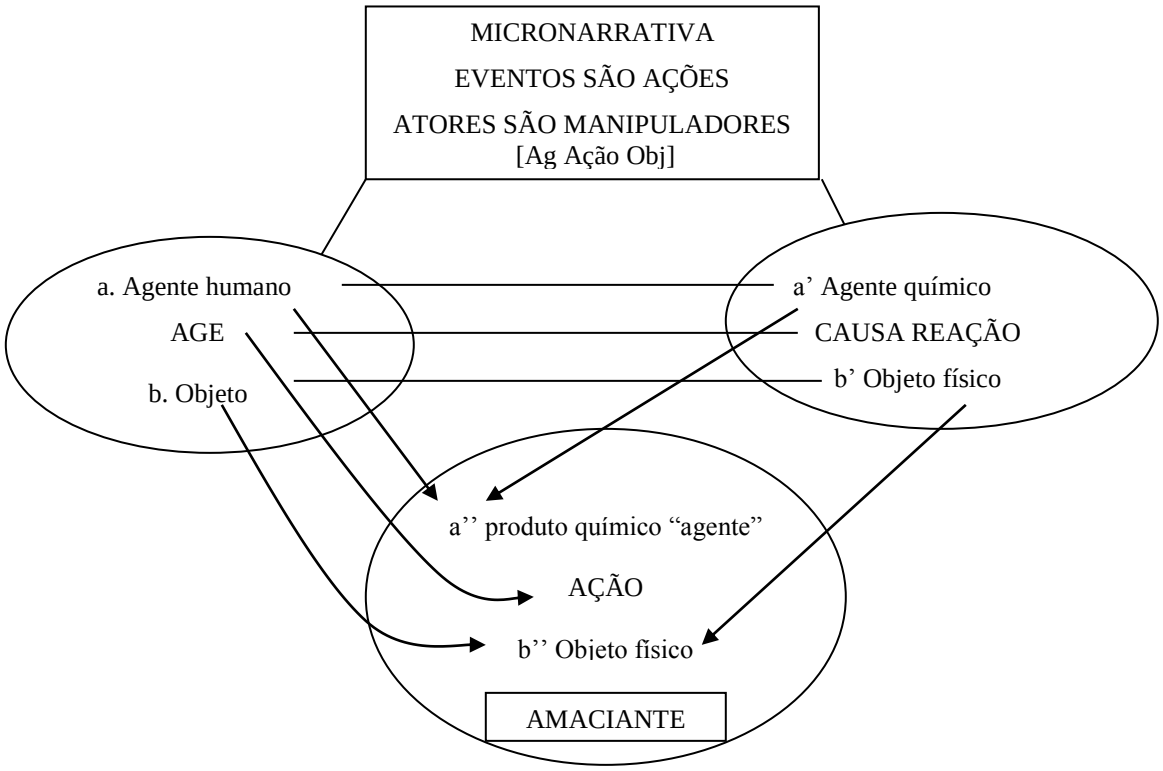

Diagrama 15: formalização do processo de mesclagem gerador de *amaciante*

[32] Construções não produtivas do PB, com origem em latim ou em línguas neo-latinas, são vestígios de uma rede metafórica mais ampla que implica a projeção de agentividade, em objetos, fenômenos, etc.

Temos neste diagrama, um espaço genérico que apresenta as metáforas EVENTOS SÃO AÇÕES e ATORES SÃO MANIPULADORES. Temos, no *input* 1, uma estrutura conceptual de **Agente (humano) AÇÃO Objeto**. No *input* 2, temos uma cena em que um produto químico CAUSA reação em um objeto físico. Através da nossa capacidade projetiva, transferimos, num elo metafórico, a animacidade do Agente (ator) humano ao agente químico. Deste modo, a mescla emerge da projeção de agentividade humana para um Produto químico, surgindo, então, a construção *amaciante*, utilizada como exemplo no diagrama acima.

Completando a rede de construções agentivas x-nte, de modo a dar conta de sua configuração morfossintática (Cf seção 4.3.1) e semântica, teremos o diagrama 15 ampliado, esquematicamente, nos seguintes termos:

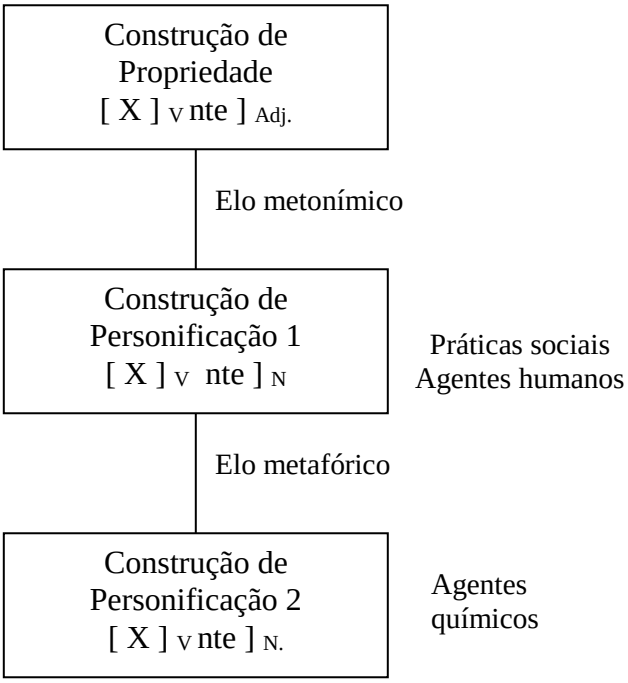

Diagrama 16: rede de construções agentivas x-nte

4.4.3 Sobre o papel da estrutura argumental nas formações x-nte

Nos termos da definição do Léxico proposta pela Hipótese da Arquitetura Paralela, podemos afirmar que uma parte da informação lexical consiste nas condições de licenciamento para inserção sintática do item lexical, o que implica no provimento de informações sobre a classe sintática, a grade semântica e as restrições de seleção do item lexical. Assim, é que a busca de descrição das condições de licenciamento das construções x-nte, nos levou, nas seções anteriores, à postulação de um Padrão Abstrato Agentivo Genérico (Cf. seção 4.1), em que a entrada lexical já menciona a condição de ocorrência de construções agentivas em mais de um padrão sintático – como adjetivos ou como substantivos. O mesmo padrão já provê informação sobre a grade argumental, tal como a INCORPORAÇÃO DO OBJETO.

A postulação de uma Construção Agentiva Genérica Mórfica Deverbal (Cf seção 4.2), amplia a informação sobre a grade argumental, postulando a ocorrência de um processo cognitivo específico da construção mórfica – a COMPRESSÃO DE PERSONIFICAÇÃO, que presume a compressão de toda uma micronarrativa no papel em foco na cena agentiva – o AGENTE.

A investigação das condições de licenciamento e armazenamento das construções em x-nte, de modo a aprofundar a descrição da rede de construções agentivas postuladas, nos convida ainda a uma reflexão mais aproximada sobre a estrutura argumental dessas construções.

É o que trataremos nas subseções seguintes (Cf seções 4.4.3.1 e 4.4.3.2)

4.4.3.1 As restrições sintático-semânticas da grade argumental

Uma questão pode ser colocada a essa altura: como explicar, dentro do processo de expansão categorial, que algumas construções agentivas possam ter forma substantiva e outras não? Nossa hipótese é que tal fenômeno decorre, em parte, de uma restrição sintático-semântica da estrutura argumental de cada construção, i.e., da restrição imposta ao

argumento externo da base verbal, dentro da cena instanciada. Assim, teríamos três grupos de formações que sofreriam as seguintes restrições:.

Grupo 1:

O argumento externo, não marcado semanticamente, pode ser humano ou não:

Fascinante: garota que fascina, história que fascina

Impressionante: rapaz que impressiona, história que impressiona

Cativante: mulher que cativa, filme que cativa

Enervante: homem que enerva, barulho que enerva

Neste caso, a ausência de restrição semântica para o argumento externo faz com que a presença do Nome caracterizado pela ação seja obrigatória (a caracterização por meio sintático: *garota fascinante*) e impede o uso substantivo da forma. Temos, assim, a construção ADJETIVA (Construção de Propriedade).

Grupo 2:

O argumento externo (explícito ou não) é necessariamente humano (papel temático de AGENTE):

*Atendente: mulher que atende, *porta que atende*

*Traficante: bandido que trafica, *mesa que trafica*

*Fumante: adolescente que fuma, *carro que fuma*

*estudante: homem que estuda, *xícara que estuda*

Grupo 3:

O argumento externo (explícito ou não) é marcado como não-humano (papel temático metafórico de AGENTE).

*Alisante: creme que alisa, *criança que alisa*

*Adoçante: líquido que adoça, *mulher que adoça*

*Hidratante: loção que hidrata, *jovem que hidrata*

*Amaciante: creme que amacia, *menino que amacia*

Já nas construções dos grupos 2 e 3, que sofrem uma clara restrição semântica, o argumento externo que compõe a cena pode ser absorvido, o que torna dispensável sua expressão lingüística em termos sintáticos. O processo metonímico atua, projetando "a parte como o todo" e a construção substantiva emerge. A forma *alisante*, por exemplo, supõe uma cena em que exista, necessariamente, em sua micronarrativa, um **agente químico** (creme), o que torna desnecessária tal explicitação para entendimento da construção. A cena instanciada para "*estudante*" é marcada pelo traço humano. Por isso se torna desnecessário dizer *homem estudante*, pois a construção *estudante*, metonimicamente, aponta o agente.

Nos termos postos, só as formações que possuem uma restrição sintático-semântica de tal natureza em sua base verbal se substantivam. É fato que outras restrições de produtividade se articulam com tal explicação, como as restrições de concorrência impostas pelos paradigmas distintos de construções deverbais, como as construções em x-dor (como veremos à seção 4.5), ou as necessidades comunicativas, determinativas, em última instância, da expansão categorial de qualquer construção lingüística.

O que estamos dizendo, portanto, é que tal definição conceptual da base assinala uma condição favorável ou não à emergência da construção substantiva.

Vale considerar ainda que, dado o caráter projetivo e imaginativo da cognição humana e da linguagem, processos de projeção figurativa, podem atuar, e o fazem de modo freqüente, de modo a dar impressão de rompimento com as restrições conceptuais acima formuladas. É o caso da construção *cooperante* no exemplo abaixo:

As cooperantes recebem uma verba de bancada por cada bolsista.

No exemplo acima, *as cooperantes* refere-se a universidades que atuam como parceiras em um processo de cooperação. Diversas projeções vão atuar nesse caso. Em primeiro lugar, temos uma metonímia (instituição pelos responsáveis), em que a universidade "recebe" em lugar de seus dirigentes. Em segundo lugar, a superposição de uma metáfora ontológica de PERSONIFICAÇÃO (LAKOFF e JOHNSON, 1986, p. 75-85) que permite que *cooperar* (em sua base conceptual, vinculado ao grupo 2 acima), se

estenda a uma instituição. Por fim, outra metonímia (parte pelo todo) garante a forma substantiva (*cooperante* em lugar de *universidade cooperante*).

4.4.3.2 As construções deverbais e a questão da herança da grade argumental

O problema da especificação da herança da grade argumental da base verbal nas construções deverbais tem recebido, via de regra, um tratamento lexicalista, qual seja, tem sido imputado ao VERBO a informação sobre tal herança (como também ao sufixo).

Desse modo, explica-se a manutenção ou não dessa herança pela tipologia semântica da base verbal (verbos causativos, verbos de ação, por exemplo) e por suas grades argumentais (predicado de um, dois, três lugares).

É o que podemos ver em Léa Gamarski (Cf seção 3.3.3), que, numa perspectiva gerativista, tenta descrever os grupos de formações em x-nte pela base semântica do verbo, tentando mostrar quais bases mantêm a herança argumental e quais não o fazem. Para a autora, num processo de derivação, "além das propriedades lexicais da base e da categoria gramatical das formas envolvidas, o sufixo em si e o significado que ele aporta têm um papel central na seleção dos argumentos" (GAMARSKI, 1996, p. 394). Também explica que as diferenças que se apresentam entre as estruturas verbais e seus derivados seguem princípios gerais e devem ser interpretadas não em nível sintático, mas temático. Nestes termos, a autora aponta diferentes tipos de base verbal que, de acordo com sua estrutura semântica, levariam ou não à absorção de seus argumentos internos ou externos, gerando um conjunto de descrições de uso, mas sem oferecer qualquer hipótese explicativa.

Na perspectiva analítica assumida no presente estudo, a informação sobre a grade argumental está no padrão construcional e não no verbo ou no sufixo. Assim é que, nesses termos, a postulação do Padrão Abstrato Agentivo Genérico e da Construção Agentiva Deverbal, pode por fim a tal discussão. É nesses padrões construcionais que a informação sobre a grade argumental das formações agentivas emerge. Conforme proposto (Cf seção 4.1.2), tais construções de ação rotineira, convencional, evocam cenas scriptizadas, em que o foco está no Agente, sendo o Objeto uma opção da cena instanciada. Como tal, o Objeto Incorporado tem expressão sintática facultativa, condicionada a cada instanciação

pragmática. Desse modo, cada item lexical instanciado evoca um *script* mais canônico (fumante [de cigarros], por exemplo). Assim, a necessidade comunicativa de sinalizar uma leitura distinta da mais comum, pode levar à expressão lingüística do objeto. Assim, fumante **de charuto, de maconha, etc**

A tentação de especificar a herança argumental pela tipologia semântica da base verbal da construção, sem levar em conta a construção, o *script* como um todo e sua dinamicidade pragmática, é um vício de nossa herança formalista. Por outro lado, a abordagem construcional desse fenômeno tem a vantagem de oferecer uma hipótese explicativa para essa questão, que vem sendo abordada através de tipologias e de listas de uso sem qualquer relevância para uma teoria morfológica.

4.4.4 A dimensão semântica de aspecto durativo das construções x-nte

Como vimos (Cf seção 4.3.3), as construções em x-nte têm origem no tempo verbal latino particípio presente, que integrava as formas nominais do verbo. Semanticamente, tal forma expressava o tempo presente, acrescido do aspecto durativo e traduzia a idéia de modo. Tais formações estabeleciam também uma relação temporal indireta com o verbo da oração principal e tinham a principal função de qualificar o substantivo.

Tomando as construções x-nte do PB, percebemos que, na passagem do Latim para o Português, a idéia de modo se perdeu no eixo do tempo, entretanto, o aspecto **cursivo durativo** se manteve tanto nas construções adjetivas quanto nas substantivas.

O que queremos considerar, na presente seção, é que **este traço de duração é marca aspectual que define a construção** e não, necessariamente, um traço semântico dos verbos que lhe servem de base.

Miranda (1979, p. 46-49), ao estabelecer uma restrição semântica para as formações x-nte, afirma que a maioria tem como forma de base verbos que traduzem o traço semântico de processo (*socializar/ socializante; neurotizar/neurotizante; encorajar/encorajente; alisar/alisante; intensificar/ intensificante*). É certo que tal escolha configura uma tendência majoritária nas

construções em questão, mas é fato também que outras bases semânticas concorrem para tal construção. São bases diversas, com verbos estativos ou dinâmicos (Cf. anexo 1): *existente, interessante, surpreendente, confortante, vivente, viajante, hidratante, estudante, dançante, fumante.*

Saed (1997), ao abordar a questão da semântica sentencial, prefere falar de **SITUAÇÕES** (não de verbos) **estáticas** ou **dinâmicas**. Em seus termos, cada situação distinta implica a interação de três dimensões informativas importantes – tipos de situação, tempo e aspecto. Desse modo, a semântica do verbo, ainda que relevante na construção, não é a definidora exclusiva do tipo de situação, podendo se alterar na interação com as categorias de tempo e aspecto. Segundo o autor, no entanto, há que se considerar também que situações do tipo dinâmicas ou estáticas se refletem nas escolhas lexicais. Nas construções em, x-nte, portanto, a preferência por verbos dinâmicos de processo, reconhecida por Miranda (1979), configura uma tendência natural de escolha lexical, dentro de uma situação, de uma CENA DINÂMICA E DURATIVA.

4.5 A Questão da Produtividade

Como vimos (Cf. seção 4.3.3) as formas em x-nt, como domínios de flexão e, portanto, como parte da morfologia produtiva (Cf. seção 3.2), eram extremamente produtivas em Latim, uma vez que eram pouquíssimos os verbos que não tinham particípio presente correspondente. Hoje, no PB encontramos restrições de produção para as construções deverbais em x-nte, o que as desloca para o campo da Morfologia Semiprodutiva.

Dentro de uma perspectiva gerativista, Basílio (1977, apud MIRANDA, p, 60), para explicar as restrições de produtividade, propõe a Hipótese do Bloqueio Paradigmático, o qual seria capaz de prever as restrições de produtividade de uma regra morfológica. Nesta esteira, Miranda (1979, p. 45-46) levanta dois pontos de restrição para a produtividade em x-nte. Em primeiro lugar, afirma que a produtividade de tais construções se restringe aos adjetivos. Segundo a autora, “embora ocorram na língua formações em –nte que funcionam

como nome e cuja descrição estrutural o falante é capaz de reconhecer, estas formas não se repetem no processo produtivo da língua". A autora mostra, então, que o bloqueio paradigmático vai determinar uma relação entre a produtividade das regras que formam agentivos, quais sejam, x-dor e x-nte, uma vez que –nte seria formador de adjetivos e -dor, de substantivos. Deste modo tais construções estariam em uma relativa distribuição complementar.

A segunda restrição apontada por Miranda (1979) se encontra no campo semântico. Como vimos (Cf. seção 4.4.4), para a autora, tais construções teriam, preferencialmente, como base, verbos de processo, ou seja, verbos que indicam "mudança de estado ou condição".

Entendemos que tais contribuições são valorosas para nossas pesquisas, e nos dão uma pista para revisitarmos tais questões numa perspectiva sociocognitivista.

Em primeiro lugar, vale reafirmar a alta produtividade dos adjetivos x-nte em nosso vernáculo. Exemplos de neologismos observados em *sites* de bate-papo, comprovam a vitalidade dessa rede de construções, como ilustram os exemplos abaixo:

bodante (*Hoje eu fiquei* ***bodante*** *aqui em casa o dia inteiro*
bolante (*ontem, vocês foram ao evento* ***bolante*** *em São Gonçalo*?)
gozante (*é Show do Red Hot Chilli Peppers, puuutz* ***gozante****, muito bom, essa banda é* ***gozante****!).*

As formas substantivas, ainda que mais reduzidas, ao contrário do que Miranda afirma, também apresentam uma significativa produtividade. É o caso de neologismos encontrados na gíria jovem, como *ficante* e *querente* (***Querente*** *é aquele que fica orbitando, só querendo e na primeira oportunidade pode se tornar, quem sabe, um "****ficante****"*), no *cluster* de papéis sociais; e *alisante*, no grupo dos produtos químicos[33].

Em relação à restrição semântica proposta, conforme já discutido à seção 4.3.5, a escolha de verbos de processo configura, de fato, uma tendência mobilizada pela cena processual evocada; não só pelo verbo, mas pela construção x-nte como um todo.

[33] Estes e outros exemplos de neologismos podem ser encontrados no anexo 2.

Em se tratando das formas cristalizadas existentes em nosso vernáculo, há também formações que vieram do latim, cuja base verbal caiu em desuso, mas que também apresentam função adjetiva no PB, como *paciente, inocente, inteligente, eloqüente, consciente, elegante, docente, discente, inconseqüente*, etc (Cf. anexo 3). Conforme já assinalado à seção 4.4.1, as formas não produtivas se estendem em uma rede polissêmica mais ampla que as produtivas. Além disso, Gonçalves (2004) nos mostra que a perda da função verbal fez também com que muitas formas *x-nte* se fixassem na língua de forma independente de sua forma de origem, ocorrendo assim a gramaticalização em outras classes gramaticais, (*bastante, mediante*, entre outras). Não estamos incluindo tais formas em nossa rede, uma vez que estas já se cristalizaram e não remetem a uma construção produtiva no PB contemporâneo. A origem dessas palavras será descrita mais detalhadamente nos anexos 3, 4 e 5[34] .

4.5 Considerações Finais

Vale, por fim, realçar que o princípio da não-sinonímia, na Gramática das Construções (Cf. seção 2.3.1), justifica a postulação de uma rede composta de duas construções distintas para abarcar os dois *clusters* de x-nte, quais sejam: CONSTRUÇÃO DE PROPRIEDADE (adjetivo) e CONSTRUÇÃO DE PERSONIFICAÇÃO (substantivos). O que temos, em síntese, são as condições seguintes:

I. A mesma composição mórfica de base: [X_V -nte $_{suf}$];

II. *Clusters* sintaticamente distintos: 1. Adjetivo; 2.substantivo;

III. Semelhança semântica: os *clusters* 1 e 2, como herança do aspecto durativo em latim, exprimem situações de processo, **ações rotineiras, habituais** (*trabalho humilhante, neurotizante, estafante, estressante);*

[34] Os anexos 3 e 4 foram feitos por Anna Carolina F. Carrara, Cláudio Calábria, João M. Reis Faria e Paula Zaggota, alunos do curso de Letras e bolsistas de Iniciação Científica da UFJF, colaboradores deste trabalho.

ações rotineiras como práticas sociais *(comerciante, estudante, navegante, falante*);

IV. Diferença semântico-pragmática: 1. função caracterizadora (construção de propriedade); 2.função de nomeação (construção de personificação)

A hipótese de um tratamento homonímico do fenômeno não nos ocorre pelos motivos de herança metafórica e metonímica já apontados e, também, pelo fato de que nem nos estudos de tradição formalista, em que a homonímia é fartamente sugerida para explicar a "coincidência de formas", a construção x-nte é tratada dessa forma. Miranda (1979) sugere uma única regra de formação de palavras (RFP) ou de descrição (RAE) para tais formações.

A possibilidade, portanto, de estipularem-se elos metonímicos e metafóricos entre as construções x-nte nos autoriza a apontar a existência de uma rede de construções polissêmicas de grande vitalidade no PB contemporâneo.

5. CONCLUSÃO

"A mente que se abre a uma nova idéia
jamais voltará ao seu tamanho original."
Einstein

Ao término deste trabalho, continuo acreditando ter feito a escolha certa ao me enveredar pelo caminho dos estudos morfológicos, embora tenha sido este um grande desafio, uma vez que a tarefa de tomar o componente morfológico do léxico como matéria investigativa, após meio século de hegemonia da sintaxe, traz consigo seus percalços, ainda mais quando nos propomos a lançar um novo olhar para seus fenômenos, buscando uma nova perspectiva epistemológica e contrapondo-nos à tradição formalista.

Uma grande dificuldade enfrentada por nós veio do fato de, como dissemos no início, estarmos num caminho ainda pouco trilhado por pesquisadores cognitivistas no território da língua portuguesa, o que nos trouxe uma escassez de trabalhos, não apenas acerca do objeto recortado, mas do campo morfológico em geral, nos levando a buscar, nas teorias do campo sintático, subsídios que embasassem nossas pesquisas morfológicas. Em nossa busca, também percebemos que os fenômenos morfológicos ainda não fazem parte da agenda principal de investigações do viés sociocognitivista. Foi assim que, prosseguindo com o trabalho de Botelho (2004) e Carmo (2005), tivemos a ousadia de tentar construir "uma ponte", estendendo ao campo morfológico os constructos teóricos cognitivistas que têm sido utilizados nas análises sintáticas. A descoberta de uma nova concepção do léxico, mais flexível, e ao mesmo tempo, fortemente consubstanciada teoricamente (Jackendoff), trouxe a contribuição decisiva para o direcionamento de nossas análises. Deste modo, foi-nos possível evidenciar a aplicabilidade do conceito de **construção** no campo da integração conceptual do léxico e, mais especificamente, no domínio morfológico. As conclusões a que pudemos chegar, dos limites de nossa análise a respeito das condições de licenciamento**,** armazenamento e recorrência das construções x-nte, não só confirmam os achados analíticos de Botelho (2004) e Carmo (2005), como os ampliam. Em termos sucintos, nossas conclusões principais podem ser postas nos seguintes termos:

1. As construções agentivas x-nte no PB são recobertas pela existência de uma rede de padrões construcionais agentivos, em diferentes níveis de especificação, quais sejam, o **Padrão Abstrato Agentivo Genérico**, capaz de recobrir tanto as construções agentivas sintéticas (mórficas), quanto as analíticas (sintáticas); a **Construção Agentiva Mórfica Genérica Deverbal** que, por sua vez, abarca as **Construções Agentivas Deverbais em x-nte**.
2. As construções agentivas deverbais são resultado de micronarrativas que se comprimem em seu agente, processo este denominado de **compressão de personificação**, o qual condensa todo o evento no seu protagonista – o Agente.
3. As construções agentivas evocam uma **cena conceptual de ação rotineira** (comum a construções sintáticas), que pode caracterizar o agente ou se cristalizar como prática social, passando a nomeá-lo (*governante*, *fumante*).
4. Existe uma rede de construções deverbais x-nte, que se constitui de duas construções: a CONSTRUÇÃO DE PROPRIEDADE (adjetiva) e a CONSTRUÇÃO DE PERSONIFICAÇÃO (substantiva), herdeira por elos metafóricos e metonímicos, respectivamente.
5. Em termos sincrônicos, a construção de personificação (Agente Humano) se expande através de elo metafórico, gerando a construção de agente químico.
6. O processo de expansão categorial de construção adjetiva para substantiva pode ser delimitado, em parte, pela restrição sintático-semântica imposta à estrutura argumental de cada construção em relação ao ARGUMENTO EXTERNO (marcado como humano e não humano).

Em termos de contribuição teórica à hipótese sociocognitivista, o que os achados acima fortalecem, em primeiro lugar, é a afirmação da continuidade essencial entre gramática e léxico e o reconhecimento de que o componente lexical, como um dos componentes de interface linguístico, não é o lugar das idiossincrasias, mas do conhecimento. Do mesmo modo se afirma a crença na naureza sociointeracional dos processos de significação.

Acreditamos que as hipóteses e análises que levantamos aqui, somando-se a outros estudos que vêm sendo realizados nessa área pelo GP Gramática e Cognição (Cf.

introdução), poderão contribuir não apenas para as pesquisas no campo lexical, mas para os estudos sociocognitivistas, já que seus resultados investigativos corroboram nossas crenças acerca do poder projetivo da mente humana, que forja, através da integração conceptual, não apenas o artefato linguístico mas, também, revela as formas como conhecemos e percebemos o mundo ao nosso redor.

Entendemos ter sido de suma importância o diálogo travado neste estudo com as contribuições e lacunas da tradição formalista. Assim é que somos, de algum modo, devedores da investigação sobre os agentivos dentro da hipótese lexicalista (MIRANDA, 1979), na medida em que o centro da nossa investigação está, como esteve para tal hipótese (Cf. seção 3.1), guardadas as devidas distinções epistemológicas, em um padrão genérico para as formações agentivas.

Por fim, esperamos ter contribuído para uma nova proposta explicativa para estes fenômenos da linguagem, ajudando a alargar fronteiras para outros pesquisadores que quiserem se aventurar por este instigante caminho da Morfologia Semiprodutiva, ou ainda, dentro deste campo mais abrangente que é o léxico.

ANEXO 1

1º Grupo: Construção de PROPRIEDADE (formações adjetivas)

2º grupo: Construção de PERSONIFICAÇÃO 1 (formações substantivas - agente humano)

3º grupo: Construção de PERSONIFICAÇÃO 2 (formações substantivas - agente químico)

ANEXO 1

1º Grupo: Construção de PROPRIEDADE (formações adjetivas)

1. abranger - abrangente
2. abundar - abundante
3. aglutinar – aglutinante
4. agonizar - agonizante
5. alienar - alienante
6. alucinar - alucinante
7. amenizar - amenizante
8. andar - andante
9. anestesiar - anestesiante
10. angustiar - angustiante
11. aromatizar - aromatizante
12. arrepiar - arrepiante
13. ativar - ativante
14. atordoar - atordoante
15. automatizar - automatizante
16. barbarizar - barbarizante
17. bastar - bastante
18. berrar – berrante
19. borbulhar - borbulhante
20. brilhar - brilhante
21. broxar - broxante
22. cativar - cativante
23. centralizar - centralizante
24. cessar - (in) cessante
25. chocar - chocante
26. cintilar - cintilante
27. coagular - coagulante
28. confiar - confiante
29. conflitar - conflitante
30. confortar - confortante
31. congestionar - congestionante
32. conscientizar - conscientizante
33. consistir - consistente
34. constar - constante
35. contagiar - contagiante
36. contrariar - contrariante
37. contrastar - contrastante
38. convencer - convincente
39. corar - corante
40. correr - corrente
41. cortar - cortante
42. crescer - crescente
43. cristalizar - cristalizante
44. culminar - culminante
45. dançar - dançante
46. debilitar - debilitante
47. decair - decadente
48. dedilhar - dedilhante
49. delirar - delirante
50. desafiar - desafiante
51. descer - descente
52. desconcertar - desconcertante
53. deslizar - eslizante
54. determinar - determinante
55. diferir - diferente
56. dissonar - dissonante

57. distar - distante
58. dominar - dominante
59. edificar - edificante
60. eletrizar - eletrizante
61. embaraçar - embaraçante
62. embriagar - embriagante
63. emocionar - emocionante
64. empolgar - empolgante
65. encorajar - encorajante
66. encorajar - encorajante
67. enervar - enervante
68. enfatizar – enfatizante
69. engordar - engordante
70. envolver - envolvente
71. equivaler - equivalente
72. escaldar - escaldante
73. escandalizar - escandalizante
74. espumar - espumante
75. esterelizar - esterilizante
76. estimular - estimulante
77. estressar - estressante
78. esvoaçar - esvoaçante
79. exacerbar - exacerbante
80. exalar - exalante
81. exceder - excedente
82. excitar - excitante
83. excluir - excludente
84. executar - executante
85. existir - existente
86. expor - expoente
87. extravasar - extravasante
88. fadigar - fatigante
89. fascinar - fascinante
90. fertilizar - fertilizante
91. fervilhar – fervilhante
92. fixar - fixante
93. florescer - florescente
94. flutuar - flutuante
95. galopar - galopante
96. gotejar - gotejante
97. hesitar - hesitante
98. horripilar - horripilante
99. humilhar - humilhante
100. ignorar - ignorante
101. importar -Importante
102. impressionar - impressonante
103. imunizar - imunizante
104. inalar - inalante
105. insinuar - insinuante
106. insistir - insistente
107. instigar - instigante
108. integrar - integrante
109. intensificar - intensificante
110. interessar - interessante
111. inundar - inundante
112. irritar - irritante
113. judaizar - judaizante
114. mandar - mandante
115. marcar - marcante
116. minguar - minguante
117. nasalizar - Nasalizante
118. navegar - navegante

119. negligenciar - negligente
120. negociar - negociante
121. neurotizar - neurotizante
122. padronizar - padronizante
123. paralizar - paralizante
124. periclita - periclitante
125. permanecer - permanente
126. perseverar - perseverante
127. persistir - persistente
128. pertencer - pertencente
129. poder - potente
130. polimizar - polemizante
131. preceder - precedente
132. purgar - purgante
133. relevar - (ir) relevante
134. resistir - resistente
135. restar - restante
136. ruborizar - ruborizante
137. saber - sapiente
138. sacolejar - sacolejante
139. salivar - salivante
140. saltitar - saltitante
141. santificar - santificante
142. seguir - seguinte
143. semelhar - semelhante
144. simpatizar - simpatizante
145. sinalizar - sinalizante
146. sintetizar - sintetizante
147. socializar - socializante
148. sufocar - sufocante
149. surpreender - surpreendente
150. temer - temente
151. tolerar - (in) tolerante
152. valer - valente
153. viver - vivente
154. vulgarizar - vulgarizante

2º grupo: Construção de personificação 1 (formações substantivas - agente humano)

155. agir - agente
156. ajudar - ajudante
157. amar - amante
158. assaltar - assaltante
159. assistir - assistente
160. atacar - atacante
161. atender - atendente
162. ceder - cedente
163. comediar - comediante
164. comerciar - comerciante
165. concorrer - concorrente
166. contribuir - contribuinte
167. escrever - escrevente
168. estudar - estudante
169. fabricar - fabricante
170. falar - falante
171. feirar - feirante
172. fumar - fumante
173. gerir - gerente
174. governar - governante
175. habitar - habitante
176. imigrar - imigrante
177. inadimplir - inadimplente
178. mudar - mutante
179. negociar - negociante
180. ocupar - ocupante
181. opor - oponente
182. ouvir - ouvinte
183. participar - participante
184. pedir - pedinte
185. presidir - presidente
186. remeter - remetente
187. repetir - repetente
188. representar - representante
189. servir - servente
190. traficar - traficante
191. viajar – viajante

3º grupo – Construção de personificação 2 - (formações substantivas - agente químico)

192. acidular- acidulante
193. adoçar - adoçante
194. alisar - alisante
195. alvejar - aljevante
196. amaciar - amaciante
197. aromatizar - aromatizante
198. conservar - conservante
199. corante - corante
200. desinfetar - desinfetante
201. detergir - detergente
202. esfoliar - esfoliante
203. estimular - estimulante
204. fertilizar - fertilizante
205. hidratar - hidratante
206. impermeabilizar - impermeabilizante
207. refrigerar - refrigerante

Obs:

1. Algumas palavras têm se cristalizado como nomes de objetos, por um processo metonímico, como *berrante e brilhante.*

2. As palavras destacadas (194, 195, 202) ainda não são dicionarizadas, mas já estão cristalizadas no uso dos falantes do PB.

ANEXO 2

NEOLOGISMOS

NEOLOGISMOS

Os neologismos presentes na seguinte lista são oriundos da criação de novas palavras ou da incorporação de novos significados a termos já existentes. O valor entre parênteses é o número de ocorrências da palavra. Duas são as fontes que utilizamos: o Dicionário de Gírias, de Serra e Gurgel, e a Internet, através do site de busca Google.

ABORRECENTE – adolescente (690)
Ex: "O Marcelo é aborrecente, mas é um bom rapaz."

APAZIGUANTE – entre destróiers, fumar cigarro de maconha (?)
Ex: "Tô querendo um apaziguante pra ficar na minha e viajar sem rumo."

BERRANTE – revólver (?)
Ex:"Me dê meu berrante preu acertar as contas com aquele filho da puta."

BODANTE – que "deixa de bode" (42)
Ex: "É um fumo mais bodante, tipo mais anestesiante."
"Hj eu fikei bodante aki in ksa o dia intero, só q eu assisti um filme mtu engraçado, A Filha do Chefe".
"Depois de uma ultima aula muito bodante de metodologia de ensino."

BODEANTE – variação de bodante (18)
Ex: "Gente, teve uma festinha pros intercambistas neh..e podia levar amigos americanos..foi legalzinha ateh..mtooooo bodeante..mas foi legalzinha.."

BOLANTE – (959)
Ex: "É MUITO bolante encontrar uma letra de 04/10/2002 tipo essa."
"oiiiiiiiiii q foto bolante..!rs... ficou muito legal!!"

BROXANTE – desanimador, que faz broxar (9.260)
Ex: "E embora Simpson seja esse deleite visual todo, não compensa o sacrifício de assistir a produto tão broxante de uma Hollywood que por vezes se comporta como boneca inflável."
"Qual a situação mais broxante que pode acontecer numa transa?".
"Ele respondeu q chega a ser broxante ser dj em recife, pq vc rala pra comprar uma mesa, estuda mt, viaja pra aprofundar seus conhecimentos, passa horas treinando, ai vc vai em uma boate oferecer seus serviços, assim q vc chega, ve um projeto de dj, fazendo milhoes de melecas, kd mixagem tosca, quando vai mudar uma musica pra outra, estraga tudo q da vontade de parar de dançar..."

CADEIRANTE – usuário de cadeiras de rodas (13.400)
Ex: "Dificuldades de um cadeirante. Cineasta registra dia-a-dia de pessoas de cadeiras de rodas em São Paulo."

"Cadeirante vence São Silvestre, mas pede ajuda para voltar a Belém-PA."

FICANTE – quem tem um "relacionamento que tem continuidade, mas não é um compromisso de fato." (18.000)

Ex: "Que tipo de ficante você é? Desencanada, controladora, tímida ou independente? Responda ao teste e aprenda um pouco mais sobre você."
"...não há para os "ficantes" qualquer obrigação para com o outro."
"Dizer que o "ficante" foi traído é verdadeiro absurdo."

FUÇANTE (77)

1- nariz:
Ex: "Mete o fuçante na porta e veja o que está acontecendo."
2- aquele que "fuça", curioso:
Ex: "EU... MECÂNICO??? CLARO QUE NÃO!!! SOU UM ETERNO "FUÇANTE."

GOZANTE – que dá prazer (1.020)

Ex: "Show Do Red Hot Chilli Peppers, puuutz gozante, muito bom!"
"Na medida que aparece a lei, que dá o limite, a criança deixa de ser gozante e se coloca como desejante."
"Poesia livre e libertária, gozadora e gozante, livre da maldição do 'politicamente correto'"

LARICANTE – refere-se aos efeitos causados após se fumar maconha (3)

Ex: "Ontem fumei uma maconha muito laricante."

MIJANTE (45)

1- sexo masculino ou feminino
Ex: "O mijante tá dolorido, preciso ir ao médico."
2- aquele que "mija"
"Já escrevi para essa fábrica sugerindo a colocação de um sensor que identifique o sexo do mijante. Funcionaria com base no cálculo da distância entre o sensor (colocado no fundo do vaso) e a luz incidente na hora do xixi. Se a coisa ficar escura, é mulher (sentou). Caso contrário, é homem."
3- que faz mijar (não no sentido literal)
"É irônico, é (desculpe o termo) mijante de rir!"

PASMANTE – que causa embasbaca, que espanta (73)

Ex: "É pasmante saber que esse homem, depois de desviar fortunas, jamais será pego pela justiça."

PINGENTE – pessoa que viaja em cima dos trens (?)

Ex: "Os pingentes correm sério risco de vida."

PISANTE – sapato, botina (895)

Ex; "Veja o meu pisante, lindão, xará."

QUERENTE – pessoa que está paquerando outra (1.100)

Ex:"Tem o 'ficante' que todo o mundo conhece, mas também tem o "querente". Querente é aquele que fica orbitando, só querendo e na primeira oportunidade pode se tornar, quem sabe, um "ficante". Você já parou para perceber quantos "querentes" tem a sua volta?"

POSSANTE – carro

Ex: "O possante dele tá na oficina."

VINDANTE – futuro (2)

Ex: "Num vindante próximo, comprarei esta casa."

"Dia 13 de agosto vindante, tem jantar dançante em homenagem ao dia dos Pais."

PASMANTE – que embasbaca, que espanta, causa pasmo (73)

Ex: "É pasmante saber que esse homem, depois de desviar fortunas, jamais será pego pela justiça."

ANEXO 3

FORMAÇÕES ERUDITAS

FORMAÇÕES ERUDITAS

As formações eruditas são palavras que já existiam no latim e que passaram para o português através dos processos naturais de mudança fonética. Ao contrário da maior parte das construções latinas em X-*ns*, predominantemente formas do particípio presente ativo, algumas eram adjetivos já naquele momento, ou seja, não se ligavam a nenhum verbo. É o caso de *clemens, -entis*, que não era particípio presente (doravante Ppres) de nenhum verbo e que veio ao português diretamente como *clemente*.

A maioria destas formações se manteve como adjetivo e exprime aspecto durativo, mas também existem construções que se gramaticalizaram, no português atual, como substantivos e mesmo como advérbios.

O grupo de construções latinas em *X-ns* que mantiveram as características adjetivas tomou três rumos distintos em sua passagem para o português atual:

1) Em muitas construções deste grupo observam-se, durante a passagem do latim para o português atual, a queda em desuso ou mesmo o apagamento de suas contrapartes verbais (por exemplo, *excelente* não se relaciona, no português atual, a um verbo "exceler", como o par *estudante*/*estudar*). Os casos semelhantes estão marcados com o número [1];
2) Com o número [2], temos os casos como os de *cadente*: ainda que se relacione ao verbo *cair*, seu radical está ligado ao verbo latino *cadere*.
3) Por fim, com o número [3], temos os adjetivos cuja acepção não está ligada ao sentido mais usual do verbo a que se relaciona, mas sim a uma acepção secundária. É o caso de *competente*, que não significa "aquele que compete", mas sim "aquele a quem compete alguma tarefa", sentido do verbo *competir* menos difundido que o anterior.

absorvente: *s.m.* de *absorbens, -entis,* Ppres de *absorbeo* "engolir, absorver".

acidente: *s.m.* de *accidens, -entis,* Ppres de *accido* "acontecer".

adjacente[1]: *adj.* de *adiacens, -entis,* Ppres de *adiaceo* "estar junto de".

adolescente[1]: *adj.* de *adolescens, -entis,* Ppres de *adolesco* "crescer, desenvolver-se, arder".

adstringente[1]: *adj*. de *adstringens, -entis,* Ppres de *adstringo* "apertar, atar".

afluente[1]: *adj*. de *affluens, -entis,* Ppres de *affluo* "dirigir-se para".

ambiente[1]: *adj*. de *ambiens, -entis,* Ppres de *ambio* "ir ao redor de".

ambulante[1]: *adj*. de *ambulans, -antis,* Ppres de *ambulo* "passear, caminhar".

arrogante[1]: *adj*. de *arrogans, -antis,* Ppres de *arrogo* "atribuir a si algum direito".

bacante: *s.f.* de *bacchans, -antis,* Ppres de *bacchari* "celebrar as festas de Baco".

bastante[3]: *adv*. de *bastans, -antis,* particípio presente de *basto* "apoiar".

cadente[2]: *adj*. de *cadens, -entis,* Ppres de *cado* "cair".

ciente[1]: *adj*. de *sciens, -entis,* Ppres de *scio* "saber".

clemente: *adj*. do adjetivo *clemens, -entis* "sereno, manso".

coadjuvante[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo {*con-*} a *adiuuans, -antis,* Ppres de *adiuuo* "ajudar".

coerente[1]: *adj*. de *cohaerens, -entis,* Ppres de *cohaero* "concordar, combinar".

competente[3]: *adj*. de *competens, -entis,* Ppres de *competo* "ser da competência".

concomitante[1]: *adj*. de *concomitans, -antis,* Ppres de *concomito* "acompanhar".

condescendente[1]: *adj*. de *condescendens, -entis,* Ppres de *condescendeo* "concordar".

conivente[1]: *adj*. de *conniuens, -entis,* Ppres de *conniueo* "fechar os olhos".

consciente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo {con-} a *sciens, -entis,* (v. **ciente**).

constante[3]: *adj*. de *constans, -antis* "que tem firmeza, harmonia, constância", forma relacionada ao verbo *consto* "permanecer".

corrente[3]: *s.f.* e *adj*. de *currens, -entis,* Ppres de *curro* "correr".

decente[1]: *adj*. de *decens, -entis,* Ppres do verbo unipessoal *decet* "convém".

deferente[1]: *adj*. de *deferens, -entis,* Ppres de *defero* "levar, conduzir".

eficiente[1]: *adj*. de *efficiens, -entis,* Ppres de *efficio,* alomorfe de *facio* "fazer".

deficiente[1]: *adj*. de *deficiens, -entis,* Ppres de *deficio,* "faltar".

diligente[1]: *adj*. de *diligens -entis,* Ppres de *diligo* "dedicar-se, amar".

dissidente[1]: *adj*. de *dissidens -entis,* Ppres de *dissideo* "afastar-se".

dormente[3]: *adj*. de *dormiens -entis,* Ppres de *dormire* "adormecer".

eloquente[1]: *adj*. de *eloquens, -entis,* Ppres do depoente *eloquor* "falar".

eminente[1]: *adj*. de *eminens -entis,* Ppres de *emineo* "elevar-se".

estridente[1]: *adj*. de *stridens, -entis,* Ppres de *strideo* "produzir som".

evidente[1]: *adj*. de *euidens*, forma relacionada a *uidens, -entis,* Ppres de *uideo* "ver".

excelente[1]: *adj*. de *excellens -entis,* Ppres de *excelleo* "elevar, exceder".

exuberante[1]: *adj*. de *exuberans, -antis,* Ppres de *exubero* "sobrar".

fluente[3]: *adj*. de *fluens, -entis,* Ppres de *fluo* "ser verboso".

fragrante[1]: *adj*. de *fragrans, -antis,* Ppres de *fragro* "cheirar bem".

gradiente[1]: *adj*. de *gradiens -entis,* Ppres de *gradior* "caminhar".

imanente[1]: *adj*. do Ppres da locução verbal *in maneo* "permanecer".

iminente: *adj*. de *imminens, -entis,* Ppres de *immineo* "estar para acontecer".

indigente[1]: *adj*. de *indigens, -entis,* Ppres de *indigeo* "carecer".

indolente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo de negação {*in*-} a *dolens, -entis,* Ppres de *doleo* "sentir dor", o qual deu, em português, "doente".

inerente[1]: *adj*. de *inhaerens, -entis,* Ppres de *inhaereo* "ser inseparável".

ingrediente: *s.m.* de *ingrediens, -entis,* Ppres de *ingredior* "entrar".

inocente[1]: *adj*. da construção *innocens,-entis,* em que o prefixo de negação {*in*-} foi acrescido ao Ppres de *noceo* "fazer mal", *nocens, -entis*.

Insipiente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo {*in*-} a *sapiens, -entis,* Ppres de *sapio* "ter inteligência".

insolente[1]: *adj*. do adjetivo *insolens, -entis,* "atrevido".

insuficiente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo de negação {*in*-} a *sufficiens, -entis,* (ver **suficiente**).

insurgente[1]: *adj*. de *insurgens, -entis,* Ppres de *insurgo* "atacar (de improviso)".

inteligente[1]: vem de *inteligens, -entis,* Ppres de *inteligo* (ou *intelego*) "compreender, saber".

intermitente[1]: *adj*. de *intermittens, -entis,* Ppres de *intermitto* "interromper".

itinerante: *s.m.* de *itinerans, -antis,* Ppres de *itinerari* " viajar".

lactante: *s.f.* vem de *lactans, -antis,* Ppres de *lacto* "dar leite".

lactente: *s.2.g*. do substantivo *lactens, -entis,* Ppres de *lacteo* "mamar”.

negligente[2]: *adj*. de *negligens, -entis,* Ppres de *negligo* "renunciar, desprezar".

obstante[1]: adv. vem de *obstans, -antis,* particípio presente de obsto "impedir".

paciente[1]: de patiens, -entis, Ppres de *patior* "suportar".

parente: *s.2.g.* do adjetivo *parens, -entis* "da mesma família", que se refere a qualquer pessoa da família.

parturiente[1]: *adj*. de *parturiens, -entis,* Ppres de *parturio* "parir, dar à luz".

patente[1]: *adj*. e *s.m.* de *patens, -entis,* Ppres de *pateo* "estar aberto, tornar público".

permanente[2]: *adj*. de *permanens, -entis,* Ppres de *permaneo* "persistir".

pertinente[2]: *adj*. de *pertinens, -entis,* Ppres do defectivo *pertinet* "pertence".

petulante[1]: *adj*. de *petulans, -antis,* Ppres de *petulo*, freqüentativo de *peteo* "reclamar".

presente: *adj*. do adjetivo *praesens, -entis* "presente".

proeminente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo {*pro-*} a *eminens, -entis,* (ver **eminente**).

proficiente[1]: *adj*. do acréscimo do prefixo {*pro-*} a *eficiens, -entis,* (ver **eficiente**).

prudente[1]: *adj*. de *prudens, -entis,* adjetivo sincopado de *prouidens, -entis,* Ppres de *prouideo* "ter cautela".

pungente[1]: *adj*. de pungens, -entis, Ppres de pungo "espetar, furar".

purgante[1]: *adj*. de *purgans, -antis,* Ppres de *purgo* "expiar".

quente[1]: *adj*. de *calens, -entis,* Ppres de *caleo* "aquecer".

rente[1]: *adj*. de *radens, -entis,* Ppres de *rado* "raspar".

sibilante[1]: *adj*. de *sibilans, -antis,* Ppres de *sibilo* "assobiar".

solvente[3]: *adj*. de *solvens, -entis,* Ppres de *solvo* "desligar, decompor, dissolver".

suficiente[1]: *adj*. de *sufficiens, -entis,* Ppres de *sufficio* "caber".

ululante[1]: *adj*. de *ululans -antis,* Ppres de *ululo* "lamentar-se".

valente[3]: *adj*. de *ualens, -entis,* Ppres de *ualeo* "ter força, ser estimado".

veemente[1]: *adj*. de *uehemens, -entis,* Ppres de *ueho* "exaltar-se".

volante: s.m. de uolans, -antis, Ppres de volo "voar".

ANEXO 4

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

A construção x-nte não é exclusividade do português; oriunda do particípio presente do verbo latino, ela também passou às demais línguas neolatinas com características semelhantes às estudadas neste trabalho. Através da história, várias palavras com o sufixo -nte, formadas ou preservadas nesses outros idiomas (sobretudo francês, italiano e castelhano), incorporaram-se ao português. Este anexo pretende exemplificar, embora não exaustivamente, tais empréstimos lingüísticos.

É interessante notar que a função substantiva predomina sobre a adjetiva na maioria das palavras compiladas. Isto é condizente com a "economia" do intercâmbio lingüístico, na qual substantivos são moeda de troca, dando nome às inovações científicas, tecnológicas e culturais que se importam de uma determinada cultura. Muito menos freqüentes são os empréstimos de adjetivos e verbos, geralmente formados dentro do próprio idioma. Por sua vez, palavras sem preenchimento lexical como preposições, pronomes e conjunções não costumam trafegar de uma língua já consolidada a outra.

Também pode-se observar que a grande maioria destas palavras incorporou-se ao português antes do século XX. Uma boa hipótese para a escassez de empréstimos lingüísticos em -nte nesse século é a gradual substituição da cultura latina (particularmente da França) pela anglo-saxônica como principal influência sobre o Brasil e o mundo. No decorrer do século XX este processo atingiu seu ápice, e os Estados Unidos consolidaram-se no posto de grandes exportadores globais de novos conceitos e tecnologias. É devido a isso, e também ao fato de muitos dos agentes da inovação científica atuais não terem compromisso com a tradição que recomenda nomear as descobertas com radicais greco-latinos, que grande parte dos nossos estrangeirismos atuais (nos campos da ciência e tecnologia) apresenta radicais de origem inglesa: *Big Bang*, *quark*, *internet*, *download*.

basculante *s.m.* XX. de um *bascular, deriv. do fr. *basculer*.

coeficiente *s.m.* 1813. do fr. *coefficient*.

contingente: s.m. XVII. do fr. *contingent*, derivado do latim *contingens*, *-entis*, part. de *contingere*.

debutante *s.f.* XX. do fr. *débutante*.

diletante *s.m.* 1873. do it. d*ilettante*, part. pres. de dilettare ‘deleitar, divertir’ e, este, do lat. *delectare*.

extravagante *adj. s2g.* XIV. do fr. *extravagant*, deriv. do lat. med. e*xtravagantis*.

figurante *s.2g.* 1858. do fr. *figurant*.

intendente *s.m.* 1813. do fr. *intendant*.

intrigante *adj.* 1813. do it. *intrigante*.

meliante *s.m.* XIX. do cast. *maleante*, de *malear*, deriv. de *malo* ‘mau’.

mercante *s.m.* XVI. do it. *mercante*, deriv. do lat. *mercans, -antis*, part. pres. de *mercari*.

quociente *s.m.* 1813. do fr. *quotient*, deriv. do lat. *quotiens, -entis*.

restaurante *s.m.* XIX. do fr. *restaurant*

tangente *s.f.* 1813. do fr. *tangent(e)*, deriv. do lat. *tangens -entis*, part. pres. de *tangere*.

tenente *s.m* XV. do fr. *(lieu)tenant*.

trinchante *s.m.* XVI. do fr. *tranchant*.

ANEXO 5

OBJETOS

LOCATIVOS

CONCEITOS

OBJETOS:

absorvente: lat. *Absorbens, entis* "que absorve, absorvente", particípio presente do verbo latino *absorbeo* "fazer desaparecer, engolir, absorver".

basculante: fr *basculant*, particípio presente de *basculer*.

corrente: lat. *Currens, entis,* particípio presente de *curro* "correr".

estante: substv. do ant. adjetivo *stante* (sXIII) "que está de pé, firme", do latim *stans, antis,* particípio presente de *estare* , "estar em posição vertical ou reta"

hidrante: sm. ingl. *hydrant*."Válvula ou torneira a que se liga a mangueira, para extinção de incêndios."

pingente: prov. adp. do esp. *pinjante* e, este, do aragonês *pinjante* (1444) de *pinjar-cat. ; penjar-lat. pendicare.*

sextante: lat. *Sextans, antis* "moeda no valor da sexta parte do ás, sexta parte de um todo".

trinchante: fr. *Tranchant* (1694) "duro e afiado, próprio para cortar", "fio de um instrumento de corte", particípio presente de *trancher* 'cotar, interromper".

volante: lat. *Volans, antis,* particípio presente de *volare* "voar, levantar vôo, vir ou ir rapidamente como quem voa".

LOCATIVOS*:*

horizonte: gr. *horízon, ontos*, pelo lat. *horizonte.* Linha circular que limita o campo da nossa observação visual, e na qual o céu parece encontrar-se com a superfície terrestre; Fig. Extensão indefinida; espaço

poente: lat. *ponente. lugar onde o sol se põe, ocaso.*

nascente: lat. *nascente* O nascer do sol. Lugar onde nasce um curso de água; cabeceira.

CONCEITOS:

expoente. lat. *exponente*. Número que, posto, alceado, à direita de um outro, indica a potência a que se deve elevar este outro.

secante: lat. *secante*, ‘que corta’, part. pres. de *secare*, ‘cortar’. Adjetivo. Que corta.

~ V. *arco* — e *reta* —. Geom. Reta que intercepta uma curva. Trig. Função que é o inverso do co-seno [símb.: *sec*].

tangente lat. *tangente*, ‘que toca’. Adjetivo de dois gêneros. Que tange ou que tangencia.

~ V. *plano -, reta -* e *vetor*

coeficiente lat. cient. *coefficiens, tis* < lat. *co-* + lat. *efficiens, tis*, ‘que efetua’

ANEXO 2

NEOLOGISMOS

ANEXO 3

FORMAÇÕES ERUDITAS

ANEXO 4

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

ANEXO 5

OBJETOS

LOCATIVOS

CONCEITOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambrige: Mass, The MIT Press, 1976

BASÍLIO, Margarida.. *Aspects of the Structure of the Lexicon: evidence from Portuguese*. PhD dissertation, The University of Texas at Austin, 1977.

_____ . *O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português.* In: Heye, J.(Org) Flores Verbais. Rio de Janeiro. Ed. 34,pp. 177-192. 1995.

_____ . *O princípio da analogia ma constituição do léxico: regras são clichês lexicais.* In: Veredas, v. 1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997

_____ . Fatores funcionais e cognitivos na flutuação N/Adj no Português do Brasil. In: A.S.Silva, A. Torres e M.Gonçalves (eds) Linguagem, Cultura e Cognição, vol. II. Almedina, Coimbra, 2004

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999

BOTELHO, Laura. *Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

BRONZATO, Lucilene Hotz. *A Abordagem sociocognitivista da construção de destransitivização: o enquadre da interdição*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. *A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista.* Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

CHOMSKY, Naom. *Aspects of the Theory of Sintax*. Cambride: Mass, The MIT Press, 1964.

_____ . *Remarks on nominalization.* In*: Reading in English Transformational Grammar*. Walthan, Ginn and Go. 1970

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsay. *Nova gramática do português contemporânea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1970.

Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caudas Aulete. Rio de Janeiro: Delta. 3 ed. 1978

Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos.1977

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1987.

FAUCONNIER, Gilles, *Mental Spaces*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 1994

_____ . *Mapping in Thought and Language*: Cambrigde University Press, 1997

_____ , TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERNANDINO, Helena Maciel. *As expressões Comparativas Hiperbólicas idiomáticas: uma abordagem cognitivista*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed. 1986

FERREIRA, Maristela da Silva. *Buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia, e, ainda por cima, jogar lenha na fogueira: Retomada de um diálogo sobre a questão da geratividade na linguagem*.. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone.* Language 64*:* 501-38. 1988.

FILLMORE, C. J. *Innocence: a second idealizations for linguistics. Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society***.** University of California, Berkeley. 1979.

FREGE, G. *Sobre sentido e a referência*. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978

GAMARSKI, Léa. *Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental – adjetivos devebais em –nte.* In: Gramática do Português Falado v. VI - Fapesp/Unicamp, 1996

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure.* Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Formações x-nte: da flexão em latim à derivação em Português.* Círculo fluminense de estudos filológicos e lingüísticos. UFRJ/CNPq, 2004. Disponível em <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_11.htm>

HALLE, Morris. *Prolegomena to a Theory of Word Formation*. in: *Linguistic Inquiry*, Vol. IV. Winter 1973

JACKENDOFF, Ray. *Morphological and Semantic Irregularities* in the Lexicon. In: Language. Vol. 51, 1975

_____ . *Foudations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

JESUS, Izabel T. *As construções condicionais proverbiais:* uma abordagem sociocognitiva. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press. 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MANDELBLIT, Nili. *Grammmatical Blending: Creative and chematic aspectos in sentence processing and translation*. San Diego: The University of California, 1997.

MIRANDA, Neusa. Salim. *Agentivos deverbais e denominais*: um estudo da produtividade *lexical*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

_____. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios***:** *uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In: Veredas, v. 3, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

Novo Dicionário Eletrônico Aurélio. CD-ROM. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a Gramática*. São Paulo: Ática, 1997

PULHIESI, Jackeline A. *Reflexividade e desreflexivização no Português do Brasil: a abordagem sociocognitiva sobre a Linguagem*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*, 3 ed., São Paulo: Contexto, 2003.

SACCONI, Luiz Antônio. N*ossa Gramática*. São Paulo: Atual, 1989.

SAEED, John. *Semantics*. Malden: Blackwell, 1997

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem.* Veredas, v.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil***:** *uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais.* Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004. Veredas, v.4, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999

_____. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas, v.2 , Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *Construções no Português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico.* Projeto integrado: UFJF/UFRJ, 2002

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil*: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 1986.

SERRA e GURGEL. *Dicionário de gíria – J.B. Modismo lingüístico – O equipamento lingüístico falado do brasileiro*, 5° edição. 1998

SILVA, Augusto Soares. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of Human Cognition.* Cambrige: Harvard University Press, 1996.

TORRES, Regina Celi Wenzel. *A personificação no texto acadêmico-formal: uma abordagem cognitivista*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

VARELA, F.; THOMPSON & ROCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.